

MAGLIANI

VOLUME II

Magliani Filho, 105/42
R. Dr. Vinga, 5. Paulo/SP
01229-001

... não tem...

... não...
... de voltar...
... Embrós...
... festa...
... que a...
... mem...
... outro...
... dade...
... radi...
... oness...

Remetente: Magliani 40/44
Endereço: R. Dr. Vinga 105/42
01306 São Paulo/SP

... agora sim.
... Verdade, Marchio está aqui. Vou visi-
... outra, comprou casa e passou teu-
... Na terceira rua chegou o cp. de
... meio de mãe, uia e Paulo.
... contato, fez muitos putaus
... Claudio, Hgia e amigos de
... parecem está gostando,
... mandando a casa, Supri-
... e' boa" com tanta
... enfere que.
... e parabéns à tar-
... finais eu pente a
... em ter notícias
... mamba



27422 A MBOC
11605 X SPVB
36325-000 TIJAPENTES/MG
MARIA LIDIA MAGLIANI
RUA CUSTODIO GOMES 172

TELEGRAMA PARANIZÉ
CONFABILIDADE A SUA DISPOSIÇÃO

Magliani 40/44
R. Dr. Vinga 105/42
01306 - São Paulo - SP

TELEGRAMA FONADO
E COMODO. TELEFONE PARA A
HOJE E PAGUE DEPOIS

... LITILE EMOCIONADA VENHA PASSAR UNS DIAS COMIGO TE ESCREVO
... ANHA UM BRILHO
... MAGLI



... po, Tenho que
... dar conta p/ Sub.
... (nardo)
... no enjra e/a
... meio - uche.
... wh'fro cria
... me coacer êli
... e era p/ apa-
... se da arô. que
... e a mad. ler



... "as resgas" que vão ap
... "apito" depois que
... faixinha "vermel:
... "chegar a jalen
... a cair o "senec
... Sem pinço que
... Novíssima litero



... já estou na minha casinha
... buccas, te reverendo no ate-?
... uya (de uya e' triste) freest
... esta pabaxem. Sem ro
... andido, aqui
... a. Po reges
... iucha e



Rio F. Assen
Alexandrino 660/165

Magliani 40/44
R. Dr. Vinga 105/42
01229-001 São Paulo/SP

... Young!
... ita Pollyana, um
... Magliani, the gu
... ni



Fundação **Iberê**

MAGLIANI

VOLUME II

CURADORIA
DENISE MATTAR
GUSTAVO POSSAMAI



PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA
ANIVERSÁRIO DE PORTO ALEGRE

19 de março a 31 de julho de 2022



Este caderno é parte integrante do catálogo que acompanha a exposição retrospectiva **Magliani**, composto por dois volumes. O primeiro deles foi concebido como um catálogo de obras, e este segundo contém textos referenciais e uma cronologia ilustrada da artista.

Durante a pesquisa para a realização da exposição, nos deparamos com uma quantidade impressionante de cartas, entrevistas e depoimentos, que tornam palpável o consistente pensamento da artista sobre sua vida e obra. Igualmente significativa é a fortuna crítica que acompanha toda a sua carreira, reunindo alguns dos mais importantes críticos e jornalistas do país.

Dentro desse processo de resgate da artista, realizado pela Fundação Iberê, consideramos essencial trazer a público uma seleção desse material, ainda que pequena em relação ao que existe.

Para tornar essa ideia uma realidade, contamos com o integral apoio de todos os autores, amigos, fotógrafos, jornalistas e arquivos, que nos abriram portas para pesquisa, consulta, e nos auxiliaram com conselhos e sugestões. Para encorajar novas leituras, os materiais aqui transcritos identificam a fonte que preserva cada original.

A cronologia teve como base aquela realizada por Julio Castro para o Núcleo Magliani, do Estudio Dezenove, mas foi realizado um amplo trabalho sobre ela para aferir, checar e complementar informações. O resultado é apresentado aqui em sua versão reduzida, sendo que a completa estará hospedada, em breve, no website do Núcleo.

Nossos agradecimentos a todos que autorizaram o uso de textos e fotos, a Izabel Ferreira pela transcrição das cartas e, em especial, ao Núcleo Magliani, ao Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS e ao Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. Foi graças ao trabalho de base realizado por essas instituições e por colecionadores que mantêm acervos documentais, que pudemos acessar dados e, agora, compartilhar informações que contribuam, de alguma forma, para a redescoberta da obra e do pensamento da artista.

Viva Magliani!

Denise Mattar
Gustavo Possamai
Curadores



MAGLIANI POR MAGLIANI

DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS

CAVALO BRANCO NA ESCURIDÃO

p/Caio

Madrugada, luz de vidro,
rosto esperado, esperando.
A lua de vidro é verde. E me queima.
Calo e volto.
No espaço me desenho: cavalo branco na escuridão.

Na ponta do silêncio, equilibrados,
cavalo branco na escuridão,
rosto esperando, esperado,
duas noites se buscando.

Não tenho canto nem palavra
que cobrir este vazio.
Não te encontro, não me vêes
e evitando e esperando
de medo e espera fumamos.

Verde, verde fumaça
e o grito calado e fundo
já era o depois da espera
sem saber ter esperado.

Não tenho tempo no corpo
que o meu espanto é maior.

E lua, lua nas pedras
no rio e nos olhos verdes,
na rua e no riso branco.
Cavalo branco no escuro
cavalgando muitas luas
no caminho sem achar, sufocado na procura.
Cavalo branco esperando
e dentro da espera – o encontro
traz uma espera maior.

Poema de Magliani em carta a Caio Fernando Abreu, Porto Alegre, 28 nov. 1967¹

amanhã
não serei de mim
nem mesmo
o pranto
nem terei as luzes
de outros olhos
O grito será – Não
silêncio o poema
branco
e as estrelas
serão pó
no fim da rua.

Poema de Magliani no folder de sua exposição, Galeria Leopoldina, Porto Alegre, 1967 ²

É A ARTE UMA PROFISSÃO?

Renato Gianuca

Correio do Povo, Porto Alegre, 9 nov. 1968, Caderno de Sábado, p. 15 ³

[...]

– Mudou muito, em um ano, o caráter de minha pintura – inicia Magliani. E prossegue: Já não vejo o lirismo que me atingiu em outro tempo. Agora sou uma delatora do desencontro. Desencontro sob todas as formas, do homem com o homem, do homem com seu mundo, dominado pela máquina. A denúncia da ausência de comunicação é o meu tema atual. Tenho uma série de trabalhos, desenhos feitos em São Paulo, reunidos sob o título “Nesta Cidade Cinzenta”, ou “Uma Nova Teoria do Conflito” ou, ainda, “Um estudo apurado da comunicação”.

– São Paulo? Considero a cidade muito desumana, onde as pessoas parecem nunca se encontrar, onde há uma ausência de afeto tão maiúscula quanto o progresso. Há um grupo que procura, desesperadamente, o outro, a comunicação, grupo este constituído pela minoria – o operariado artístico.

– Em função de tudo isto, do estudo, o meu trabalho atual é feito de uma maneira a procurar desvendar diversas possibilidades. Assim, o quadro é dividido em três planos, três momentos, com tratamentos diferentes. Num dos planos, a minha cor habitual – escura –, sendo o outro em preto e branco e o terceiro em cores primárias. É a contradição, o desencontro e a permanente solidão de um mundo, numa época onde, por toda a parte, parece haver uma placa: PROIBIDO.

[...]

MAGLIANI, UM TRABALHO CONSCIENTE QUE SE DEFINE NO CONDICIONAL ATUAL

Antonio Hohlfeldt

Correio do Povo, Porto Alegre, 7 jun. 1974 ⁴

[...]

UM (NÃO) RETORNO

“Gostei da ideia de expor com a Roseane [Silva], principalmente porque gosto muito do trabalho dela. Não sei o que o público vai dizer disso, mas eu gostei. Por outro lado, embora para este público seja um retorno meu, a verdade é que não se trata disso, porque eu nunca parei. O que aconteceu é que eu comecei a me sentir forçada por uma série de pessoas a fazer alguma coisa que eu não queria. Ora, ou gostavam do que eu fazia ou não gostavam. Eu não podia fazer um tipo de trabalho pré-determinado só porque estas pessoas, que são aquelas que dominam o chamado mercado de arte em Porto Alegre, queriam que eu o fizesse para poder vender bem. Então, pra não ficar mais amassada e não me pisar, eu me recolhi. Fiquei no meu canto, trabalhando, e confesso que nem pensava em expor, quando a direção da Galeria Gerda me convidou, me deu liberdade de trabalho, e disso eu gostei. Não acho que o que eu vou mostrar esteja muito distante do que o público tinha conhecido até o meu recolhimento. Tenho os meus tons cinzentos e escuros, o mesmo traço, talvez o que mudou, realmente, é que hoje em dia eu não tenho mais nenhum lirismo em meus trabalhos. Não há mais lugar pra o lirismo neles, eu já não sou mais lírica. Não se trata de uma mudança do mundo, eu até acho que sempre foi assim, o que acontecia é que eu, até há algum tempo, é que andava alienada, digamos, das coisas que andavam acontecendo por aí”.

Pertencente a uma família de formação tradicional, Magliani começou a descobrir o mundo na medida em que começou a pintar, a integrar grupos de teatro. Sua última etapa foi a participação nas redações de jornais, primeiramente na “Zero Hora” e, atualmente, no “Diário de Notícias”.

REFLEXÕES

“Como tudo que a gente faz com dedicação e carinho, é claro que estas experiências concretas devem trazer alguma coisa nova para mim. Mas poder apontá-la agora, identificá-la imediatamente é meio difícil. A gente é tão bombardeada, atualmente, pelas informações – esteja-se ou não em um jornal – a gente fica até confusa com tantas coisas que se sucedem. E eu confesso que nunca paro pra pensar isso, deixo tudo ir acontecendo, correndo, andando. É certo que o mundo belo e as pessoas maravilhosas já não me enganam mais. Mas também a gente ainda tem de acreditar em algo para continuar trabalhando. O que acontece é que eu não me contento mais com as metades das coisas que idealizo, sabe? Eu penso em algo, e gosto de poder realizá-lo por inteiro. Então, se o teatro, por exemplo, eu envolvida em um determinado espaço cênico, me ofereceu uma série de soluções para problemas que eu enfrentava em minha pintura, ao mesmo tempo também me deixou um pouquinho frustrada, e eu ando cada vez mais exigente. Assim, também isso colaborou muito pra eu ficar no meu canto, porque enquanto o teatro é sempre um trabalho de equipe, eu sempre vou depender dos outros, ao menos na pintura, em princípio, se eu fizer porcaria, é a mim mesma que eu deverei acusar”.

A SOLIDÃO

Magliani também fala da “solidão para quem quer fazer alguma coisa”. “O que eu gostaria de saber é se realmente esta solidão chega a ser quebrada quando a gente faz uma exposição, por exemplo. O que me preocupa é que esta solidão, no meu caso, tem várias implicações. Por exemplo: o fato de as pessoas exigirem que eu fosse uma artista primitiva pode significar que este caminho deveria ser o meu só porque eu sou negra. No Brasil, o racismo existe de uma maneira muito sutil, ele se manifesta a um nível de paternalismo muito esmaecido, mas existe, e a gente sente. Como quase todos os primitivistas são negros, e eu sou negra, então queriam que eu fosse primitivista. Assim, me dariam uma ajuda, eu entraria no mercado de artes, etc. e tal... De outro lado, os da minha própria raça, também me isolam porque eu não faço mensagem a favor dos negros em minhas pinturas. Então, veja só, eu fico isolada dos dois lados: para os brancos, eu deveria ser negra, para os negros, eu pareço ser branca. No fundo, a única coisa que eu quero fazer mesmo – pintar – ninguém parece querer me dar oportunidade”.

[...]

MAGLIANI, DEZ ANOS DE CRÍTICA

Angélica de Moraes

Folha da Manhã, Porto Alegre, 5 maio 1976⁵

Não se espere da artista Magliani quadros líricos e doces, que se incorporem mansamente à decoração de uma sala. Densos, agressivos, torturados, eles têm o poder de atrair pelo grotesco e seduzir pelo sufoco. O corte irônico e cruel dessa realidade pintada se adere na consciência do espectador num misto de mal-estar e fascínio. “A minha missão – e eu acredito que todos têm uma missão a cumprir – é a de mostrar que as coisas não estão tão bonitas assim por trás dos biombos e dos parquês polidos”, observa a pintora. Magliani inaugura hoje no Museu de Arte do Rio Grande do Sul uma individual comemorativa de seus dez anos de carreira.

Há dez anos, no dia cinco de maio de 1966, a jovem pintora Maria Lídia Magliani, ainda cursando o último ano da Escola de Artes da UFRGS, iniciava-se como artista profissional, expondo sua primeira individual. Na Galeria Espaço, a então romântica concepção de mundo de Magliani era expressa em quadros brancos de fundo preto, muitos pássaros e margaridas numa composição suave que incluía frases de poesia escritas pela própria pintora. Era o primeiro resultado ordenado de uma sensibilidade artística que começara a se exercitar aos quatro anos de idade.

– Quando criança eu nunca pensei em ser artista. Queria ser freira (para me vestir de preto), queria ser bailarina ou trapezista (o movimento sempre me fascinou), nunca tinha pensado em fazer da pintura meu modo de expressão. Mas já riscava a carvão mulheres nuas de longos cabelos nas tábuas da cerca de casa. Isso deu o maior escândalo na vizinhança. Não podiam acreditar que uma criança de quatro anos fizesse aquelas barbaridades.

Uma reportagem sobre Van Gogh numa revista, a visão idealizada de um homem sofrido e solitário – que nunca abandonou seu ideal – incendiou a imaginação infantil da improvisada muralista de cercas. O presente do pai – uma caixa de tintas que usa até hoje – foi o incentivo para começar a pintar paisagens, dedicando dias inteiros a desenhos feitos sobre qualquer pedaço de papel encontrado. Já na Escola de Belas Artes, foi uma aluna talentosa e rebelde que se negava a copiar garrafas e peças de gesso. “Eu me escondia atrás da cortina usada pelos modelos vivos e fazia lá meu ateliê. E que ninguém entrasse para bisbilhotar. Não deixava nem meu professor, o Ado Malagoli, chegar perto. Eu estava fazendo pesquisas com pintura em relevo, que me deu a pista para desenvolver minha série lírica”.

Apesar da rebeldia da aluna, Malagoli se entusiasmou com os resultados que ela obtinha. Promoveu sua primeira individual e fez a apresentação escrevendo que a artista “possui uma visão própria da realidade sensível, renuncia à atração fácil do colorido pujante e decorativo. Difunde em suas obras certo encanto espiritual de transcendente simplicidade”.

São Paulo. O choque depois das margaridas.

Essa linguagem plástica suave é justificada por Magliani como resultado de um conhecimento limitado da realidade. “Eu vivia muito alienada do que acontecia. Nunca lia jornal. Lia, isso sim, muito romance e poesia”. O sonho só se desfaria no contato brutal com uma cidade desumanizada. “Em 1968, saí dos meus campos de margaridas e fui morar em São Paulo, num décimo oitavo andar. Quando abria a janela dava com um posto de gasolina ou uma enorme faixa de segurança. Se eu quisesse ver lua ou estrelinhas teria que ir ao planetário. Ao vivo, só parede”.

Os quatro meses de São Paulo lhe deixaram muitos desenhos com lápis de cera e um novo enfoque no trabalho: “Eu precisava conciliar minha fase lírica com a desumanização que tinha visto. Foi então que surgiu minha série **Nesta Cidade Cinzenta**, onde elaborava em dois planos elementos como faixas de segurança, relógios e chaves”.

O contato maior com a realidade se ampliava, e sua participação em peças teatrais acelerou o processo. “Fui fazer teatro para resolver um problema de espaço que eu tinha nos meus quadros. Eu não conseguia usar espaços vazios, eu enchia toda a tela. Sentindo dentro do palco o espaço, fazendo cenários e figurinos, consegui enriquecer minha composição e ter um melhor sentido do aproveitamento da cor”. Surgia a série **Bandeiras do Desamor**, as cores vivas pela primeira vez sendo utilizadas largamente por Magliani. Desses trabalhos de 1970 resta apenas uma tela. “Rasguei tudo. Não me convenceram. Achei que a textura estava gratuita”.

O contínuo refazer, um sentido muito agudo de autocrítica, impedem Magliani de guardar ou vender trabalhos que não lhe satisfazem. “Queimo, rasgo, destruo tudo aquilo que não corresponde ao que quero expressar. O que rasguei de tela em toda minha vida, dava para fazer umas cinco individuais, no mínimo”. Esse rigor crítico, aliado ao fato de Magliani ter uma intensa atividade como diagramadora e ilustradora de jornal, resultam em um número limitado de obras que geralmente são mostradas em coletivas. Essas coletivas vêm afirmando, através dos anos, que Magliani não se permite as concessões fáceis do consumo, as fórmulas vendáveis.

Igual destino – a cesta de lixo do ateliê da artista – tiveram suas séries **Cotidianas** e **Naturezas realmente mortas**, além da maior parte da série **Fotonovelas** – temática suave onde explora, em grandes superfícies, a cor lilás, um cromatismo muito pessoal que, desde então, incorporou à sua linguagem plástica.

Anotações para uma história: a solidão

Grupos de pessoas caminhando pelas ruas, o início de uma abordagem mais contundente da solidão e impotência do homem esmagado por uma estrutura sócio-político-cultural que criou e que agora o submete, surgiu na série **Andando**, vista até o ano passado em coletivas na Galeria do IAB. Dessa visão mais amarga surgiu a série atual **Anotações para uma história**.

– Em função do teatro, comecei a estudar dança e a me apaixonar pelo lado visual. Eu não faço pintura de movimento, só pinto a imagem do movimento. Então achei o que considero o resumo da ideia: as pernas andando. O que acreditava ser a solução para apenas quatro ou cinco telas acabou inspirando uma série inteira, que agora pretendo ampliar em mais duas: **Andando/Dança** e **Andando/Futebol**. Tudo é andar, a dança e o jogo, até mesmo a própria vida. E aí extrapolo para uma visão de mundo.

A primeira fase de **Andando** desencadeou **Anotações**, o que responde às perguntas: Andando para que? Como? Para onde? Por quê? E a Magliani responde nas telas: com as pernas amarradas.

– As pessoas amarradas surgiram numas caminhadas (caminho muito pela cidade) feitas para decidir um rumo novo para minhas telas. Eu olhava as pessoas nas ruas e meu olhar subiu das pernas para as expressões fisionômicas. Elas são vazias, vazio de tolhimento, de bloqueio imposto. Então incorporei isso à minha linguagem: olhos vazados, fios elétricos penetrando na cabeça das figuras para reforçar a ideia. Como as pessoas que vi nas ruas, minhas figuras não pensam, seu cérebro foi retirado. O que sobrou é dirigido, padronizado pelos meios de comunicação, pelo consumo e pela televisão.

Traçando um paralelo entre seu lirismo inicial e as atuais figuras obsessivas torturadas de sua simbologia sufocante, Magliani observa existir um ponto em comum nessas posições aparentemente tão distanciadas. “Minha preocupação tanto naquela época como agora continua sendo humanista. As sensações das pessoas, antes tratadas de maneira mais específica – um caos individual e egoístico – ganharam agora um tratamento mais abrangente. Mas o enfoque continua sendo o desencontro, a sensação de impotência do homem, a dualidade submissão/imposição”.

Em colagens e pinturas, um corte na realidade

Criticada por não fazer uma pintura que reflita os problemas raciais, Magliani observa que “minha temática é mais ampla. Eu critico toda a repressão, seja ela racista, física, sexual ou de classe. Só porque sou negra isso não significa que vou tratar apenas dos problemas da minha raça. Isso seria

aceitar uma divisão que não admito. Minha preocupação é com gente, seja ela branca ou negra, rica ou pobre, hétero ou homossexual”.

– Acredito na validade de uma arte decorativa, ela dá condições do homem se sentir bem. Meu caminho, porém, é outro. Busco expressar uma visão de mundo, uma consciência sobre a realidade. Não quero, com isso, adotar uma postura professoral, apenas coloco um ponto de partida para as discussões, para um abrir de olhos.

As agressões e autoagressões sofridas pelo homem contemporâneo, de olhos vazados e expressão perdida, de cérebro pelo mecanismo do poder que esmaga o cotidiano e o individual, é o mundo corrosivo e desagradavelmente presente nos óleos e nas colagens de Magliani. Um corte na realidade nem sempre – ou quase nunca – é agradável. Mas é o passo inevitável para a (dolorosa) consciência.

AS GORDAS QUE SUFOCAM

Coojornal, Porto Alegre, out. 1977, p. 10⁶

“As pessoas não admitem, mas elas são uma espécie de retrato interior de cada um de nós”

Fins de semana de 1955. Uma garotinha de nove anos chamava a atenção no Sarandi, um dos bairros pobres de Porto Alegre, com sua caixa de tintas bem segura na mão, avental e cavalete, rumando com a família inteira para piqueniques nos arredores, à procura de paisagens para pintar.

Antes, ela já havia escandalizado os vizinhos ao pintar – nas tábuas das cercas dos arredores – desenhos a carvão de mulheres nuas de longos cabelos. Nessa época, tinha quatro anos de idade e confessou a autoria com o maior orgulho.

Trocadas as tábuas e o carvão por telas e pincéis, mas conservando ainda a velha caixa de tintas, Maria Lídia Magliani é hoje uma pintora com 11 anos de profissão que continua provocando. Às vezes provoca espanto, às vezes censura e, quase sempre, muita polêmica. Sua obra atual – desenhos e óleos de grotescas mulheres seminuas, imensamente gordas – depois de lhe valer o primeiro prêmio do I Salão de Desenho do Rio Grande do Sul, foi exposta em individual na galeria do Instituto dos Arquitetos do Brasil em setembro. Até o final do ano, será vista em individual em Brasília e integrará uma exposição itinerante pela América Latina.

– Quando eu pinto as minhas gordas, quero que elas saiam da tela e sufoquem o espectador. É um clima como daquela música do Belchior (A Palo Seco): “Quero que esse canto torto/caia feito faca/em cima de você”. Comecei a me fixar nesta temática das gordas – dei à série o título de Elas – em termos de forma, linha e cor. Principalmente volume, que, para isso, a forma redonda se presta muito. Só depois foi surgindo essa intenção de fazer com que as figuras funcionassem como espelhos.

– Elas seriam uma espécie de retrato interior da humanidade. Basta o espectador admitir que não é apenas uma pessoa boa, justa, mas é – na mesma medida – má, injusta. O difícil é admitir que essas figuras nos identificam. Eu gostaria de dizer às pessoas que veem meus quadros: “Sinto muito, senhores, não é agradável”.

Uma revista *O Cruzeiro* com a vida de Van Gogh foi o que a despertou para as pinturas da infância e para a revelação de que sua expressão no mundo se faria através dos pincéis e da tinta. Já na Escola de Belas Artes da Universidade Federal, passava os dias inteiros pintando, o que gerou um grande número de quadros e o convite de seu professor, o mestre Ado Malagoli, para sua primeira individual.

Sete individuais depois, além de 26 coletivas, Magliani continua pintando nas poucas horas livres que lhe sobram da atividade de diagramadora (Cr\$ 5 mil mensais) e ilustradora do jornal gaúcho *Folha da Manhã*.

– Para minha escolha contribuiu muito o fato de ter nascido em 1946, em Pelotas. Lá fui tratada como filha numa casa da tradicional família pelotense, cheia de pinturas e objetos de arte. Um clima assim de nobreza rural e tapetes fofos. Depois, aos quatro anos, meus pais se mudaram para Porto Alegre e fui morar em um barraco de zinco no morro. Saí do contato com a aristocracia para a classe C, numa mudança violenta. Depois, aos poucos, passei para a classe média. Pude viver, assim, várias situações. E isso, como material de análise, é riquíssimo.

– A classe média, de todas, é a mais interessante. Porque tem de tudo. As aspirações da classe mais abastada e a miséria intelectual da classe menos abastada. Ou ela tem cultura e não tem dinheiro ou tem dinheiro e investe em coisas demais – para aparentar *status*. Um mistério para mim é o fato da classe média ter acesso a tanta cultura e não ter base cultural para poder levá-la adiante. Esse é um filão divertidíssimo que irei abordar melhor na minha próxima série, *The South American Way of Life*.

Desde sua primeira exposição individual – de quadros líricos que chegavam a integrar versos da própria pintora em meio a margaridas – até sua agressiva fase atual, Magliani manteve as cores escuras, os tons baixos. Ela própria admite outra profunda ligação entre suas numerosas fases: “Meu trabalho sempre foi uma reflexão sobre a solidão e o desamor. Nas margaridas esse tema era abordado de forma mais individual. Agora, com as gordas, ele é mais universal”.

Sobre a permanência das cores escuras, ela observa:

– Quando eu lecionava arte na Tenda de Cultura (antigo projeto da Prefeitura de Porto Alegre que visitava as vilas da cidade) tive um aluninho que nunca esqueci. O Renatinho se vestia de marrom e preto e gostava muito de pintar uma borboleta cinza. Quando perguntei a ele por que sua borboleta não era colorida, ele disse que cor só existe em lápis. Ele tem razão. O morro é todo marrom, cor de sujeira. A cidade, vista ao longe, é cinza. Ele usava os tons baixos porque era a cor da vida dele, dos problemas dele. Gosto de cores vivíssimas, mas nunca consegui usar. Sempre acabo colocando uma veladura (camada de tinta) por cima para escurecer.

O ano de 1977 se mostrou muito importante na carreira de Magliani. Teimando em fazer nova individual apesar do fracasso comercial de sua exposição do ano anterior no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – que lhe valeu, no entanto, muitos elogios entusiasmados da crítica especializada –, ela mostrou uma capacidade de autossuperação técnica muito grande. E recebeu, após vários anos de trabalho ininterrupto, o reconhecimento oficial de seu valor.

O primeiro lugar no I Salão de Desenho do RS, ganho em agosto, chamou a atenção de críticos do centro do país. Jacob Klintovitz – do *Jornal da Tarde* de São Paulo – presente no júri de premiação, não poupou adjetivos aos desenhos em técnica mista apresentados pela artista. E o crítico Marc Berkowitz convidou-a para integrar uma mostra itinerante pela América Latina junto com outros importantes artistas brasileiros.

Até o público comprador reagiu de modo favorável. Impressionado pela premiação, adquiriu mais da metade dos quadros (preço médio Cr\$ 5 mil) expostos na galeria do IAB. Esses fatos, aliados à sua próxima individual na Capital Federal, permitem situar 1977 como o ano da *descoberta* de Magliani.

– Eu estava aí o tempo todo. O fato de, depois de uma premiação, começar a ter minhas obras mais observadas, só me reforça a ideia de que o mercado de arte do Rio Grande do Sul é muito pequeno. Não existe, para o público gaúcho, e para os marchands daqui, segurança sobre a qualidade dos seus artistas. O público não sabe se deve gostar ou não. Tem medo de cometer gafe se disser que gosta. E se o crítico diz que não gosta? O artista gaúcho só passa a existir quando é reconhecido fora do estado.

– Eu não tenho vontade de sair de Porto Alegre. Mas é inevitável que ainda vou ter que fazer isso. É masoquismo continuar aqui. De dez em dez anos surge um grupo achando que dá para fazer algo no Rio Grande do Sul. Aí vão todos para São Paulo e participam do que de melhor está se fazendo lá, tomam a dianteira de tudo. Os baianos, os mineiros e os gaúchos fazem o movimento cultural. Os paulistas são um excelente público.

MAGLIANI: “ELES É QUE ESTÃO DORMINDO”

Danilo Ucha

Zero Hora, Porto Alegre, 1977 ⁷

[...]

É esta a intenção, diz Magliani, que sufoque o espectador. Apesar disso, a agressão pura e simples não é o objetivo da artista. Alguns críticos de arte andaram escrevendo que Maria Lídia pinta para uma determinada faixa de público, faz uma arte quase dirigida, arte dos brigados com o mundo. Não é verdade. “Não estou preocupada com o externo, interessa é o essencial, e por isso que eu digo que estas figuras redondas, saindo para fora da tela, são pretextos para explorar sensações”. E ela alcança seu objetivo. O espectador pode ter os mais diversos tipos de comportamento perante uma tela de Magliani, mas nunca ficará indiferente. No ano passado, em maio, ela fez uma exposição individual, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, comemorativa dos seus dez anos de carreira. A reação do público, com exceção de poucos, foi um choque. Perante as figuras sofridas, retorcidas, violentadas que apareciam nas telas – deformadas pelo ódio e pela violência – a maioria se sentiu chocada e se retraiu. Logo disseram que era uma pintura muito agressiva e a exposição “foi um fracasso comercial”, segundo Celso Marques.

Não acho agressiva, responde Magliani, eles é que estão dormindo. Na verdade, como acentuou Celso Marques, ao pintar seus quadros a artista “realizou um ato muito raro em nossos dias: teve a coragem de ser fiel a si mesma e dizer a verdade, desafiando o coro dos descontentes”. Fiel a si mesma, Magliani é desde os anos 1960, quando a conheci preocupada com o marasmo que atingia a província, nas artes plásticas e no teatro, engajada pouco depois num movimento de criação e ebulição que marcou aqueles anos e fez surgir a maioria dos poetas, pintores, atores e escritores que hoje se destacam na praça.

[...]

MAGLIANI: SEGUNDO O PRÓPRIO DEPOIMENTO

Folha da Tarde, Porto Alegre, 13 set. 1977, p. 44 ⁸

Eu pinto. Forma, luz, cor, traço, sombra, área, volume. E pretendo que o ato de pintar, seja, em si, a minha ação no mundo. Me interessa investigar a essência, o cerne de todas as coisas vivas. A figura humana é a forma-instrumento de que me sirvo na tentativa de explorar o interior, maneira de tornar palpável o incorpóreo. Minha matéria-prima é a sensação, antes da razão. Acredito que o artista se pretende um deus, enquanto poder criador, se colocando num nível diferente de todas as divisões periféricas carregadas de óbvio.

Cada quadro se completa no olho de cada observador, de acordo com as suas próprias sensações. E é nesta relação que se podem aferir várias leituras. Que o trabalho pode ser um detonador de novas autoindagações.

Nenhuma destas circunvoluções mentais que estou traçando aqui se manifesta antes ou durante a feitura do quadro. Enquanto estou pintando é a pintura e o ato de pintar que me interessam. A relação de troca que se estabelece entre o quadro e eu. O que a pintura me acrescenta como apreensão e/ou compreensão do todo e o que talvez eu possa acrescentar através dela como material de autoinvestigação para o observador. Lançar perguntas que acionem novas perguntas.

Muito provavelmente sem respostas, porque acredito que qualquer tentativa de tornar a arte totalmente deglutível é mera redução, ilustração do cotidiano e suas prototípicas medíocres.

Talvez Van Gogh tenha sido o único até aqui que conseguiu pintar a própria (in) consciência, a sensação de todas as fomes. E por ter pintado tanto o seu próprio delírio luminoso, também e por muito tempo ainda, terá falado de todos nós.

Pintar é exercer a liberdade de continuar indagando. Pretendo que a minha pintura seja, antes de mais nada, fiel às minhas próprias sensações-perguntas, em relação a tudo o que me cerca e influencia, sempre antes sensorial do que racionalmente. Impulso, instinto, intuição. E que nesta medida seja um reflexo dos corações e mentes que procuro investigar enquanto tomo como modelo o meu próprio centro frágil.

Magliani

LÍDIA MAGLIANI

Zero Hora, Porto Alegre, fev. 1978, Sete Dias, p. 14⁹

Nacionalidade, credo, ideologia, cor, preferência sexual. São acessórios. Ela persegue, dia a dia, desapaixonadamente seus objetivos. Sem angústia, acredita no aprendizado constante: pintar, pintar, pintar. “É a minha maneira de estar presente”.

– Sobre o significado social da arte.

– Acredito em comprometimento com a vida. Quem está vivo, está comprometido. Nem é algo que tenha a ver com filiação, correntes políticas, filosóficas. De acordo com o que a gente pensa, a gente vive, isso se reflete no trabalho, no dia a dia. Tudo pode ser ou não ser uma alienação. Depende do ponto de vista. Eu sou alienada da física e da química, por exemplo. Acho a química apaixonante, mas ela só me interessa na medida em que preciso dela no meu trabalho. Qual o aglutinante para tal tinta e coisas assim... Agora, na verdade, a teoria não me interessa. Poderia, por exemplo, dizer que os economistas são alienados da cor.

– Sobre o comprometimento do artista com a realidade.

– Esse negócio do artista, hoje em dia, estar mais em contato com a realidade não existe, é um mito. Pelo seguinte: o artista nunca deixou de ter contato com a realidade. Se é considerado comprometido com o dia a dia aquele que, além de pintar, tem uma atuação política para todo mundo ver, então é outra coisa. O artista sempre é mais comprometido, na medida em que tenha exercitado a sua sensibilidade, mais do que a maioria das pessoas. Ele, inclusive, está em maior contato com a realidade.

– Sobre a técnica, a mensagem e o meio.

– Acho difícil, depois de tantos mil anos, alguém inventar alguma coisa nova, em termos de técnica. Uso a técnica como instrumento. Faz dois anos que estou pesquisando a criação de relevo (gosto muito de volume e de colagem) e estou usando o algodão para criar esse relevo, um volume prático. Mas não é uma coisa que me torture de preocupação. É uma maneira de fazer volume. Eu uso. E pronto.

– Sobre comprometimento com a obra.

– Meu trabalho é um estudo constante. Quero conseguir uma determinada coisa, às vezes não sai. Então, não é o caso de ficar me queixando e de me desesperar. Vou continuar fazendo e fazendo é que vou descobrir. Há muito tempo eu queria fazer um volume que me satisfizesse, que fosse convincente para mim mesma. Mas não vou ficar chorando ou parar de pintar por causa disto.

Se eu parar de pintar, aí mesmo que não consigo. Talvez eu até acabe fazendo escultura. Existe tanta coisa dentro de uma pintura para descobrir – não uma técnica nova, que ninguém tenha feito – no sentido da nossa possibilidade de lidar com o material, que não tem razão para ter uma angústia de sair daquilo depressa. Não é uma coisa que vá adiante, que corra na frente, que a

gente fique tentando, desesperadamente, algo que está **lá**, sem passar por todos os processos. Eu acredito no aprendizado constante.

- Sobre o caminho do artista.

- Acho que todos têm sensibilidade e que a influência do meio leve a determinado caminho. É muito bonito tu acreditares nisso, que toda pessoa tem uma determinada sensibilidade, dirigida para alguma coisa. O problema é que, na prática, não é bem assim. Tem gente que não tem possibilidade de se desenvolver. Inclusive material. Conheci pessoas sem nenhuma educação artística, que gostavam de desenhar. E que desenhavam. Mas jamais vão ter possibilidade de seguir adiante, porque são pessoas que não têm a menor chance de entrar para uma escola, de conviver ou estudar, nem mesmo de ir a uma biblioteca pesquisar.

São pessoas que têm de lutar pela sobrevivência. A tal ponto que o que interessa é o estômago, muito mais do que o cérebro. Pode ter gente que tenha até conflitos por estar lutando pelo estômago, enquanto o cérebro está pedindo. Na minha família, todo mundo fez tudo. Meu pai fez teatro, minha mãe canta. Eu decidi ser pintora aos quatro anos de idade. Mas eu morava numa casa que tinha uma sala coberta de livros. Onde se ouvia música, cada pessoa da família tocava um instrumento. Tinha quadro para tudo que era lado. Isso aí deve ter me influenciado.

- Sobre o mercado de arte no Rio Grande do Sul.

- O mercado de arte é um mistério completo, real e absoluto. Nunca se sabe, na realidade, porque as pessoas compram quadros. Tem gente que compra, que coleciona. E aí não interessa se o cara tem muito dinheiro ou não tem. Se tem, o colecionador não o usa somente como a coisa mais importante de sua vida. Usa para comprar coisas das quais gosta. O colecionador, não é, necessariamente, uma pessoa rica.

Tenho um amigo – aliás, de tanto comprar quadros meus já se tornou meu amigo – que é professor. Na realidade, ele não ganha para ser um colecionador. No entanto, tem uma das maiores discotecas de música erudita que já vi na minha vida. Tem livros que não acabam mais. E quadros. Só meus, ele deve ter uns seis. Ele se esforça, faz empréstimos, vende uma coisa para comprar outra. Só porque quer ter aquilo, é importante para ele.

Agora, tem outra faixa de gente que compra como investimento. Um quadro que hoje vale Cr\$ 10 mil, daqui a cinco anos valerá Cr\$ 50 mil. Dependendo das oscilações do mercado, da continuidade do trabalho, do artista, dos prêmios que ele ganha. E tem pessoal que não tem dinheiro para comprar, não tem muito envolvimento com a arte, são profissionais liberais, com pouco dinheiro, que acham importante ter uma obra e compram.

- Sobre a imagem de artista negra.

- Meu trabalho não tem nada de característico, nesse sentido. Tenho preocupação com a vida, com a humanidade em geral. Nada a ver com raça específica, religião, nada. Uma coisa que é comum a todo mundo. A essência humana é igual para todos. O que interessa é isso. Todos os outros acréscimos: nacionalidade, cor, ideologia, credo, preferência sexual, time de futebol, tudo isso é acessório. Tem pessoas que têm ideias completamente contrárias às minhas, no entanto me dou bem com elas.

Existe toda uma corrente de pessoas querendo me colocar a função de pintora negra. Ou que minha pintura é assim, porque sou negra, porque é um protesto e tal. Não é nada disso. Inclusive meus problemas de aceitação nesse sentido, meus problemas de racismo ocorreram mais com outros negros do que com brancos.

Primeiro, todo [mundo] se queixa de “nós os negros, não conseguimos nada na vida, porque os brancos não deixam”. Aí, como os brancos não deixam, ninguém faz nada, porque os brancos não deixam. Então se atira todo mundo. E não fazem nada. Eu sei que existem pressões. Mas não é uma coisa permanente, sempre: existem pressões raciais, como existem pressões dos homens sobre as mulheres e vice-versa. Mas não quer dizer que seja sempre, todos os dias. Isto é, também, um fator a superar.

- Sobre vencer bloqueios.

- O fator econômico também entra. O fato de a gente ter sido escravo até pouco tempo atrás, de não ter acesso à economia, não tivemos tempo, a sociedade industrial nos bagunçou, não tivemos tempo de ser gente. Então, quando alguém consegue furar essa apatia e simplesmente tentar, se esforça e batalha para ser aquilo que é, que quer ser, dá um caso terrível. Se eu cheguei a um estágio xis é porque quis isso. Não significa que seja uma coisa maravilhosa. Não tem nada a ver com “subir na vida”.

- Quando alguém consegue furar todos os bloqueios – o problema racial, mais o econômico, mais o problema interno da paranoia negra de ver tudo como racismo; quando a gente consegue superar tudo e fazer o que quer, o que acontece? Aí, vem toda a comunidade negra falar: “Ela se vendeu para os brancos. Ela é uma branca”. Um negócio ridículo. O pessoal se perde em discussões incríveis, por um lado os negros te usam como mito, porque tu és a que venceu – aí tens a obrigação de ser mito – e do outro lado, aqueles que querem te impor a obrigação de “elevar os teus irmãos de cor”. Já que tu conseguistes chegar lá, tens que levar os outros. E há os negros que acham que desceste todos os degraus, porque te vendeste aos brancos.

Sempre tem alguém que vai achar alguma coisa. Deixa que ache. Eu não vou ficar perdendo com discussões, porque são muito circulares, não saem da mesma coisa e, porque, enquanto se discute esse tipo de coisa, dá a **impressão** de estar agindo. Eu prefiro ficar aqui, calmamente, com meu pincel, que é a minha ação. É essa a minha ação. Não é ficar batendo boca em reuniões de grupos. A minha ação é pintar. E eu pinto.

MAGLIANI. A ARTE EXISTE PARA INCOMODAR

Zero Hora, Porto Alegre, 2 set. 1979, Revista ZH, p. 15¹⁰

[...]

Nesta conversa, por respeito ou esquecimento, muita coisa não foi perguntada. Mas a pequena e agitada mulher falou. Analisou alguns de seus mecanismos internos, o porquê pinta, mas principalmente diz como vê a mistificação em torno de sua pessoa e relata os preconceitos resultantes da condição de mulher negra. Tudo começou com um assunto: o risco. Magliani não aceita conversas desconfiadas de interfone. Sem saber quem é, vai abrindo a porta do hall de entrada do edifício, e quando depois de passar por escadas estreitas e corredores escuros se nota a porta aberta do apartamento, surge o espanto. E lá de dentro vem uma voz grave que manda entrar e só então pergunta quem é que está ali.

- Tenho três coisas, que são meio complicadas de explicar. São as mãos, os olhos e a voz. Quando tocou o interfone não tinha a mínima ideia de quem fosse. Será que é a dona do apartamento, que veio reclamar que estou furando as paredes? Ou uma conta para pagar? Mas confiei na voz. A mesma coisa se dá com os olhos. Tem olhares de óculos. Aqueles que a gente não vê nos olhos direito. Às vezes me engano. Mas sou de mergulhar, não consigo um relacionamento distanciado. Sou bem exagerada, mergulho – tchum – de cabeça. E, me quebro por causa disto. Tenho fases de medo de entrega, mas também acho que a gente tem que escolher: ou tu te atiras ou tu ficas. Eu preciso me atirar, não consigo aprender a me resguardar. Já tentei, mas fica tão falso! Tudo me marca o tempo todo, além de meio exagerada sou um pouco trágica. Nunca fui de me relacionar superficialmente, sempre me joguei muito. Daí receber as consequentes porradas. Basicamente é isto: uma espécie de curiosidade de ir até o fundo, não me poupar de nada.

Fui uma criança de muitos porquês. Me tocava muito as diferenças entre a realidade e o apresentado. Não percebia porque, se uma coisa era assim como eu a estava vendo, me diziam o contrário. Achava que tinha que entender isto, de alguma forma. Não consigo entender até hoje. Aliás, cada vez entendo menos. Está sempre pior. Negar as evidências é a arte do século. Pintar, para mim,

é um jeito de investigar, de perguntar certas coisas como: até que ponto não estou permitindo que minha essência seja violada? Há pessoas que sofrem vários tipos de experiências, mas sua essência permanece firme. Não estou vendo isto ultimamente. Vejo que tem coisas mudando este comportamento: o tipo de vida que se é obrigado a levar, o escudo que se tem que usar para suportar o dia a dia, para não se machucar. Para não te matar. E isto está começando a atingir a essência do homem, que não se mantém intato por causa das interferências do exterior. Elas se misturam com a gente, fazendo com que engulamos este exterior e fiquemos parados. Me coloco em dúvida: até que ponto – a par da evolução que seria natural – minha essência permanece a mesma? Até que ponto não estou concedendo, permitindo com que seja violada. Investigo muito isto e o modo como faço é pintando.

A arte existe para incomodar. Ela tem uma importância fundamental no sentido de investigar. Serve para não te deixar sossegado, tem que perguntar, tem que deixar alguma dúvida. É uma lembrança diária que diz: estejam atentos, remetendo pessoas até sua essência e é isso que gostaria de passar para as pessoas. A arte serve como um lembrete permanente para não deixar cair a peteca. É isso! Sou a pessimista mais otimista do Brasil! Por tudo isso, o trabalho, para mim, só está pronto quando entra em contato com o espectador. Quando tem uma pessoa na frente dele, que está incluindo suas próprias emoções e sentimentos. Mas, na maioria das vezes, acho a relação com o meu trabalho, por parte do espectador, muito superficial. As pessoas não pensam que aquilo pode ser uma oportunidade de reflexão, uma possibilidade de troca. Isto ocorre raramente, afinal, o pessoal olha rapidamente para tudo. Estamos na época do consumo rápido. Já em relação ao mercado, tenho tido sorte. As pessoas chegam e me dizem que não teriam coragem de conviver com um quadro meu. Quem compra geralmente são outros artistas, músicos, professores, gente da mesma geração que eu e que vê identidade, estão de acordo com meu trabalho. Também nunca considerei minha arte popular. Não, nada disso. Tenho determinados quadros para pintar e, como é que vai ser colocada a ideia, é outra coisa, outro problema. Não consigo me preocupar com esta questão, porque não há condições de existir uma arte popular. O povo não está interessado em artes. Está todo mundo na fila do INPS ou preocupado com a comida. Um camarada que ganha dois mil por mês, não tem espaço emocional ou intelectual para isso. Nem, possivelmente, para sua própria expressão. Teve uma época em que os marceneiros, nos fins de semana, faziam brinquedinhos para os filhos. O músico tocava sem compromisso. O funileiro fazia adornos para o vizinho. Existia naquele tempo um espaço para o lazer ocupável. Saía-se para passear com os filhos, as pessoas tinham a cabeça livre para exercer seu próprio tipo de expressão. Não acontece mais. O cara tem que pensar 25 horas por dia como é que vai comer no dia seguinte. Então não dá espaço para pensar em arte.

MAGLIANI, O MITO

Ainda me mitificam? Olha, isso me atrapalhou muito. Por mais que tu estejas longe desse tipo de coisa, tu gostas das pessoas. Então, de repente, a gente começa a ser muito solicitada. E é bom. As pessoas querem que tu estejas por perto. E tu entras numa roda viva que se “marcar” pode ir adiante. De repente se vê que não se está fazendo mais nada. Então deixou de existir o motivo pelo qual as pessoas estavam te idolatrando. A própria exigência das pessoas faz com que se largue tudo. Eu parei e me perguntei se não estava muito deslumbrada pelo fato de ser considerada uma pessoa muito importante ou necessária dentro de um determinado círculo. Em alguns grupos as pessoas se comprazem mais em admitir o que já está pronto ou as pessoas que executam aquela coisa do que elas próprias fazerem. Fica mais fácil. Em vez de fazeres, tu circulas com quem faz, para dar a impressão que também estás fazendo. E olha que tem gente que passa a vida inteira nisso. Na verdade é muito ruim para elas, em todo o caso, não posso fazer nada a respeito. Mas a mitificação não veio só do meu trabalho. É também devido ao meu comportamento. E tudo porque não consigo notar certos impedimentos.

Algumas pessoas acham que estou fazendo gênero. A própria maneira de me vestir ou pintar o cabelo, numa certa época, foi considerada como agressão, folclore, etc. Na verdade eu tinha

vontade de me vestir assim. E podia. Costumava dizer para as pessoas que me paravam na rua, que elas também podiam fazer aquilo, era só querer. Tá com vontade? Faz! Liberdade também se exerce, né... Se, por outro lado isto foi motivo, tem outro maior. Aí a gente entra num papo que não gosto muito: que é a história do famoso preconceito racial. De repente eu fico muito exceção, sabe? Existe todo um conjunto de coisas que é esperado da mulher negra. O mais positivo é que ela seja balconista ou enfermeira. Aí aparece uma mulher negra e pintora que, então, para muita gente, parece ser exótico. Na verdade elas estão revelando um preconceito muito grande. Fica um folclore então à volta que às vezes acho muito divertido. Às vezes me irrita profundamente. Mas não me preocupo tanto com isso.

Carta para Tina Zappoli, São Paulo, 28 jul. 1981 ¹¹

Oi Tina,

Estive hoje na Sassoun e Paulina me transmitiu teu recado e perguntas. Estava mesmo para te escrever esta semana te dando conta de como estou organizando os desenhos. Pretendo te mandar tudo lá pelo dia 15, não antes porque faltam as versões em lápis de cera que serão num papel diferente dos que já estão prontos. Então aí vão as respostas que pediste:

1) Ainda não fiz a seleção dos desenhos que deverão fazer parte da exposição, mas creio que serão aproximadamente 25. Apesar de ter visto as fotos da galeria depois de reformada, não tenho ideia real do espaço a ser ocupado. Talvez seja necessária uma nova seleção, a maioria dos desenhos são grandes (60 x 80) e estão organizados da seguinte maneira:

- a) Há três ou quatro versões de cada imagem, em técnicas diferentes, lápis de cor, bico de pena, pastel seco e grafite sobre papel cartão japonês.
- b) À parte, uma versão de cada imagem em lápis de cera sobre o lado avesso do papel duplex.
- c) Desenhos pequenos (1/4 de folha) em bico de pena (nanquim sobre papel Arches).

Deverão participar da exposição apenas trabalhos feitos entre junho e julho deste ano, em função da uniformidade do conjunto e uma melhor leitura desta pesquisa de materiais. Os trabalhos feitos durante o ano passado e início deste estão em galerias ou foram vendidos, como no caso da 2ª fase da série *Encontros numa esquina*, que foi toda vendida na coletiva de que participei em maio. Os desenhos constantes da exposição fazem parte das séries: “Pin-up”, “Encontros numa esquina” (3ª fase) e “Retratos falados”.

A série “Pin-up” é quase uma continuação da série “Brinquedo de armar”, que saiu da série “Ela”. “Retratos falados” já é produto de “Encontros...”, que sinto como uma retomada de “Andando”, de 1974 e “Objeto de cena”, de 1976.

2) Até pouco tempo atrás só me via como pintora, o desenho era um instrumento para construção da pintura. Não acreditava que o meu desenho tivesse “acabamento” suficiente para falar sozinho, por si, e não mostrava. Só a partir do prêmio no Salão de Desenho é que passei a confiar mais no próprio. O fato de que emoldurar um desenho é muito mais caro do que emoldurar uma pintura, também influenciou muito para que o trabalho em papel ficasse na gaveta. De qualquer modo, todo este tempo (15 anos) sem uma individual de desenho foi necessário para que eu conseguisse ver esta técnica como uma linguagem específica e autônoma. O desenho foi minha primeira linguagem e a que entendo melhor; a pintura minha primeira paixão, cada vez mais viva. A escultura, minha primeira curiosidade, talvez espere mais 15 anos para acontecer.

3) Não compreendo o preconceito do mercado em relação ao desenho. Aliás, não compreendo quase nada das razões e meandros do mercado. Acredito que este preconceito não é tanto em

relação ao desenho (a gravura também passa trabalho!), mas ao suporte geralmente usado – o papel – considerado por muita gente como mais perecível do que a tela, o que não é verdade. O que acontece é que raramente se observam com o papel os mesmos cuidados que são dedicados à tela, no transportar ou guardar, manipular. Com o cuidado adequado, o papel pode durar tanto ou mais do que uma tela, ou já não saberíamos os grandes desenhistas que foram Dürer e Da Vinci.

4) Na verdade não gosto de marcos. De assinalar datas. Quinze anos significam apenas 15 anos. Como poderiam ser 2, 20, 30, como já foram 2, serão 20, talvez 30 algum dia. Quinze anos significam que ainda há muito que aprender. Não estou comemorando nada, apenas mostrando meu trabalho. Não gosto de aniversários. Não vejo nenhum “heroísmo” em ter vivido mais um ano.

Acho que isto é tudo (ou tudo isto?!). Devo ter falado demais como de costume. Em todo caso, se faltou algo ou quiseres que eu explique melhor alguma coisa eu até tento.

No mais, a vida é bela, a felicidade até existe, o céu é azul, os passarinhos cantam e eu não estou achando graça em absolutamente nada. Tô num ataque de Greta Garbo que já dura uma semana. Não obstante, pintei os cabelos de cor de laranja. Isto deve significar alguma coisa.

Um beijo
Magliani

Entrevista concedida a Tina Zappoli, a convite de Paulo Gasparotto
Zero Hora, Porto Alegre, 8 mar. 1986¹²

Maria Lúcia Magliani

MAGLIANI – 40 anos

Solteira, convicta, baixinha e quase gorda. Artista plástica, gaúcha de Pelotas, residindo há seis anos em São Paulo, mas em contato permanente com o movimento de arte de Porto Alegre.

Magliani, o que te motivou a sair de Porto Alegre?

– Sou uma pessoa inquieta. Havia uma necessidade de me por num ritmo mais intenso do que aquele que eu vivia aí. Gosto do ritmo de São Paulo desde a primeira vez que vim aqui. Continuo gostando. E já estou querendo mais. Mas também me agrada o oposto total – Tiradentes, no interior de Minas, por exemplo. Ou a praia de Maresias, no litoral norte de São Paulo, principalmente no inverno.

Tu ainda achas necessário para um artista de Porto Alegre mudar para o centro do país em busca de repercussão nacional?

– Jamais achei que isto devesse ser uma norma. Foi necessário para mim, num momento específico. Para a continuidade do meu trabalho. Acho sim fundamental e urgente um veículo de divulgação dos artistas do Sul e que seja de circulação nacional. Seria preciso uma união de todos os setores envolvidos no fato cultural no sentido de botar o bloco na rua. Sem esperar ajuda oficial, claro. O Estado está para lá de pobre, eu sei (como pode ter alguma evolução econômica uma grande cidade onde o comércio fecha ao meio-dia?), e o estímulo necessário deve ser procurado junto à empresa privada e no esforço conjunto de todos os interessados no processo. Sem ignorar Santa Catarina e Paraná. E chute-se o maldito complexo de inferioridade em relação às grandes metrópoles. No plano pessoal ou individual o fundamental é que se rompa com situações sufocantes – em qualquer hora, momento ou lugar – e que se procure onde se sentir mais vivo.

Até sair de Porto Alegre eras ainda considerada uma artista maldita. Por quê? O que mudou esta situação?

– Não sei por quê. Desisti de entender os meandros da mente humana quando optei por não

prestar vestibular para Psicologia. Pode-se especular em torno de vários prováveis motivos. Um deles, de que já se falou muito, é o de que minha pintura não era agradável ou repouante, ou “bela”, ou decorativa. Minha pintura sempre foi e continua sendo um jeito pessoal de pensar o mundo, um instrumento de investigação humana. Mudou a cultura ou mudei eu? Mudamos os dois, por certo. E mudou o mercado, que se tornou mais profissional e mais agressivo, mais empresarial. Mudou a economia no mundo e tudo gira em torno, incluindo o mercado de arte e a postura do público, da imprensa e dos próprios artistas em relação a esta realidade. Pensando por aí, no momento estou apenas sendo mais consumida do que antes, como qualquer outro produto. Comam. Compram-se e vendem-se mais televisores, máquinas de lavar, relógios e outras “coisitas más”, do que há dez anos, apesar do poder aquisitivo ter diminuído. Na verdade não diminuiu, apenas se concentrou mais. Fui assimilada para consumo, como têm sido todas as manifestações do pensamento nos últimos 25 anos. Não importa o quanto tenha sido ou parecido ser transgressora há 15 MINUTOS atrás.

São Paulo correspondeu às suas expectativas? Como?

– Não havia expectativas, mas duas certezas que têm se confirmado: a cidade tem o meu ritmo e a possibilidade de solidão (ou não interferência) que cada vez acho mais necessária para o meu trabalho. E, além disso, mudar para São Paulo era o único jeito de ser feriado no dia do meu aniversário, que coincide com a fundação da cidade. E com o do atual prefeito, veja só, que ironia.

Pensa em voltar para Porto Alegre um dia? Por quê?

– Não acredito que exista um lugar pra onde se volte. Existe DENTRO DE SI, onde sempre estive. E que também não é um lugar muito confortável. Ou seguro.

Existe racismo no mundo da arte? Como?

– Existe racismo no mundo. Do contrário esta pergunta não constaria de todas as entrevistas que são feitas comigo ou outros artistas negros, como não consta nas entrevistas aos artistas brancos ou cor-de-rosa. Ser branco (mesmo num país mestiço como o nosso) é considerado natural. A forma de racismo que sofro de modo mais contundente (não agora, desde muito, muito tempo), além das domésticas e cotidianas, é a que parte do princípio de que sendo negra, sou “naturalmente” incapaz de gerir minha vida, meu trabalho, minhas ideias e, portanto, “preciso ser protegida”. Dirigida. Uma forma de racismo que se avoluma na medida em que os negros começam a tomar posições consideradas, em princípio, destinadas aos brancos. E que vai evoluir para um estágio mais agressivo quando os negros se tornarem economicamente ameaçadores para os brancos. Isto tem sido cuidadosamente evitado através da educação acessível aos pobres só até o nível que prepara mão-de-obra semiescrava para construir uma concentração de renda cada vez maior de um grupo cada vez menor e mais poderoso. Não é preciso me virem com o argumento de que é este grupo que concentra a renda, que consome e, portanto, permite a continuidade do meu trabalho. Sei disso e saber disto não exclui que se tenha a percepção do todo. Quando a Educação se aproxima ou se transforma em Cultura, germe de uma possível Civilização, se torna inacessível ao pobre (basicamente negro ou mestiço) e aí reside o poderoso e bem definido racismo brasileiro.

Como é a situação de ser artista, mulher e de cor?

– Isto é matéria para considerações bem mais extensas do que podemos nos permitir neste espaço (que já devo ter extrapolado). Seria preciso definir em que contexto. Por que não existe “A artista”, “A mulher”, “A negra”. Todas essas particularidades se intercambiam de modos os mais diversos e não podem ser tratadas apenas no plano pessoal ou individual.

Tu concorda com a ideia de que os artistas são os novos mártires dos tempos atuais? Como?

– De jeito nenhum. De onde surgiu ideia tão esdrúxula? A grande maioria luta muito por um lugar no mundo e é muito pobre, mas mártir é termo muito forte pra se aplicar aqui. Deve ser reservado para grupos humanos menos privilegiados. Se eu me considerar mártir, do que é que eu chamo os que não têm casa, comida, saúde, educação, discernimento e quase não têm mais cérebro e dignidade ou status de gente, pelo mundo afora? De artistas, talvez?

ENTRE-FALAS: ARTISTAS – MARIA LÍDIA MAGLIANI

João Carlos Tiburski

Boletim Informativo do MARGS, Porto Alegre, nº 32, jan./mar., 1987¹³

Meu idioma é a imagem

Artistas como Thomas Mann e Picasso já disseram muitas vezes que a arte é uma poderosa arma contra a mentira, o ódio, a violência, a estupidez e a falta de dignidade do homem. A arte de Magliani pode ser definida como uma arte-armas empenhada nessa luta.

Esta entrevista foi elaborada ouvindo o público que visitou a mostra *Auto-retrato dentro da jaula*, de Magliani, no MARGS.

Tiburski – Afinal, quem é a Magliani?

Magliani – A maior parte do tempo me vejo como alguém em descompasso com o presente alheio. Nem sempre o que me interessa e ocupa é o mesmo que preocupa as pessoas mais próximas no momento. Isto provoca desencontros frequentes, arestas difíceis de aparar. Mas não sei como me definir deste ou daquele jeito. Ficariam faltando muitos “eus” que não conheço, que ainda não encontrei. Não vejo nada de extraordinário nisto, suponho que aconteça com todos. Para alguns, os obstáculos são maiores ou menores, mais ou menos duradouros; os objetivos, mais ou menos definidos. Não separo a artista da pessoa. Sou toda um mesmo nó – minha escolha é pintar, não saberia como ser de outro modo. Aparentemente fiz e faço muitas outras coisas, na verdade, todas partes de uma só, a pintura. Tudo o que quero neste momento é pintar e tenho dificuldade em compreender por que é preciso falar tanto sobre uma linguagem que não pertence ao mundo da palavra. Não entendo a necessidade da palavra autenticando ou explicando a imagem, uma linguagem dependendo de outra. Acho importante quando falam sobre o que o meu trabalho move em cada um, independentemente de sua cultura ou formação. Sou eu que estou querendo perguntar, não explicar. Não sou eu que tenho as respostas, mas talvez cada um de nós encontre a sua, desde que se ouça e continue se perguntando sempre. Prefiro ouvir, saber como os demais estão vendo e saber em que sentido ou medida estou acrescentando ou não. Meu idioma é a imagem, a forma, a procura de um alfabeto próprio através da cor. O que eu penso e elaboro está no meu trabalho, o que eu tentar decodificar é redundância. Minha palavra é minha música, minha dança está aí; se não está claro, é porque eu não soube passar ou os outros ainda não souberam ver. Faço a minha parte e quero que aqueles que passam a conviver com o resultado me mostrem de que modo os atingem, que apresentem suas próprias conclusões. Uma troca: teu olho – minha mão.

Tiburski – Magliani, como foi o teu início, pintando lá no bairro Sarandi?

Magliani – Costumo ignorar as fronteiras, elas não se formam na minha cabeça e não empresto um significado especial a este ou àquele bairro, cidade, país, minha pátria é ter nascido. Sei pouco demais sobre o planeta para afirmar que pertenço a ele. Sou natural de todas as estrelas que posso ver e minha curiosidade é conhecer o outro lado delas. Ter começado a andar em Pelotas, a ler na Floresta, pintar no Sarandi, dançar nos Moinhos de Vento, expor no Menino Deus, me apaixonar na Rua da Praia não são determinantes, tudo poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. Me decepcionar na Rua Coronel Vicente ou na Avenida São João dói do mesmo jeito. O lugar sou eu em qualquer parte, é em mim que as coisas acontecem ou esquecem de acontecer.

Tiburski – E a negritude, o feminismo e a ecologia na tua obra?

Magliani – Na questão sobre a ideologia da negritude, existe uma confusão grave: o movimento não nega a cor branca nem qualquer outra, apenas afirma os direitos da raça negra ainda esquecidos, mesmo num país mestiço, e reivindica a igualdade para todas as raças. Meu trabalho expressa ou pretende expressar a mim como um todo. Logo, estão incluídas nele todas as minhas

descobertas, dúvidas e preocupações – também o feminismo, a ecologia e a negritude. Estão, incluídos com todas as coisas que me formaram até aqui, mas não estou interessada em fazer panfleto de nada, não sou militante de nenhum movimento específico. Pratico minhas ideias, não gosto de proselitismo. Me interessa sempre a essência do humano, que não é divisível em credos, raças e ideologias. Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura e não entendo a sempre presente preocupação das pessoas com este aspecto. É minha vez de perguntar: por que parece tão excepcional que um negro pinte? Por que a condição racial dos artistas de cor branca nunca é mencionada? Por que sempre me perguntam como é ser negra e ser artista? Ora, é igual ao ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo mundo. A diferença quem faz é a mídia. É “normal” ser branco, e, portanto, é natural que o branco faça tudo, mas, quando se trata de um negro, age como se fosse algo fantástico, um fenômeno — o macaco que pinta! Não gosto disto.

Tiburski – E o artista e a situação nacional?

Magliani – Acredito que o artista plástico está convivendo com a situação nacional da mesma forma que todo mundo – mal. Sofrendo as mesmas preocupações, as mesmas inseguranças. Está apreensivo com a indefinição econômica, decepcionado com os governantes e sem ilusões em relação à Assembleia Constituinte. E não se pode negar que já se viu muitas cenas desse filme como a sucessão de pacotes e a volta triunfal da censura.

Público – Por que você não pinta paisagens?

Magliani – Alguém me pergunta por que não pinto paisagens. Já pinte, sim, aquarelas, e não descarto a possibilidade de voltar a elas. Não tenho nenhum preconceito contra paisagens e paisagistas, apenas no momento estou interessada na figura humana, acho uma forma inesgotável. Para a exposição do MARGS, foram selecionados trabalhos de várias fases, onde a figura feminina está presente, mas isto não significa que eu não pesquise outras formas.

Público – Magliani, você estudou artes no exterior?

Magliani – Quanto aos meus estudos, minha formação foi feita aqui, nunca estive no exterior. Meu trabalho, sim, tem viajado bastante e somente agora estou pensando em visitar outros lugares e ver coisas que foram feitas há muito tempo.

Milton Kurtz – Como entra a racionalidade no teu trabalho?

Magliani – O Kurtz me indaga sobre onde entra a racionalidade no meu trabalho. Aparentemente é muito intuitivo, impulsivo mesmo, principalmente agora, quando a figura aparece mais solta, a pincelada mais livre. Acho que o racional aparece na elaboração da linguagem plástica, na escolha dos materiais, na maneira de compor os elementos no espaço e na opção por determinadas cores em detrimento de outras. O que aparece como espontâneo na minha pintura é, na verdade, fruto de muita elaboração plástica e gráfica. O psicológico, filosófico ou sociológico, em que muitos se prendem à primeira vista, não está para mim em primeiro plano neste momento, apenas passa pelas frestas da disciplina, o que considero muito bom, pois, do contrário, o resultado seria muito frio. Considero que meu trabalho é bastante aberto à interpretação de cada espectador e que cada um vai encontrar nele ou acrescentar a ele as suas prioridades. Para alguns será mais importante a discussão da linguagem em si. Para outros, a investigação da condição humana.

Armando Almeida – O visceral trágico do ser humano está sempre presente na tua obra. Afinal, Magliani, há esperanças para o homem?

Magliani – Armando, por exemplo, vê no meu trabalho o mesmo visceral trágico que está presente nas suas gravuras, na carga inconfundível que ele põe na sua goiva, no seu jeito de se imprimir na madeira. E é neste agir sobre a matéria, mais do que pelo tema, que percebo nossas dúvidas. “Afinal, há esperança para os homens?” Não sei, Armando. Talvez nossa função seja continuar perguntando...

Folder da exposição “Auto-retrato dentro da jaula”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987 ¹⁴

Quando da minha primeira mostra, em 1966, havia um pequeno convite com um desenho em preto e branco; uma reprodução de um dos quadros que formavam a exposição. Havia também um mínimo poema que pretendia ser o resumo de minhas ideias, do que tinha me levado a pintar aqueles quadros. Ado Malagoli, meu professor na época, escreveu um texto de verdade, me apresentando. Melhor esquecer o delírio lírico da iniciante.

Hoje, deixando a poesia para quem entende do assunto, prefiro observar como meu trabalho se desenvolveu durante este tempo. Examinando este percurso, percebo que permaneceram, em parte, as interrogações da menina de 20 anos. Ou se ampliaram para além do registro do mundo pessoal, em meio aos Desastres Desta Guerra. Da gaiola para a jaula.

As obras escolhidas para esta mostra enfocam o tema da figura feminina; uma constante desde antes do início conhecido, quando, criança, eu gostava de modelar bailarinas com o barro das ruas. A figura quase esquemática dos primeiros quadros, tentando fugir do plano e ganhando volume em “Ela” e “Objetos de Cena”, às vezes comondo com a figura masculina como em “Brinquedo de Armar” e “Crônica do Amanhecer”, às vezes presa por nós e cordas, outras se transformando no próprio nó como em alguns trabalhos recentes da série “Discussões com Deus” – de algum modo é a mesma bailarina de barro se transformando em desenho, em pintura, ocasionalmente voltando ao tridimensional. Durante este caminho, esta figura no princípio estática, em preto e branco, foi ganhando cores, mudando de forma, alterando a relação com o espaço, às vezes evidenciando o volume, outras o desenho, a cor, a luz. Em momentos enfatizando a expressão existencial, as relações, a visão ecológica, noutros deixando que o ato de pintar, de desenhar, a marca do pincel ou do lápis tomassem o primeiro plano.

Gosto de ver este resumo do pequeno caminho percorrido, um período nascendo dentro do outro, gosto da direção para onde aponta. E olho este começo como etapas do sempre retomar, reinventar, recomeçar. Um quadro de cada cor, um quadro com todas as cores. Ou preto e branco.

Magliani

DISCUSSÕES COM DEUS

Folder da exposição “Discussões com Deus”, Galeria Tina Presser, Porto Alegre, 1987 ¹⁵

Discussões com Deus é o resultado do trabalho desenvolvido nos últimos dois anos, baseado numa série de estudos de observação da figura sentada. A partir dessas anotações, procurei desdobrar a imagem em diversos estados, num procedimento incorporado da gravura. Trabalhando com vários materiais, exagerando a cor ou prescindindo dela, procuro climas diferentes agindo sobre o mesmo tema – modos desiguais de ver de um mesmo ângulo – como múltiplas opiniões a respeito do mesmo assunto. Em alguns quadros mais recentes aparecem apenas partes da figura; a imagem é recortada e remontada, sugere outras formas e é quase gráfica: Os elementos se desprendendo do fundo, como de uma parede e buscando se reagrupar num todo compacto. O que me interessa no trabalho atual é a descoberta constante das possibilidades da pintura e seus diversos meios materiais, induzindo a novos modos de perceber dentro e fora do quadro; a investigação, a reinvenção das formas e das cores.

Meu trabalho é duvidar e começar de novo, fazer e desfazer à imagem e semelhança das minhas indagações e descobertas, aprender/apreender, procurar o meu alfabeto dentro desta linguagem.

Magliani

PERFIL – MAGLIANI

Ivo Stigger

Zero Hora, Porto Alegre, 10 set. 1989, Revista ZH, p. 2¹⁶

Os críticos consideram Magliani, 43 anos, gaúcha de Pelotas, uma das mais importantes pintoras e desenhistas de sua geração. Radicada há muitos anos em São Paulo, onde consolidou sua projeção nacional como artista plástica, Magliani está até o final deste mês com uma individual de desenhos, da série A Caixa de Brinquedos, montada na Galeria Municipal de Artes, em sua cidade natal.

Nome: Maria Lídia dos Santos Magliani

Data de nascimento: 25 de janeiro de 1946

Naturalidade: Pelotas

O que mais gosta de fazer: Pintar

O que mais detesta fazer: Estar perto de barulho. Cada vez suporta menos.

Lazer: Ouvir música; de preferência, renascentista.

Sonho: Nenhum específico. Sempre tenho um conjunto de pequenos sonhos. No momento, morar num lugar calmo.

Livros prediletos: Os de Thomas Mann. Quando adolescente, gostava de ler os contos de Tchecov e Dostoievsky.

Presente que gosta de dar: Livros

Presente que gosta de receber: Livros

Filmes: Violência e Paixão e Vagas Estrelas da Ursa Maior, ambos de Visconti.

Teatro: Tragédias gregas e coisas que lembrem o clima de Kafka.

Ator: Marcello Mastroianni.

Atriz: Ana Magnani e Irene Papas.

Artes plásticas: É minha maneira de ser.

Amor: Não quero falar sobre o assunto. É muito complicado.

Paixão: É o alimento necessário para continuar fazendo as coisas, para continuar tendo esperança.

Maior defeito pessoal: Não saber dizer não na hora certa.

Maior qualidade pessoal: Tentar não mentir.

Defeito que detesta nos outros: Mentira.

Qualidade que admira nos outros: Solidariedade.

Grande alegria: Não lembro de nenhuma grande, só de pequenas como rever uma pessoa amiga, receber uma carta pela qual não se espera mais. Há coisas que, quando acontecem, parecem grandes. Com o tempo, no entanto, voltam para o plano normal.

Filosofia de vida: Viver e deixar viver.

Religião: A paixão.

Superstição: Não tenho.

Sexo: Fundamental. Difícil exercer atualmente, pois há um desgaste geral nas artes, na política, nas relações humanas. E isso contamina o sexo.

Homossexualismo: O importante é o sentimento que une as pessoas. O resto é secundário.

Solidão: Em alguns momentos, como diz Quintana, o difícil é preservá-la. No sentido social, é cada vez mais pesada à medida que o tempo passa.

Manias: Sou maníaca depressiva. À medida que envelheço, algumas das minhas manias parecem se cristalizar.

Saudade: De um certo momento da minha vida: dos momentos em que eu acreditava nas coisas.

Sucesso: Não me assusta nem me entusiasma.

Talento: Só o jeito não basta. É preciso ser obsessivo, é preciso burilar uma certa inclinação natural.

Medo: Tenho medos objetivos. De machucar o braço direito (com o qual eu trabalho) e de ficar cega, por exemplo.

Morte: Natural. Fico pouco à vontade quando as pessoas fazem escândalos em torno da morte. É natural nascer, e natural morrer. Mas me incomodam as mortes violentas, desnecessárias e as mortes de pessoas que estão começando a realizar seus sonhos.

Ecologia: Muito barulho, pouca ação.

Brasil: Às vezes da vontade de sair correndo. Em outras, há a consciência de que temos uma tarefa a cumprir: sermos melhores e ajudarmos os outros a serem melhores para que a nação também se torne melhor.

Carta para Caio Fernando Abreu, Tiradentes, MG, 31 jul. 1990¹⁷

Caio, coincidências:

No dia em que me escreveste (aniversário da morte da Hildinha), eu fui pra São Paulo. Fiquei aí por duas semanas, a maior parte do tempo indo e voltando ao Instituto do Coração. Umas taquicardias frequentes demais me convenceram da necessidade de fazer um eletro. Hipertensão. Então o médico que se chama Edimar (parece nome de colega de primário) pediu mais nove exames incluindo uma “cousa” chamada Ecocardiograma onde a gente vê o próprio coração rebolando na TV. No fundo foi mais um susto, a pressão tinha subido tanto que eu estava perto da síncope. Acho normal que a esta altura da vida os fatos da própria se acumulem a ponto de causar estes siricoticos. Preciso tomar um remédio, cortar o sal, não fazer esforço físico, diminuir o cigarro (se parar eu tenho um treco!) e o café está definitivamente proibido. Devo voltar aí no final do mês para controle da situação. Continuo achando que morrer é muito mais barato.

No sábado, vindo para cá, comprei a Folha no caminho e deparei com a Dulce Veiga. Chegando em casa encontrei tua carta. O fascínio do enredo é transparente e em determinados trechos se sente o prazer com que escreveste.

Moro sozinha, numa casa de bonecas que, felizmente, não tem nada a ver com o Sarandi, o pátio é bem pequeno e as mostardas e rabanetes que plantei estão enormes. Estou te escrevendo no atelier, cercada por esculturas e pinturas inacabadas e de onde estou vejo no quarto a cama com a cadeira ao lado; um van Gogh rápido. A maior parte de minhas esculturas são cabeças ocas, contendo outras cabeças e um dos objetos é uma gamela de madeira (como um barco) com uma cabeça meio afogada dentro. Outro é um prato com um único seio. Algumas têm um vago parentesco com as carrancas do São Francisco, mas não são muito coloridas, tenho usado os tons de terras e madeiras que encontro aqui, também na pintura. Hoje ganhei um pedaço de madeira roxo.

Da Frida Kahlo, além do nome sonoro e das grossas sobrancelhas, não consigo apreciar mais nada. Pelas reproduções a pintura não me agrada, é discursiva demais e a autobiografia é de uma autopiedade arrepiadora. Minhas ex-alunas gostaram demais, mas desconfio que puseram o sofrimento físico da colega como uma espécie de filtro valorador da pintura, talvez.

Pinto a óleo de novo. E desenho muito. Trabalho numa série chamada em Gerais, não só por estar em Minas, mas porque trato de tudo o que me dá na telha: gente, cachorro, criança, pandorga, natureza morta, paisagem, arquitetura etc. Tenho um quadro chamado A porta da cozinha e é isto exatamente: a porta da cozinha, vista do atelier. E mais uma grande natureza morta com cabeças que se chama Matissegliani. Meu tema tem sido a cor da terra, dos pigmentos inacreditáveis que encontro aqui sem nenhum esforço. Quando vou aí pinto com as mesmas cores, talvez um pouco mais escuras e numa outra série, onde os personagens são mais baconianos; gente indo embora, gente sozinha num espaço grande, gente morrendo na calçada. São os Retratos na cidade. Mas quero pintar em tamanhos maiores, onde me sinto mais livre e para isto existem diferentes espécies de dificuldades tanto aí como aqui. Devo expor no final de agosto em S. Leopoldo (pintura e desenho) e em Pelotas (escultura e desenho). Em Porto Alegre em março e então espero que possam ser os quadros grandes.

Aqui também não saio e nem há muito onde ir além dos mesmos dois ou três botecos e alguma festinha de aniversário. Leio bastante (de óculos), faço tricô, durmo cedo. Às vezes vejo um filme com a Jô na casa dela, mas não muitas vezes já que ou ela viaja em função do Cláudio ou o Cláudio vem pra cá e já deu para perceber que se ressentiu um pouco da atenção que ela dá aos amigos. Ela está ótima, pintando um pouco menos do que deveria, um pouco por causa das viagens, um pouco por causa da casa que está construindo e nesta fase de finalização ocupa muito do seu tempo. Às vezes inventamos almoços na casa uns dos outros (a minha ainda está muito precária) e conversamos bastante. Também passeamos alguns de nós até o topo da serra, tomamos banho de cachoeira, mas ultimamente está frio demais para este ecológico programa. Fundamos uma Associação de Artistas Plásticos, eu sempre digo que não me meto mais nestas coisas, mas num lugar tão pequeno é impossível não participar do cotidiano.

Gosto daqui (a Banda Ramalho está ensaiando, desafinada como sempre; o dia em que acertarem o tom a cidade protestará veementemente), gosto do silêncio, de poder sair a qualquer hora e saber que não vou ser assassinada ou vou assistir alguém matando alguém. Gosto de saber que não preciso fazer caras e bocas nem por salto alto pra ver os outros fazendo caras e bocas. Mas não sinto como definitiva a minha permanência aqui, como não sinto em São Paulo. Falta alguma coisa, eu, como a Dulce Veiga, quero outra coisa, quero desesperadamente outra coisa. Talvez seja um amor, talvez uma camisa de força.

A Casa de Cultura Mario Quintana fica me convidando para cursos, palestras, seminários, churrascos, oficinas, surubas e sei mais o que. A ideia de dar aulas ou coisa parecida depois da experiência de Aracajú me ataca o fígado, os rins, o baço e a bexiga. Também pra mim só sobrou um aluno-excelente, mas é pouco para tanto desgaste.

Acho ótima tua ideia de sair, acho que quem pode deve sair e ficar fora o máximo de tempo possível pra se preservar um pouco desta miséria generalizada que corrói a nossa sensibilidade, a nossa saúde e a vontade de fazer. Tens mais é que ir, acompanhar teu trabalho, sair do círculo vicioso do cansaço em que estamos todos mergulhados, mesmo que não seja para sempre. E assim, quando voltares, talvez possas viver da paixão do teu trabalho e não precisas ficar fazendo ginástica pra sobreviver sem sequestrar ninguém. O negócio é não deixar cair da moldura.

Tenho visto como até os 30 ou até mesmo os 40 anos não se sente o tempo passando. De repente pinta a consciência de um dia a menos na vida, as mudanças no corpo ficam óbvias demais de um dia para outro, a alegria é difícil. Já passei da metade do tempo que me foi dado e sei que não tenho muito mais. Estou tentando que este tempo seja o melhor possível, apesar dos meus poucos meios. Mas está difícil encontrar o estímulo necessário apenas em mim mesma e no meu trabalho. Estou cansada demais do acúmulo de tantas frustrações e não é à toa que meu coração está sobrecarregado. Tenho me preparado, tentado pelo menos, para a cada vez maior evidência de uma velhice (se eu a alcançar) muito solitária. Mas está difícil, cada vez mais sinto a falta de um companheiro, do básico de um beijo, um abraço, de alguém a quem eu possa tocar sem que isto pareça uma invasão. E a gente fica sem saber onde colocar o desejo quando tantos muros e paredes o rejeitam. Haja água de Melissa!

Foi bom demais saber que terminaste o livro, com esta pinta de que vai virar filme daqui a pouco. Obrigada pelas matérias com o Bacon, gostei muito. Acho que pensamos de um jeito parecido, deve ser isto que aproxima nossas pinceladas.

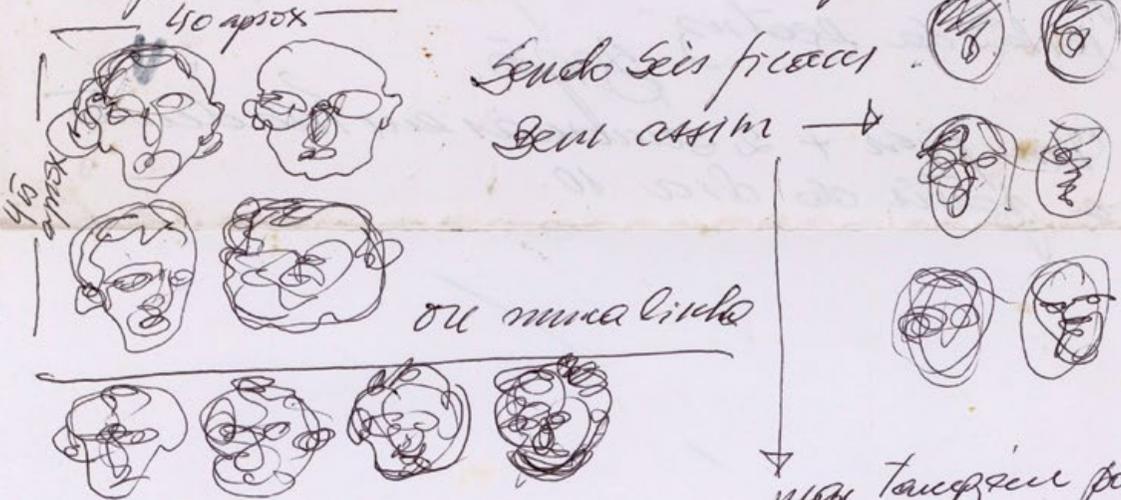
Te ligo no final do mês de Agosto, com muito gosto.

Beijo
Magliani

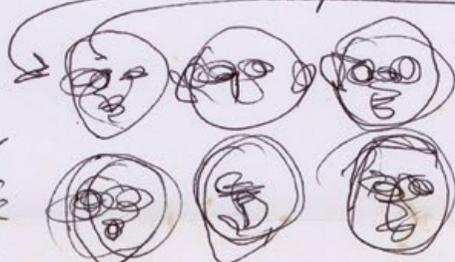
As fotos são nada boas, mas podem te dar uma ideia do que andei fazendo no final do ano passado. Deste ano não tenho fotos. O Collor não deixou comprar filme.

Tina, Marinho,

as novidades: a série Três. Devem
ser consideradas em grupos de 4 ou 6
e podem ser expostas como segue



Acho que precisamos
pensar num preço
diferenciado para eles
pois se considerarmos
a área ocupada pode
ficar meio caro.



Já tenho 36 montando com estas mas não
posso mandar mais enquanto pois preci-
so ter uma parede inteira para uma
exposição a três no topo das artes em
Delo Horizonte ainda sem data definida
Espero que gostem, beijos

Mafli. ☆

Carta para Angélica de Moraes, Tiradentes, MG, 18 ago. 1990 ¹⁹

Fiquei idiota, abobada dos pincéis e mostrei pra vila inteira. Chegaram no dia do delírio com as cores. Eu tinha passado a tarde anterior ralando os pigmentos que Franco e eu catamos na Serra. Já é uma loucura ver a montanha com todas aquelas cores, quando se as vê separadas é difícil de acreditar que seja real. Lilás / grafite / marrom café, ocre amarelo claro / terras avermelhadas, laranja, rosa escuro, vinho. Estou acrescentando à massa de papel e serragem para as cabeças. Elas estão maiores e são feitas em torno de umas madeiras antigas que encontrei debaixo de umas garrafas não tão antigas (e vazias). E estou fazendo esboços para as telas onde vou usar apenas estes tons.

Estou louca para começar a pintar, por enquanto recolho material apenas. Amanhã deve ser entregue a chave da casinha de bonecas pelo antigo habitante e logo começarão os arranjos necessários para entrar na própria, suponho que nos primeiros dias de fevereiro. Então eu irei buscar telas e tintas aí e te visito e levo o teu presente prosaico e mineiro.

Um beijo
Magli

O nome da pintura série (desenhos / objetos e pinturas) é “em Gerais”. És a primeira a saber.

Folder da exposição “em Gerais”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre, 1990 ²⁰

em Gerais – não apenas estar aqui, entre montanhas. Mas todos os temas, todas as terras, pessoas, paisagens. Todos os possíveis silêncios, espaços e passos nas pedras gastas por tantos outros apaixonados passos. E cores: branco e azul, adobe, terra, verde, telha, cinza, tijolo e sombras.

Pedras, pássaros e plantas. O novo – o século XVIII no cotidiano – e a influência em estar vivendo no barroco. Pedra, prata, ouro (“minas não há mais”) e (in)confidências sussurradas em ladeiras, becos e esquinas, testemunhos de tanta História e desta escolha. Meu presente dentro deste pequeno pedaço de passado: igrejas, meninos, madeiras, cachorros, flores, pandorgas, ferro, paredes, muros, mato, perfumes e ainda muito o que aprender. Alguma paz e muitas lutas às margens do Rio das Mortes. Garimpando um veio onde o outro ainda seja semelhante. E semente.

O RISCO DO BORDADO

Então, Porto Alegre, jul. 1993, p. 7 ²¹

INSISTÊNCIA NO INDIVIDUAL

Aposto no trabalho individual, pessoal, intransferível. Esta insistência mais do que resistência tem me causado algum obstáculo e demasiadas tentativas de “ajuda”. Acredito que todo o trabalho criativo seja passível das mesmas mudanças, avanços e recuos sofridos pelo seu criador e seus ajustes e desajustes com o momento em que lhe coube viver. Bem simples.

E completamente fora de moda.

Assim vou acabar alvo de uma possível tese vagamente arqueológica, algo do tipo “O Artista Como Agente Criador da Própria Obra – O Mistério”.

Composição I – Alguns

Confesso que não dei atenção aos primeiros sintomas, gostosuras do tipo “mas-porque-é-que-tu-não-pintas-temas-mais-populares”. Eu sabia o que eu queria pintar. E não estava pedindo sugestões. Mesmo já tendo umas gramas de cérebro na época, não conseguia compreender porque gente que

dizia gostar do meu trabalho estava, ao mesmo tempo, querendo que eu fizesse outra coisa. Levei algum tempo para entender que desejavam que eu me transformasse rapidamente numa “estrela”, que ajudasse a iluminar suas próprias expectativas de ascensão a – SEI LÁ O QUÊ.

Concluí que eram pessoas muito bem intencionadas, que não estavam entendendo muito qual era o risco do bordado.

Composição II – Eles

Sempre achei óbvio que, vendo o que eu faço, é possível perceber o que eu não pretendo fazer. Não é bem assim.

Personagens do quadro: amigo bem intencionado, crítico desinteressado, galeristas estelares, colegas com intenções variadas.

– Isto é pintura de homem, minha filha!

– Você é uma menina tão frágil, miúda, graciosa, meiguinha!

Porque não tentar uma pintura mais delicada, mais feminina?

– Você tem meios?

Tradução: pai rico, marido protetor, etc.

– Me traga 78 telas pequenas, 30 x 40 cm, no máximo. Daqui a um mês, faço uma exposição superbadalada, te apresento para todas as “pessoas que interessam”. Vou vender tudo, vou te lançar no mercado. Você não se preocupe com nada, eu trato da divulgação, da promoção da sua imagem (o que pode incluir uma biografia delirante), arrumo um bom fotógrafo, o melhor, conheço todos os críticos, etc, etc...

– Você entrega 30 telinhas por mês, assinamos um contrato de exclusividade por dois anos, eu forneço o material, te apresento umas senhoras muito influentes, você faz uns dois ou três retratos, elas mesmas se encarregam de trazer mais umas pessoas “que interessam”, vamos fazer uma grande festa, **eu tenho** um crítico ótimo que vai fazer sua apresentação, depois a gente dá um quadrinho pra ele, você tem um bom atelier? É importante ter um espaço bem localizado, posso lhe adiantar algum dinheiro, vamos fazer um belo catálogo a cores, bem, eu vou ter muitas despesas para o seu lançamento, a venda está toda garantida, mas a galeria precisa ficar com 70% porque são muitas despesas, o coquetel tem que ser de primeira, você traz tudo emoldurado, eu conheço um moldureiro ótimo, o melhor, ele vai te fazer um bom desconto. É fundamental que você mesma leve o material de divulgação aos jornais, já é um primeiro contato com o crítico (que não está na redação no momento) ou você pode falar diretamente com o editor que é meu amigo (que está sempre na hora do fechamento e não pode te atender) e trata de fazer umas paisagens, afinal, você quer vender ou não?

– Fulano achou seu trabalho interessante. Faz questão de escrever uma apresentação, nem vai cobrar, depois ele escolhe um desenhinho **E Eu Pedi Pro Fulano Escrever Alguma Coisa?**

– É FORTE, assim meio **down**, né? Meio baixo astral, carregada, os tempos já estão tão difíceis, cê é tão tensa, tão **heavy, take it easy**, relaxa, cê faz terapia? Já leu Jung?

Fez tai-chi, yoga, macrobiótica, bioenergética, natação, suruba, grito primal, homeopatia, cê precisa de um **up**, “dar um realce”, podes crer, ‘xa comigo, vou te apresentar umas pessoas incríiiiiiveis...

Eram, no máximo, inacreditáveis.

– O seu problema é cultural, você está muito afastada de suas origens, “partindo da premissa” de que você é uma negra **tem que** (ARG!) ter uma atuação política definida, uma posição dentro do contexto (estou engasgando de rir enquanto lembro essas coisas), sua pintura mostra uma influência burguesa, uma alienação perigosa que serve aos valores do capitalismo. Você está pervertida pelos valores da sociedade branca. Vou te levar numa gafieira!

Agora, eu é que não estava entendendo o risco do bordado. O que é que tudo isto tinha a ver com a minha pintura?

Concluí que havia uma necessidade um tanto neurótica de dirigir, ser o guru, o criador de alguém. Saí de cena embaçada.

INTERVALO AMOROSO

O amoroso em questão, reaparecendo depois de um aprazível sumiço:

– Ô, você ainda tá nesta vidinha? Cê tá muito isolada, muito descapitalizada, tá faltando **marketing!**

Suspeito que ele tava pleiteando pensão alimentícia.

Composição III – Eu hein?

Básico: Ir a Nova Iorque três vezes por ano. Se tiver atelier lá, melhor. Ir aos vernissages “que contam”. Morar no endereço certo – “aquele seu apê parece uma oficina”. Conhecer, frequentar, ignorar, receber e citar as pessoas certas, ir ao cinema certo (se for “cult” melhor), ao restaurante certo (a comida é pouca e ruim, mas o preço é de primeiro mundo e, afinal, todo mundo “que conta” vai estar lá). Ser ágil: todos esses elementos fundamentais são d-e-f-i-n-i-t-i-v-o-s por duas semanas.

Fazer coisas que você nunca quis para poder comprar coisas que nunca vai precisar. O contrário é pura insanidade. Ter coisas, ou pelo menos falar muito nelas – carros, barcos, cavalos, lanchas, sítios. Usar o figurino certo.

Para os homens é pior: camisas, gravatas e sapatos devem ser sempre italianos. Claro, você pode se vestir na Zé Paulino (ou na Voluntários) mas tem que chegar de carro e tênis importado, senão vai ser difícil provar sua existência. Receber informalmente – é preciso ter conta em loja de importado – críticos, artistas (só os de quem se fala esta semana), adendos e glamorosos em geral. Jamais cometer a deselegância de falar em arte e muito menos a suprema gafe de tentar mostrar seu trabalho nestas afáveis tertúlias. Saber tudo o que acontece em Nova Iorque enquanto o prédio ao lado pega fogo.

É patético, mas conheço gente que cumpre o ritual há anos e ainda não conseguiu realizar o sonho de ser capa da Vejinha. E você ainda tem que enfrentar dois exemplares que eu espero que estejam em vias de extinção.

A – O colega afetuoso

Aquele que toma café da manhã em NY, já foi apresentado cinco vezes e nunca te reconhece e sempre olha através ou acima de ti. De repente ele começa a te lançar sorrisos quando tu pensas que são dirigidos à outra pessoa, ele atravessa garbosamente a multidão e te preenche de beijinhos. Depois de umas três sessões de “protestos de estima e consideração”, ficas sabendo que ele absolutamente está interessado em quem tu és, apenas descobriu **quem é** a tua marchand.

B – O curador onipotente

Não, ele não está impressionado com a força e o vigor do seu trabalho. Ele tem mais o que fazer. Ele tem uma PROPOSTA. É preciso que fique claro que ele é TUDO e que, sem ele, você e seu trabalho seriam extrato de nadinha. Seus eventuais trabalhos na parede são apenas referenciais para uma melhor captação do clima do corte epistemológico do significante da obra. Dele.

DÚVIDA CRUEL

Se você NUNCA foi a Nova Iorque, COMO pode se considerar uma artista contemporânea? Prefiro continuar participando de coletivas culturais, organizadas por museus, por curadores que realmente vejam o meu trabalho, que apresentem um resumo de uma tendência, uma amostragem de uma determinada época, que não queiram me desmanchar, me reinventar ou refazer o meu trabalho para ilustrar alguma teoria estrambótica.

Insisto: não quero por 537 pregos enferrujados em saquinhos plásticos para tentar uma indicação para a Documenta de Kassel.

Magliani

NÃO QUERO SER FATIADA

Euzébio Assumpção e Mário Maestri (coord.). *Nós, os afro-gaúchos*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, p. 100²²

Por conta de diferenças de superfície, os povos já estão se matando a mordidas e por tanto tempo que já nem lembram mais porque ou quando começaram. Existem cada vez mais portas (fechadas) entre nós. Quanto mais Internet conectada com o mundo, mais afastados estamos uns dos outros. Guetos cada vez mais específicos – cada um na sua prateleira: classificados, rotulados, etiquetados e embalados individualmente, como fatias de queijo.

O que significa “afro-gaúcho”?

Como todas as pragas que vêm dos Estados Unidos (unidos?) e são aceitas e incorporadas por nós, sem questionamento, a necessidade de fragmentar tudo também me parece importada e irrefletida. Por que temos que compartimentar as pessoas de acordo com as suas origens? E no Brasil, onde cada família é produto de tão variadas ascendências?

Descendo de negros e brancos: africanos, espanhóis, alemães e italianos. Não sou afro-gaúcha, ibero-gaúcha, teuto-gaúcha ou ítalo-gaúcha. Sou brasileira, nascida no Rio Grande do Sul. Isto é o bastante. Não quero escolher uma raça em função da cor da minha pele. Não quero ser fatiada, dividida em porções, me aceito como soma.”

“FUI CONDENADA AO NÚCLEO HISTÓRICO”

Entrevista concedida a Eduardo Veras

Zero Hora, Porto Alegre, 26 maio 2001, Caderno de Cultura, p. 3²³

Do Rio, a gaúcha Magliani fala de seu trabalho e comenta o descaso com que estariam tratando sua geração de pintores.

Maria Lídia Magliani já foi uma das grandes promessas da arte brasileira. Suas pinturas circulavam com desenvoltura pelo mercado. Quadros seus estiveram na Bienal Internacional de São Paulo. Os críticos louvavam o quanto havia de “dilacerado e trágico” na sua produção. “Fiel ao expressionismo, ela não fez dessa opção uma fórmula”, anotou em 1985 a crítica de arte Angélica de Moraes. Hoje, aos 55 anos, 35 de carreira, Magliani se mostra ainda uma artista desassossegada – as mesmas pinceladas fortes, o gosto dela pela deformação, os ritmos tensos, a preocupação com as relações humanas e seus impasses – mas parece algo alheio ao circuito nacional de artes plásticas. “Minha geração foi condenada ao núcleo histórico”, protesta. A exposição *Auto-Retrato*, que ela está apresentando na Galeria Tina Zappoli, em Porto Alegre, seria uma exceção. A artista mostra ali 12 obras recentes. São três pinturas grandes sobre tela e nove pinturas menores em papel. Há figuras em preto-e-branco e em cores vibrantes. O que se vê – até 9 de junho, na Rua Paulino Teixeira, 35 – é ainda uma pintura dilacerada e trágica. “Basta ser sincero com seu próprio movimento interno”, ensina a artista na entrevista a seguir. O diálogo foi feito por fax, desde o Rio, atendendo uma exigência de Magliani. Gaúcha de Pelotas, ela se iniciou na pintura em Porto Alegre no final dos anos 1970, depois de ter trabalhado como diagramadora de jornal, ilustradora e atriz de teatro. Morou em São Paulo, Tiradentes (Minas) e Rio, onde ganhou projeção nacional. Voltou a Porto Alegre no final de 1999. Vinha com a intenção de retomar raízes, mas na metade do ano passado estava novamente na capital carioca. **(Eduardo Veras)**

Zero Hora – Por que você chamou a exposição de *Auto-Retrato*?

Magliani – O título se refere ao caráter pessoal do meu trabalho, à defesa de uma arte marcadamente autoral.

ZH – Por que essa marca é importante?

Magliani – Na ansiedade de conquistar espaço no mercado internacional, há no Brasil uma repetição de fórmulas de sucesso comprovado. Todos estão fazendo as mesmas coisas e abrindo mão de suas particularidades.

ZH – Como um artista pode manter sua marca?

Magliani – Basta ser sincero com seu próprio movimento interno.

ZH – Que balanço você faz de 35 anos de carreira?

Magliani – Trabalho, muito trabalho e alguma perplexidade em relação à perda de visibilidade da pintura.

ZH – Como essa perda de visibilidade vem se manifestando? A que você atribui isso?

Magliani – Talvez isso só esteja acontecendo na minha geração. Conheci muitos pintores nos últimos 20 anos e, embora eu saiba que eles continuam trabalhando, não ouço mais falar neles. Eles já não são convidados para as grandes exposições e estão ausentes das galerias de maior expressão. São lembrados apenas em retrospectivas do tipo *Artistas da década de 70*, em que são incluídos trabalhos antigos, como se eles não produzissem desde então ou houvessem estacionado naquela época. Estamos condenados ao “núcleo histórico”, uma espécie de aposentadoria compulsória.

ZH – Paradoxalmente, exposições e levantamentos recentes falam de uma volta à pintura. Isso te parece uma tendência, uma forma de resistência ou nada disso?

Magliani – “Volta à pintura” pode não ser a expressão adequada. Ninguém parou de pintar. As pessoas não estão conseguindo é mostrar. Já vi regulamentos de centros culturais em que está explícito: “Não serão aceitas mídias convencionais (pintura, escultura, desenho, gravura)”, como se não fosse possível um trabalho contemporâneo que usasse essas técnicas. Tenho visto exposições de pintura, sim, mas em lugares onde ninguém vai. Parece que, para ser visível, o artista tem que ter menos de 50 anos e mais de 70. Então, o problema não seria com a pintura mas com os pintores que cometem o desatino de sobreviver além dos 50. Acho ótimo que os mais jovens mantenham a pintura viva, mas também acho que é muito cedo para que minha geração seja posta para fora de cena ou confinada a uma época delimitada. Quanto à segunda parte da pergunta, não acredito numa tendência de volta à pintura, nem num movimento de resistência a outras mídias. Trata-se apenas da utilização de um meio possível dentro das artes plásticas, tão válido quanto os mais recentes. Que permaneçam todos em movimento.

ZH – No que você anda trabalhando?

Magliani – Continuo pintando e estou muito interessada em reciclagem, principalmente de papel. Também experimento (sem muito empenho) a gravura em metal, que meus companheiros de ateliê pacientemente me ensinam. Faço as coisas que sei fazer um pouco e tento aprender mais. Nasci para isso. É o meu jeito de estar no mundo. Faço parte do Atelier DZ9, com três artistas mais jovens do que eu, o que ajuda a oxigenar minha cabeça grisalha e meu cérebro adolescente: Julio Castro (também gaúcho) e Paula Erber, gravadores, Ivana Curi, designer. Embora não constituindo um movimento, participamos em comum de ações de interesse coletivo, como o Projeto Jovens Aprendizes, em que adolescentes do bairro de Santa Teresa têm oficinas de artes plásticas. O projeto é uma das realizações do Arte de Portas Abertas, que congrega os ateliês do bairro e cuja 11ª edição acontecerá nos dias 23 e 24 de junho. O evento dura um fim de semana, mas as oficinas ocorrem ao longo de todo o ano.

ZH – Algumas figuras que aparecem nessa exposição da Galeria Tina Zappoli parecem estar dançando. Você trabalha ouvindo música?

Magliani – Quis fazer uma série de homens bailarinos a partir de fotos de jogos de futebol, que são sempre ótimas nos jornais. É uma busca de movimento que se reflete nas pinturas que faço no momento, bastante gráficas. Ouço música o tempo todo – piano, de preferência.

ZH – Na mostra, também chama atenção do uso do preto-e-branco. É uma novidade?

Magliani – Minha primeira exposição (em 1966, não te lembra porque não tinhas nascido) foi toda em preto, branco e cinza. Às vezes, uso cores fortes e é um assombro para mim quando elas se impõem, mas é sempre uma espécie de intervalo dentro do meu cada vez maior interesse pelo monocromático ou pelo aspecto mais definido do preto-e-branco. Tendo a usar cada vez mais esse contraste nas minhas pinturas e desenhos. A xilogravura é uma influência direta do meu trabalho e Goeldi (Oswaldo Goeldi, gravador) talvez seja uma influência maior do que todos os pintores que admiro.

ZH – Dizem que você foi embora de Porto Alegre porque não encontrou aqui a acolhida profissional que esperava. A cidade decepcionou você?

Magliani – Encontrei uma excelente acolhida na minha volta a Porto Alegre, mas precisei retomar

projetos que estavam suspensos no Rio. Minha ligação profissional com a cidade permanece e meu amor por ela também.

ZH – Existe a possibilidade de você voltar a morar em Porto Alegre?

Magliani – No momento, só o presente me interessa.

Entrevista concedida a Michele Rolim
Jornal do Comércio, Porto Alegre, 2010²⁴

ROLIM – Você considera que as suas obras são, de certa forma, uma arte-armas?

MAGLIANI – Considero que é preciso haver mais arte para que existam menos armas.

ROLIM – Quais são as suas principais influências?

MAGLIANI – Depois de tanto tempo de trabalho e de tantas mudanças, todas as influências estão tão misturadas que não há mais sentido em identificá-las. No momento eu digo que tanto Van Gogh quanto Google.

ROLIM – O que é mais importante pra você dentro das artes, a linguagem adotada ou o significado atribuído a ela?

MAGLIANI – Sem dúvida a primeira. O significado atribuído tem muito a ver com as expectativas de cada observador, raramente com o trabalho e o que está proposto. É quase sempre superficial e produto de pouca atenção.

ROLIM – Como foi o teu início dentro das artes? E o que te levou a buscar isso como profissão?

MAGLIANI – Já não localizo um início datado. Eu comecei a pintar e não parei, é isto. A primeira exposição foi em 1966, mas certamente não foi o início. No momento, acho que arte é uma atividade, não uma profissão.

ROLIM – Na década de 1960 você atuou como atriz, integrando o elenco em montagens como *La Celestina*, de Rojas, *As criadas*, de Jean Genet, e no papel título de *O Negrinho do Pastoreio*, de Delmar Mancuso. O teatro, de alguma forma, influenciou o teu trabalho atual?

MAGLIANI – Estar no palco me trouxe uma nova maneira de perceber o espaço que passou a fazer parte do espaço na pintura.

ROLIM – Na exposição da Casa da Gravura, estão três séries: *Cartas*, *Figuras eróticas* e *Dançantes*, além de outros trabalhos e das xilos, quais as principais características de cada série?

MAGLIANI – Nas “Cartas” a exacerbação da cor, em “Dançantes” o grafismo, não há “Figuras eróticas”, não intencionalmente. Trata-se de uma interpretação, da qual discordo.

ROLIM – Como a cor é determinante no teu trabalho?

MAGLIANI – Como desafio, desde sempre. Necessidade de criar uma cor que seja a realidade da pintura. Matisse ajuda.

ROLIM – Você é natural de Pelotas e está morando no RJ, desde quando? O lugar que você cria tem influência nas tuas obras?

MAGLIANI – Não mudei para o Rio; apenas estou aqui no momento, não lembro desde quando e nem sei por quanto tempo, como estive em outros lugares. Gosto de pensar que vivo em movimento, em direção a.

ROLIM – O erotismo, a negritude e o feminismo são temas recorrentes da tua obra? Quais os outros?

MAGLIANI – Não, não são. O que é recorrente no meu trabalho:

A atenção ao desenho, a busca de uma interação própria entre as cores (das tintas, não da pele) e as possibilidades plásticas da figura humana (não especificamente feminina). Figuras e objetos são formas, não temas.

ROLIM – Você já pintou paisagens. Mas agora tem um trabalho voltado para a figura humana, por que esse interesse? Pretende voltar a pintar paisagens?

MAGLIANI – Se estás considerando montanhas fazendo “duetos” com formas humanas em alguns

trabalhos, eu não chamaria de “paisagens”. Não lembro de ter pintado paisagens depois dos 9 anos de idade. Mas gostei da ideia, obrigada. Acho que vou inventar algumas.

ROLIM – O teu trabalho tem viajado bastante. Para quais países ele já foi?

MAGLIANI – Que eu saiba: França, Itália, Portugal, Holanda, Alemanha e Estados Unidos.

ROLIM – A primeira impressão que temos ao olhar uma obra sua é que ela é bastante impulsiva, em que momento entra a racionalidade?

MAGLIANI – Não identifico impulsividade no meu trabalho. Há o impulso em direção à tela, mas todo o gesto passa, necessariamente, pelo pensamento. Um pensamento plástico e não explicitável através de outro meio que não a própria pintura.

ROLIM – Como você avalia o mercado de arte brasileira? Hoje é possível viver só da arte?

Você mantém alguma atividade paralela como fonte de renda?

MAGLIANI – Ainda não é profissional o bastante para prescindir de fatores extra-arte, mas esta é uma impressão superficial e não me sinto em condições de ir além disto. A arte exige cada vez mais dedicação exclusiva. Ou não acontece. Como sou meio alternativa, nada consumista e bastante quixotesca, vou em frente.

Entrevista concedida a Viviane Gueller, Porto Alegre, 9 nov. 2012 ²⁵

Magliani: Eu sou Maria Lídia Magliani, mais conhecida como Magliani, que é como eu assino os meus quadros. Me chamam de artista plástica, mas eu prefiro dizer que sou pintora. Artista plástico faz muita coisa... Instalação, performance... Eu não faço essas coisas. Eu só pinto, desenho, gravo, faço ilustração... Faço bastante coisa, mas tudo derivado da pintura.

Viviane Gueller: Magliani, onde você nasceu e onde mora hoje?

Magliani: Eu nasci em Pelotas, em 1946. E vim pra Porto Alegre com quatro anos de idade, então, sou mais porto-alegrense do que pelotense. E atualmente eu estou no Rio. Realmente eu estou no Rio, eu não fui para o Rio. Eu estou no Rio neste momento. Porque eu mudo muito, eu saí daqui e fui para São Paulo, depois fiquei um período em Minas, depois voltei para São Paulo. Vim para o Rio Grande do Sul, fiquei quase um ano aqui, voltei para o Rio de Janeiro e agora eu estou lá. Por enquanto.

Viviane Gueller: E por que esses deslocamentos todos?

Magliani: É uma inquietude minha mesmo. Eu tenho bicho carpinteiro. Sofro de bicho carpinteiro desde criancinha, minha avó já falava isso. Eu não gosto de ficar muito tempo num lugar, não gosto de criar raízes. Acho que raiz é bom para planta. Eu gosto mesmo é de sair descobrindo. Quando começa a ficar muito igual, eu já quero outra coisa.

Viviane Gueller: E do período que você vivia em Porto Alegre, tem uma história muito clássica que eu queria que tu contasses para a gente, que você participava muito de programas, era solicitada para dar opinião. Como é que era isso?

Magliani: Bom, como eu trabalhei em várias áreas, teve uma época em que eu fazia teatro, tinha uma loja de artesanato, além de pintar. Trabalhava numa galeria também. Trabalhava em jornal, fazia ilustração... Tudo ao mesmo tempo. Então, qualquer coisa, me pediam opinião, inclusive coisas das quais eu não entendia nada. E eu não deixava de dar opinião do mesmo jeito, né? Mas aí chegou uma época que ficou muita solicitação, além das festas. Então eu não podia fazer mais nada, começaram a me convidar para tudo que acontecia, inauguração de tudo. Tinha até um cavalo com meu nome, só que eles não sabiam que era nome de família então deu uma confusão, minha avó ficou furiosa, foi um horror. Essa história... É que eu estava em toda parte e aí eu não conseguia mais trabalhar. Festinha, concílios e conselhos (concílios e conselhos é um nome bom para livro). Tudo queriam saber minha opinião e daqui a pouco vai deixar de existir o motivo pelo qual eu sou tão famosa e solicitada, porque não terei mais tempo de pintar nem nada. Aí eu fui para São Paulo um pouco aborrecida já com essa história de dar palpite sobre tudo. Fui para São Paulo e os dois primeiros anos foram um inferno, porque continuava a mesma coisa. As pessoas me ligavam para dar opinião e, principalmente,

para votar, né? Porque tinham questões na cidade que dividiam as pessoas. Um grupo me ligava para eu apoiar, depois o outro grupo também para eu apoiar. Os dois grupos queriam o mesmo apoio. Não posso, eu estou aqui, não sei o que vocês estão fazendo. E, geralmente, eu discordava dos dois. Um caso bem emblemático dessa época, eu não me lembro bem qual foi a história por trás, mas as pessoas mandaram uma carta para eu assinar. Tinha uma palavra muito forte, nem lembro qual era, uma hecatombe! “Desagravo”! “Em desagravo a nem o sei o que”, acho que nem eles lembram mais. Eu falava: gente, “desagravo” é uma palavra para África do Sul, Uganda, essas coisas. Não é para uma pendenga em Porto Alegre, né? Então tinham essas coisas assim, tudo levado a muita ponta de faca. E uma dessas histórias que inventaram foi o raio do Muro da Mauá, que eu sempre fui contra; as pessoas criaram um movimento, a Tomaselli criou um movimento para disfarçar o Muro da Mauá. Então queriam pintar o Muro da Mauá. Conseguiram apoio das tintas para pintar, ou então “vamos pintar o muro” e iam juntar todo mundo e me convidam a vir para Porto Alegre pintar o muro. Não vou! Quando for para derrubar o muro, aí me chama! Aí eu vou, levo uma marretinha, martelo, o que for. E eu continuo à disposição para derrubar o muro. Para pintar não!

Viviane Gueller: Então na época as opiniões se dividiam entre pintar ou não pintar o muro?

Magliani: Não! Na verdade, estava todo mundo achando ótima a ideia de pintar o muro, porque já que era uma coisa tão feia, pelo menos ficava bonito com um grafite. E assim, uma coisa bem variada, né? Várias gerações pintando o muro. Nada disso, o muro é uma coisa grave, tem que desmanchar. Primeiro que tirava a paisagem e segundo que entupia, eu acho que podia causar enchente. “Não, o que causa enchente são os bueiros”, então desentope os bueiros também, mas tira o muro! Porque eu estava acostumada na época que eu estava na Filosofia, em 1967, por aí, a gente saía e ia passear do lado da Usina do Gasômetro, ficava na prainha lá, sentados, jogando pedrinha na água, conversando... Era tão bom! Eu gostava porque ia direto, agora eu nem sei mais como entra com aquela história de muro. Aliás, eu não gosto de muro, cerca, essas coisas. Não gosto. E tá tudo gradeado, né? Eu acho engraçada essa coisa de grade porque se está gradeado é porque tem alguma coisa preciosa, chama atenção, né? Para ir lá, roubar. Não sei que tanta coisa maravilhosa tem para ficar gradeado. Não gosto de grade, muro, nada dessas coisas.

Viviane Gueller: E afasta a cidade do que ela tem de mais lindo, né?

Magliani: Sim! Eu acho um absurdo. Completamente absurdo. Então eu continuo à disposição para derrubar o muro.

Viviane Gueller: E as pessoas nessa época então te ligavam com relação a diversas questões. Que questões eram essas?

Magliani: Sim... Eu não me lembro, mas eram coisas desse tipo, sabe? Uns achavam um verdadeiro absurdo uma coisa, outros achavam que estava certo. Mas eu não lembro mais, são coisas que aconteciam na época que não eram tão importantes. Bom, eram importantes para as pessoas que estavam aqui, eu estava lá, estava em outra, né? Para mim, o que pegava era: como eu poderia dar opinião de uma coisa que eu nem sabia o que estava acontecendo? Essa questão da Bienal do Mercosul, por exemplo, logo quando começou, as pessoas achavam que, já que tinha bienal no Sul, tinha que ser para artistas do Sul. Isso é um absurdo, não é um panorama da arte gaúcha. Meu entendimento sempre foi esse, não é um panorama da arte gaúcha. É uma bienal que está localizada no Sul, mas não significa que só tenha artistas do Sul, isso não existe. Tem coisas que as pessoas acham que eu vou aderir imediatamente, não tem porque existir essa reserva de mercado para o Rio Grande do Sul. É uma bienal como as outras.

Viviane Gueller: Magliani, a cidade continua polarizada?

Magliani: Eu não sei, porque nas outras vezes que eu vim eu não tive muito contato. Porque tu vens fazer uma exposição, para dar uma oficina, essa coisa toda, mas não tenho mais esse contato aqui que tinha na época, mesmo porque a minha geração e os um pouco mais jovens, está todo mundo espalhado por aí. Tem poucos que permanecem aqui, mas realmente não sei te dizer não. Eu sei que aqui continua aquela coisa que sempre teve, que eu acho que aqui tem mais que nos outros lugares, “eu não falo com fulano”, “eu não me dou com ciclano”, eles tiveram uma discussão 30 anos atrás, nem lembram mais porque e continuam de mal. Isso continua forte aqui, eu acho engraçado, eu me dou com todo mundo.

Viviane Gueller: Essas polarizações de Grêmio e Inter, de Chimango e Maragato, são bem características daqui, né?

Magliani: Sim, mas isso a gente brinca muito, por exemplo, uma coisa que eu nunca liguei aqui, mas fora a gente brinca muito com isso. No Rio, principalmente, uma outra amiga daqui que mora lá, Marisa, diz: “Você já viu que coisa horrível o excesso de ‘gremistas’ dessa cidade?” Porque a gente ia num restaurante que tinha um portão grande do outro lado da rua, que saía um enxame de camisa azul, que coisa desagradável! A gente ficava brincando com isso e eu também sempre morei perto de um bando de gremista. Isso não é justo. Tem uma amiga lá do Rio, na verdade ela é paulista, parte da família é daqui, mora na França, mas ela mora uma parte do ano em Copacabana. Ela disse: “Olha, agora você pode se sentir mais à vontade porque tem um inferno aqui na esquina que não me deixa dormir. Tem um bar que concentra os colorados e os flamenguistas, então é um mar vermelho”. Ela disse: “Quando estiver sentindo muita falta, venha para cá. É uma barulheira! Eles se juntam, todos os camisa-vermelha”. A gente fica brincando com isso, mas na verdade nunca tive muita ligação, mais fora, né? É a mesma questão dos termos gauchescos, quando junta mais de três gaúchos automaticamente a coisa fica forte, o sotaque reaparece, e aí a gente brinca bastante com a história, mas nunca com essa, nada muito sério. E a gente brinca com essa rivalidade, né? A gente exagera, mas ninguém aposta muito não em todas essas coisas, Rio e São Paulo, Fla-Flu, GreNal... Tudo bobagem.

Viviane Gueller: O que te chama atenção para onde você olha na cidade? Onde está o seu olhar no cotidiano?

Magliani: Na cidade em geral?

Viviane Gueller: Onde tu moras, ou por onde tu circulas...

Magliani: Bom... No Rio, principalmente, o que me chama mais atenção, e negativamente, é a sujeira. Não consigo entender como as pessoas conseguem viver dentro da sujeira e promover tanta sujeira. Sabe aquela coisa de passar e raspar o braço na lixeira e jogar o copinho de refrigerante no chão? Na frente do carinho que tá varrendo? Que acabou de varrer? É quase uma cultura. A sujeira é quase uma cultura. No Rio de Janeiro cada vez pior. Eu estou a própria chata, eu estou muito chata, eu não aguento, eu falo, eu ando de saquinho recolhendo lixo. Sacola plástica. Tudo feito de sacola plástica. Isso é uma das coisas que me chamam mais atenção, depois o barulho. Eu acho que algumas pessoas que moram em Porto Alegre falam por telefone ou por e-mail: “Essa cidade está um horror, não tem mais lugar para nada, está cheio de carro”. Eu chego aqui e acho um silêncio, uma maravilha. Eu estava olhando o jornal hoje, “o movimento está intenso na avenida num sei o que”, aí tem três carros. Gente, a essa hora, sete horas da manhã, São Paulo e Rio de Janeiro, não tem três carros passando porque eles estão parados grudados uns nos outros. Então tem um certo exagero, eu acho, quando as pessoas se queixam. Claro que mudou, claro que tem mais carro que vinte anos atrás, mas tem um exagero muito grande em relação a outras cidades. E também eu não vejo aquela sujeira. Eu fui caminhar no Parque Marinha do Brasil, tinha um saco de plástico na grama e vi uma senhora gritando indignada por causa de um saco plástico, que, aliás, eu já estava recolhendo. Tem lugares de São Paulo e Rio que tu não enxergas a grama, porque está cheio de copinho de plástico, saquinho e latinha de cerveja. Tem mais lixo do que grama. Então essa diferença ainda é muito forte aqui, ainda existe um cuidado grande e existe uma tranquilidade maior, silêncio maior. Quanto mais tempo tu ficas fora, mais tu percebes, quando tu tá aqui tu não percebe tanto. Tu começa a achar que tá indo para o buraco junto com tudo, e tá, né? Só que não tão celeremente. Então ainda tem. Eu não vejo as pessoas falando aos gritos, eu ando falando aos gritos. Eu fico escandalizada, eu não me acostumo. O cara tá aqui desse lado falando com o outro lá e nenhum dos dois atravessa, ficam meia hora aos berros, de um lado para o outro. Isso eu não vejo aqui. Mas nas cidades em geral o que me incomoda é isso, barulho e sujeira.

Viviane Gueller: O que te agrada?

Magliani: Depende. No Rio, por exemplo, a paisagem. Ela não basta, mas é inegavelmente linda. Em São Paulo é meio difícil de falar isso, mas eu gosto muito de São Paulo. Eu gosto de tudo de São Paulo, apesar do engarrafamento, mas é o que funciona. O que eu prefiro em São Paulo, que eu não encontro nem aqui e nem no Rio, é que as coisas funcionam. Não é maravilhoso, mas funciona. Por exemplo, no Rio, tu marcas, aqui também, um serviço, sei lá, quebrou uma coisa e tu chamas o cara

para consertar. Muito bem, mas o cara só vem em horário comercial. Como assim horário comercial? Eu vou gastar o dia inteiro esperando? Aí às cinco e meia da tarde o cara liga para dizer que não vai. Já notei, né? Não precisa mais, já fiz, já preguei. Se o cara tem que pregar um negócio, tirar um fio do lugar... Não, não. Já fiz. Eu tenho a ferramenta. Já fiz, já desaparefusei, já consertei. Não vou ficar esperando. Mas é isso, cada lugar tem... Também depende muito do momento, depende muito do momento.

Viviane Gueller: Mas, apesar disso, vale a pena continuar no Rio?

Magliani: Eu acho que vale a pena continuar em movimento, entendeu? Agora eu estou em Porto Alegre, até segunda-feira pelo menos.

Viviane Gueller: Magliani, qual o teu maior medo?

Magliani: Virar mendiga. É o único medo que eu tenho. Eu não sou nada, nada medrosa. As outras coisas vão acontecer mesmo, já estão encaminhadas, os desastres todos, então não dá medo. É uma coisa que faz parte, entendeu? Eu tenho uma amiga que morre de medo de avião. Eu não entendo medo de avião. O máximo que pode acontecer com um avião é ele cair, certo? Não é mesmo? Se eu tiver medo o avião vai deixar de cair? Não vai, né? Agora essas mudanças de situação na vida das pessoas... Porque não adianta, tu caminhas numa direção, mas nem sempre tu consegues chegar nessa direção. Tu segues vários outros caminhos e dá de cara com muros e paredes em todos eles, então tu podes te esforçar muito e nadar, nadar, nadar e se afogar do mesmo jeito. Por mais que tu te esforces, as coisas podem não funcionar e chegar num ponto extremo. Isso eu tenho medo, um ponto que eu não possa ter controle nenhum.

Viviane Gueller: Psicológico ou financeiro?

Magliani: Financeiro. Porque eu nunca vi tanto... Não é só uma questão de tempo, passado, situações que foram mudando na economia. É uma coisa que é muito concentrada em alguns lugares. Eu cheguei aqui na terça-feira, eu vi dois moradores de rua. Dois. Na minha rua, só na rua que eu estou morando agora no momento, tem uns vinte e cinco, que são permanentes. Fora os outros. Eu moro numa rua que tem uma calçada larguíssima, uma coisa rara no Rio, mas é uma calçada muito larga. No verão passado, tinha esses moradores de rua, espalhados na calçada toda, deitados de barriga para cima como se tivessem na praia. Mas toda a calçada, não era aquela coisa organizada num canto. Não, era toda. Então era uma calçada larguíssima que tu não podias passar assim sem praticamente pisar em cima deles. De manhã tu vês as pessoas, são panquecas na frente dos bancos, porque eles ficam na frente dos bancos porque tem segurança, porque se não alguém vai lá e mata, porque continuam matando. Então, essa situação eu acho chocante e eu tenho medo de um dia estar entre eles, de chegar um ponto de você não ter. Porque eu acho que é um ponto de total descontrole da própria vida e é isso que eu tenho medo realmente, de não conseguir ter esse controle e chegar a esse ponto.

Viviane Gueller: Você age de acordo com o que você pensa, com o que você sente?

Magliani: Não, eu não fico pensando nisso o tempo todo, entendeu? Permanece só essa ansiedade em relação ao assunto, mas é claro que eu vou continuar a minha vida do jeito que dá, normalmente, mas quando tu me perguntas “medo”, medo mesmo o único que eu tenho é esse.

Viviane Gueller: Mas eu digo se em geral na vida, se você age de acordo com o que você sente, com o que você pensa.

Magliani: Sim, sempre. De vez em quando não dá muito certo, né? De vez em quando tem umas opiniões que entram meio que em choque. Aquela coisa do “agora a gente pensa assim”, mas espera um pouquinho... Não é bem assim. Mas é assim. Eu acho mais prático inclusive. Todas as vezes que eu tentei usar os conselhos... Porque tem muita gente que acha que eu sou criança, tem aquele irmão mais velho, que na verdade é mais moço ou da mesma idade, que acha que vai dirigir tua vida. Antes eu brigava, esperneava, agora eu já: “tá bom, tá legal” e sigo adiante. Não tem como, se cada vez for: “mas se fulano tiver razão”, ao invés de fazer uma coisa direta e seguir a tua cabeça, mesmo que dê de cara na parede, aí tu vais fazer o que o outro acha que tu devias fazer, não dá certo e ainda fica com raiva. Eu prefiro errar pelos meus próprios meios.

Viviane Gueller: O que te mobiliza? Quais as coisas que te mobilizam?

Magliani: Atualmente eu não ando muito mobilizada com nada. Não ando mesmo. Eu estou cansada, estou velha, não estou muito mobilizada com nada. São momentos... Isso agora: “Ah! Legal”, mas

aquele entusiasmo eu não tenho mais. Não estou conseguindo mais me entusiasmar não, não estou. Acreditar, sabe? Acho que o que te mobiliza é o que tu acreditas. Tu acreditas que aquilo vai ser bom, que aquilo vai crescer, mas eu não acredito mais. Eu não acredito em recuperação, esses programas todos, recuperação de não sei o que... Não tem. Entrou naquela senda e não vai sair dali, ou vai sair para um lado pior, ou não tem, não existe recuperação, não acredito. Às vezes me convidam para esses programas, eu não gosto desses programas de “vai dar aula para a favela, aula de pintura”. Tá, tá bom. Eu vou lá três dias, e depois? Não é isso. Não é uma coisa que você vai lá e coloca, é um processo isso, o processo já começou. Vou chegar lá, linda, loira e japonesa e vou mudar o processo em uma semana? Eu não acredito nisso. Essas coisas dão problema, dão discussão, porque tem aquele papo que eu odeio que é assim: “Mas se um deles, se uma pessoa sair, aí já valeu”. Não, não, não. Isso parece discurso de culpado.

Viviane Gueller: O que te faz sentir viva?

Magliani: É esse desafio de lutar contra uma coisa que parece que foi estabelecida antes de mim, sabe? Como se tivesse um caminho que eu tivesse que seguir. Você nasceu para seguir isto. Quer dizer, sair dessa rota me mobiliza. Não, não tem que ser assim. A minha mãe dizia uma frase que eu odiava desde criança: “Não se deve dar o passo maior que as pernas”. Eu digo: “Então eu vou ficar sentada, então não vale a pena caminhar”. Tudo o que tem que fazer é dar o passo maior que as pernas, não acha? Se não, qual é a graça? Dar o passo maior que a perna sempre. Romper expectativas, os estereótipos principalmente. Lembro que há muito tempo no jornal um colega disse pra mim: “Qual é a tua escola?”. Bom, eu não sei, não sou muito ligada nisso, mas as pessoas dizem que é o expressionismo. Ele disse: “Não, eu estou falando escola de samba”. Ou seja, eu tinha que ter uma, mas eu nem gosto de carnaval. Ele ficou chocadíssimo. “Como tu não gostas de carnaval?”. Não gosto, sinto muito. Eu não tenho que gostar de carnaval. Não gosto, nunca gostei, desde criancinha. Minha mãe adorava, mas eu não gosto. Tinha foto fantasiada, chorando porque estava fantasiada. Ela queria me levar para baile infantil, eu não queria ir. Não gostei, não gosto, continuo não gostando de carnaval. Então estás a ver que eu estou bem arranjada morando no Rio de Janeiro, né? Com aqueles blocos imensos, não tem escapatória. Não escapa. Agora mais os estrangeiros que vem aos magotes, eles adoram. Eles fazem tudo que eles não fazem no lugar deles, principalmente os europeus. No Rio de Janeiro tá liberado. Tenho horror.

Viviane Gueller: Qual a lembrança mais doce da tua infância?

Magliani: A minha infância foi tão fofinha, não tem nada específico não, não que eu me lembre. Lembrei das visitas ao parque de diversões, que tinha algodão doce, claro, e tinha um bolinho que era cheio de bolinhas coloridas que chamavam, em Pelotas pelo menos, de bolinho da saúde. Porque as bolinhas levavam bolinhas de champanhe, imagina. Não sei, isso já é uma leitura minha de pré-pinguça. Eu associava as bolinhas a bolinhas de champanhe.

¹ Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS

² Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

³ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁴ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁵ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁶ Acervo Flavio Xavier

⁷ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁸ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁹ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹⁰ Centro de Documentação e Informação, jornal Zero Hora

¹¹ Acervo Galeria Tina Zappoli

¹² Acervo Galeria Tina Zappoli

¹³ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹⁴ Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

¹⁵ Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

¹⁶ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹⁷ Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS

¹⁸ Acervo Galeria Tina Zappoli

¹⁹ Acervo Núcleo Magliani

²⁰ Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

²¹ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

²² Acervo Kailã Isaias

²³ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

²⁴ Acervo Núcleo Magliani

²⁵ Acervo Documental Fundação Iberê



SOBRE MAGLIANI

ARTIGOS NA IMPRENSA

ADO MALAGOLI

Texto de apresentação da exposição, Galeria Espaço, Porto Alegre, 1966 ¹

A Galeria Espaço lança, com a presente mostra, um nome inteiramente novo, Magliani, que, embora muito jovem ainda, é dona de certa modalidade artística bastante significativa, cuja figuração é de um lirismo inquietante. Suas composições, com luas mórbidas a se destacarem sobre fundos e riscados de frases poéticas, apresentam estranhas e esguias figuras humanas reduzidas a pura expressão formal. Possuindo uma visão própria da realidade sensível, renuncia aos efeitos superficiais, à atração fácil do colorido pujante e decorativo e difunde, em suas obras, certo encanto espiritual de transcendente simplicidade.

Magliani é uma criatura simples. Encara a vida de maneira espontânea, sem conter, portanto, os seus anseios de expansão e comunicabilidade, cujos resultados artísticos, como seus versos, parece brotarem de sua alma.

A Galeria Espaço resolveu selecionar uma série de pinturas dessa artista visando estimular um talento em formação e, ao mesmo tempo, proporcionar ao público amante das artes a visão de um conjunto de obras que tendem a se valorizar, graças ao indiscutível mérito artístico de sua autora.

PINTURAS DE MAGLIANI NA GERDAU

Teniza de Freitas Spinelli

Correio do Povo, Porto Alegre, 21 jun. 1974 ²

A Galeria das Lojas Gerdau está apresentando a mostra dos atuais trabalhos de Roseane Silva e Maria Lúcia Magliani.

Roseane Silva, com seu desenho cuidado e promissor, é mais um nome que surge vindo do Atelier Livre da Prefeitura, este centro dinâmico de cultura dirigido pelo artista Danúbio Gonçalves, incentivador das novas gerações e que tanto tem realizado pelas artes plásticas no Rio Grande do Sul.

– Quero focalizar nesta mostra a pintura de Magliani, artista versátil, já bastante conhecida em nosso meio, e que por sua participação e vivência, sempre expressa em suas telas um conteúdo humano, atual e vivo.

Seu trabalho anterior, tantas vezes lírico, complementado por frases poéticas, dá lugar agora, em sua maturidade, a uma intensa crítica social, focalizando uma das situações mais angustiantes da vida do homem contemporâneo – a falta de tempo, a pressa, a correria sem sentido que traz consigo a alienação das coisas essenciais da vida.

Nesta engrenagem alucinada, o homem perde a sua individualidade e se funde no coletivo, integra-se na multidão como um autômato de terno e gravata. Seu rosto não existe e o que importa é o movimento mecânico de seus passos, andando, correndo, buscando objetivos nem sempre compreensíveis a ele próprio.

Estas figuras despersonalizadas são apresentadas numa sucessão de “flashes” cinematográficos. Magliani focaliza diferentes momentos desta ação de locomover-se no espaço, e cada tela é um momento isolado do todo (veja-se a figura do homem andando I, II e III).

Observa-se, pois, que a ação é fundamental para o artista e acredito haver por trás disso sua vivência e dinamismo pessoal.

A figura humana continua sendo seu centro de interesse e é vista na totalidade do corpo ou fragmentada em partes como no caso das pernas femininas, que, com certo humor ou ironia, coloca em grupos a moverem-se em direções variadas como num desenho animado.

As pernas humanas aparecem através de uma montagem inteligente de situações e cada tela é um corte, um instantâneo na globalidade da história do “rush” da sociedade contemporânea.

O olhar crítico, quase mordaz do artista, aproveita-se para revelar também as situações fúteis, as caminhadas vazias dos desfiles e “trottoirs” que consomem o tempo útil e os interesses do homem na nossa sociedade.

Para Magliani, não raro a mulher tem aparecido como presa fácil nesta correria geral (veja-se as pernas da figura não identificada e perseguida). Reportem-se também às telas apresentadas em 1972 na I EXPO-ARTE Universitária DCE-PUC, em que participou como artista convidada. Artista sensível, Magliani, como mulher, capta e compreende muito sutilmente esta situação tragicômica e equívoca em que a massificação e a alienação dos valores humanos impedem a comunicação real entre os seres que, por isso mesmo, permanecem ainda na esfera primária da caça e do caçador.

Quanto à pintura em si, Magliani tem sempre um ponto central de interesse para onde convergem os outros dados do quadro, e as figuras ou meias figuras se deslocam ou se afirmam num espaço-cenário estruturado a partir das linhas do desenho ou das chapadas em cores, sendo sua opção pelos tons escuros sem muita variação.

Ainda dentro da janela aberta para o observador, sua pintura funciona como impacto e tem raízes na linguagem da propaganda da ilustração e da fotografia tão diretas em sua mensagem na mesma sociedade de consumo.

O aspecto realista de suas telas nos mostra mais uma vez que Magliani está “inserida no contexto” e esperamos que sua contribuição às artes plásticas gaúchas se imponha através de uma técnica de pintura mais cuidadosa, único ponto a ser lamentado em seu trabalho. Apesar disso, por sua autenticidade e, sobretudo, pelo que ainda tem a dizer da nossa época, Magliani é, sem dúvida, um dos artistas mais sérios a serem considerados.

OBRA CRÍTICA CHOCOU PÚBLICO ACOSTUMADO À SUBMISSÃO DO ARTISTA PLÁSTICO

Angélica de Moraes

Folha da Manhã, Porto Alegre, 20 maio 1976³

– Não sei por que as pessoas se assustam tanto com a ficção. A realidade é muito pior. Esta observação é da pintora Magliani. Sua exposição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul é um corte irônico e cruel de uma sociedade onde o mecanismo do poder esmaga o cotidiano e o individual. É a representação plástica de todo um contexto repressivo que as pessoas sofrem mas não querem admitir conscientemente que sofrem. Então se chocam com o que veem pintado nas telas, esquecendo que a realidade supera a representação.

O crítico de arte Frederico Morais observou em seu livro **Artes Plásticas, a Crise da Hora Atual** que “o artista, como qualquer homem comum de uma sociedade urbana e de massa, está submetido às pressões do seu meio formal: slogans, enlatados, ídolos e ideias estereotipadas. Reage à ascensão e à queda dos ídolos – políticos, cantores, jogadores de futebol, bandidos – em todas as suas implicações. É igualmente tocado pelo ídolo, ícone ou produto de massa. Alguns trabalhos são constatações. Não contestam”. Esse, porém, não é o caso de Magliani. Atingida pela cultura de massa, ela soube manipular esses estereótipos através de sua individualidade, realizando, assim, sua denúncia à massificação.

O choque causado no público chocou também a artista. Ela esperava um maior nível de consciência das pessoas. Mas teve que acabar concluindo que suas figuras de olhos vazados e expressão perdida, cérebro comandado por fios, movimentos decididos por cordas, são mais reais do que alegóricas.

Será que o público gaúcho está desacostumado de uma linguagem plástica mais agressiva? Nesse caso, a responsabilidade dessa situação não recairá no artista plástico, em sua grande maioria acomodado a um tipo de trabalho mais inócuo e decorativo? Segundo Danúbio Gonçalves, “o artista brasileiro está assumindo certa submissão, que se revela na procura de uma técnica mais elaborada, de um formalismo que sufoca o conteúdo. Que a pressão e a censura não sejam motivos para que a crítica seja deixada de lado”.

Ainda segundo Danúbio, existe uma defasagem entre a atitude do público que vê violência no cinema e a atitude chocada desse mesmo público quando vê os trabalhos de Magliani. “A plateia que vibrou com Rollerball assistiu a uma violência tão forte como aquela existente nos quadros de Magliani. Mas o que existe é o consumo da violência pela violência. Quando existe uma proposição de crítica disso, ela não é entendida”.

RETOMADA CRÍTICA

Para o gravador Wilson Alves, “o surgimento de uma pintura como a de Magliani não pode ser encarado como um fato isolado. Acredito na retomada de uma crítica social a partir do momento que o artista nacional esgotou ou cansou de assimilar as influências de fora, os **ismos** todos. Está surgindo uma conscientização coletiva”. Nessa medida, a atitude individual de Magliani – que sempre teve grande coerência com a responsabilidade crítica do artista – encontra agora um bom terreno para expandir. O desenhista Carlos Carrion de Brito Velho, que também desenvolve uma linguagem agressiva e crítica – o público poderá ver seus trabalhos a partir do dia 26 na Galeria Eucatexpo – observa que “o artista plástico está assumindo a responsabilidade cultural que lhe cabe em sua época. A exposição de João Câmara Filho, no Rio de Janeiro, na mesma ocasião em que Magliani expõe aqui, é uma demonstração disso”.

“Sem contestar o Câmara, eu acredito que o trabalho de Magliani é o mais forte, porque transcende o local e a história. Para uma crítica efetiva devemos evitar o óbvio, retratar as coisas de forma sutil e ampla. É mais importante mostrar a condição humana do que documentar ou narrar uma história. Mesmo porque Câmara teve que parar no ano de 1954. Meu trabalho também procura se sobrepor ao imediato. Cabe ao espectador assumir a mensagem na sua validade atual. Que poderá continuar válida em outras épocas porque tem um enfoque humano”, observa Carrion.

Paulo Porcella, pintor e professor no Atelier Livre da Prefeitura, acredita que a retomada de uma consciência crítica por parte do artista plástico será um processo lento. “Muitos artistas já elaboraram racionalmente todo um posicionamento de análise da realidade. Mas seus trabalhos continuam totalmente divorciados dessa elaboração. Transpor tudo isso em termos de forma e cor é algo que surge aos poucos. A intencionalidade de um trabalho, a busca imediatista de resultados pode levar a uma arte panfletária. A maturação gradativa é ainda o melhor caminho para um trabalho verdadeiro”.

Ferreira Gullar, em seu livro Vanguarda e Subdesenvolvimento, escreve que “vivemos num mundo em que a informação é uma indústria essencial, metendo-nos, a todos os minutos, pelos olhos e pelos ouvidos, o que queremos e o que não queremos saber. Se é certo que essa massa

indiscriminada de dados e sensações nos sufoca, é certo também que ela contribui para aguçar no homem contemporâneo o interesse pelo fato, pelo acontecido, pela realidade. E a arte se torna, também, obrigatoriamente, realista, crítica, documental. Na idade da informação, uma arte meramente formal, subjetiva, é um contrassenso. Só uma estética dialética tem amplitude suficiente para compreender, ao mesmo tempo, o cinema e a literatura, a música erudita e popular, a pintura e o teatro. Ao invés de fundamentar a obra em valores esotéricos, em refinamentos herméticos, fundamenta-a na sua capacidade de apreender o real na sua complexidade, nas suas contradições. E, com isso, situa-se no coração mesmo da atualidade.”

A exposição de Magliani permanece no Museu de Arte do Rio Grande do Sul até o próximo dia 23. Para ser vista por pessoas que não temem uma arte que pensa o real.

MAGLIANI, VERDADE E CORAGEM.

Celso Marques

Paralelo, Porto Alegre, out. 1976 ⁴

Em maio, Magliani mostrou sua última série de pinturas. Foi a exposição mais chocante que meus olhos já contemplaram e confesso que senti um certo mal-estar, ao ver aquelas telas mostrando tão despidamente o sofrimento, a violência, a loucura dos tempos que vivemos. Magliani teve a ousadia de ser sincera num tal grau e numa escala tão incomum, que seus quadros provocaram constrangimento. Rompendo com o bom senso e com o senso comum do cotidiano e das artes, Magliani põe em relevo a profunda contradição entre a obra de arte como verdade e a obra de arte como bem de consumo; contradição que, como todas as formas de alienação, raramente aflora à consciência.

Como todos sabem, a pintura é um gênero artístico que, pelas suas características de produção, dirige-se a um público restrito. Esse público, frequentador de exposições e comprador de quadros, tem um contato muito remoto com a violência, o sofrimento e a miséria que hoje atingem grande parte da humanidade. Será por acaso que a maior parte da pintura de nossa época e de nosso país apresenta uma temática tão amena, em contraste flagrante com a realidade muito mais brutal e realista que outros gêneros artísticos apresentam? O sistema de expectativas que rege o comportamento do público comprador de quadros, seus valores, sua visão de mundo, ao que tudo indica exerce uma influência na produção pictórica muito maior do que se costuma admitir. Inconscientemente, os pintores (os artistas plásticos) produzem obras que correspondem às expectativas estéticas e ideológicas que caracterizam o mercado de arte, operando dentro das regras de um marketing bem definido.

Mas os quadros de Magliani rompem com todos os sistemas de expectativas da pintura. Cada uma de suas telas é um soco na cara do marchand e do comprador de quadros, é uma cuspidinha mal comportada no tapete da sala de visitas, uma intrusão incômoda da violência e da brutalidade no “recesso do lar”, um dedo na consciência cotidiana adormecida e alienada que diariamente lava as feridas e convive com a injustiça, a estupidez, o absurdo, a solidão e o desamor, resignadamente. Mais do que um protesto inútil e desesperado, a pintura de Magliani expressa o trágico da condição humana e revela os subterfúgios utilizados pelo senso comum e o bom senso na tentativa de negar essa condição.

Pintando seus quadros, Magliani realizou um ato raro em nossos dias: teve a coragem de ser fiel a si mesma e dizer a verdade, “desafinando o coro dos contentes”. O fracasso comercial da exposição é o preço que ela pagou por sua sinceridade e seu desafio: exigir dos que compram suas telas tanta coragem quanto ela teve ao pintá-las.

MAGLIANI: O TEATRO DA ALIENAÇÃO

Carlos Scarinci
1976⁵

A pintura de Magliani, que o Museu de Arte mostra nesta quinzena, propõe tantos temas à reflexão sobre a arte no nosso tempo e sociedade que, com dificuldade, encontro um ponto inicial de apoio para uma análise. Há um texto, uma história ainda não configurada, do qual a artista dá apenas, mas tão veementes, anotações. “Personagens”, “passantes”, “objetos de cena” e até “outdoors” se alinham, numa sequência fragmentária de atos, de situações ou momentos, deixando entrever um sintoma, pelo menos, do drama que o texto ou história, uma vez figurado, irá caracterizar.

Desde o primeiro contato, impõe-se ao espectador uma atmosfera sombria, a luminosidade baixa, os tons neutros, quase opacos, dimensionam a circunstância vaga, mas densa, em que se desenrola a ação. O espaço que assim se estabelece não oferece outra possibilidade de leitura que a da relação das figuras. Sua organização, não dependendo nem da superfície, nem da ilusão de profundidade, acaba gerada pela própria relação. Noutras palavras, a relação entre as figuras é que é o espaço da pintura. Só raramente há alguma indicação de uma cena tridimensional (o n.o 3 – “Objeto de Cena IV”), a especialidade da maioria dos quadros continuando imprecisa como um simples pano de fundo. Não é, portanto, a natureza, nem qualquer outro espaço definido por seres ou objetos reconhecíveis, mas apenas a relação humana, como essencializada, que se desdobra, mais que no espaço, num tempo, tempo da relação, e que é, modalidade humana fundamental, a própria sociedade.

A partir daí, começa-se a compreender que a história que Magliani anota não é uma simples ficção, mas que seu ponto de vista busca abarcar a História propriamente dita, um tempo social, concreto, fazendo-se através do cruento embate de criaturas humanas. As resultantes são estes personagens carapaçados nos seus condicionamentos sociais. São homens e mulheres que se entredoveram, manuseando uns aos outros, tornando-os puros objetos de seu apetite de dominação, especialmente quando, do ponto de vista da artista, a relação dirige-se do masculino para o feminino. Por isso mesmo, as figuras concretizam-se como volumes, corporeamente, e, na sua maior densidade (os olhares vazios, mas coruscantes) extravasam amargor, ansiedade e revolta, noutros casos, ingenuidade, frivolidade, alienação. Configura-se, assim, o tema da condição social alienada do homem moderno e sua tendência à objetualização do indivíduo.

As “anotações” de Magliani tendem, pouco a pouco, para um discurso, quase panfletário, como no caso de “Uma Sagrada Família” (n.o 4), que procura avivar, no espectador, a consciência. Esta, porém, é como um prego fincado na carne, mais precisamente na face do homem, uma experiência dolorosa, como ela anuncia num dos seus “outdoors” (n.o 15), aliás, sabiamente minimizados.

As pinturas desta artista padecem, sem dúvida, de imperfeições técnicas, as soluções, tanto no que respeita à forma como à cor, como à colagem, deixando, algumas vezes, de ser inteiramente satisfatórias. A veemência do discurso é, contudo, suficiente para convencer pela sua sinceridade, tornando menor a questão do domínio técnico ou formal. Ainda mais que, uma visão tão sofrida da realidade, não seria de se esperar que se exibisse com pompas de estilo.

Neste ponto, convém reflexionar sobre as possibilidades de um realismo crítico capaz de não só refletir a realidade, mas de assumi-la nas suas dimensões propriamente humanas. Talvez, nesta espécie de realismo, vivido, seja possível projetar uma arte nacional que coincida com suas raízes populares que, ao que tudo indica, não são de caráter apenas cultural, ou histórico, num sentido passadista, ou social, num sentido meramente sociológico, mas se agarram no cotidiano, onde cultura, passado e sociedade vêm adquirir a significação própria que têm, para cada um ou coletivamente, hoje.

Por tudo isso fico indagando sobre o pouco sucesso obtido por esta mostra de Magliani, que comemora dez anos de atividade artística, justamente quando amadurece sua proposta. Que o colecionador individual, dentro do seu direito ao exercício de um gosto pessoal, possa não interessar-se por arte de tão carregada matéria, é explicável. Mas existe, atualmente, no Rio Grande todo um colecionismo institucional, privado ou público, que pelo seu caráter incentivador das artes e pelo seu dever, assumido, de preservação de nossas manifestações culturais, não poderia deixar de ocupar-se com a obra desta artista.

A mostra do Museu de Arte é, assim, uma das mais sérias a que tenho assistido ultimamente. Magliani, na medida em que for sendo compreendida e que for aceita a sua proposta, saberá superar as atuais dificuldades técnicas que aparecem num ponto ou noutro. Sua lucidez promete-nos uma arte cada vez mais penetrante e, por isso mesmo, poderá descobrir seu caminho próprio, para além dos condicionamentos e alienações de agora, a consciência, digamos, positiva do homem e sua ação profícua e modificadora.

Em sua exposição no MARGS, Magliani é mais do que nunca fiel a si mesma, preocupada essencialmente com a figura humana, traduzindo as preocupações do próprio homem em seu mundo. Longe da beleza lírica, a seriedade de uma artista que sabe o que quer, e que tem algo a dizer.

BRINQUEDO DE ARMAR

Sérgius Gonzaga
Maio 1978⁶

A arte de Magliani tem a densidade de um pesadelo opressivo.

Nos tons predominantemente escuros de seus desenhos e óleos vão se avolumando figuras femininas disformes, decepidas, torturadas por metais que se cravam na carne, atadas e reprimidas por fios que aprisionam o corpo e a alma. Como num circo de horrores, as imagens no espelho assustam, afligem. Estamos no espaço do grotesco: a deformação ora atinge o rosto, ora os seios, ora o ventre ou ainda as pernas. Quase despidos, esses seres monstruosos têm a recobrí-los “soutiens”, calcinhas e cintas-liga, (ironia corrosiva) no aparente ritual do erotismo barato, o que aumenta mais a sensação de absurdo daquela nudez.

Haverá quem busque na produção de Magliani raízes autobiográficas. A própria autora talvez esteja exorcizando os seus fantasmas pessoais. Mas isso, em verdade, não interessa agora. Penso que esses trabalhos devem ser vistos de outro ângulo: que descubramos neles a alegoria de nosso tempo, uma espécie de metáfora de uma época de deformações e aviltamento do ser humano. A um universo histórico de autoritarismo, violência, corrupção e impunidade corresponderá uma arte aberta para o caricatural, o “feio”, o “sórdido”. Uma arte reveladora – apesar de sua linguagem simbólica – o grau de coisificação a que fomos submetidos. Anti-humanos em sua configuração, os seres de Magliani nos remetem obrigatoriamente para a realidade que os tornou possível. A isso chamamos de arte social.

Enfim, não se busque em Magliani o adorno para a sala de jantar, a cor onde repousam os olhos e a consciência. Os objetos que ela produz estão carregados de uma força tão visceral, possuem uma tal carga de denúncia que impossibilitam o deleite estético burguês ou a indiferença. Conhecer a arte de Magliani é predispor-se ao fermento.

AS FIGURAS DE MAGLIANI

Ivette Brandalise

Folha da Tarde, Porto Alegre, 1979⁷

Não, já não dói mais. A destruição começou pela sensibilidade, minada em seu núcleo. A máscara garante a expressão conveniente sobre um resto sem expressão. Nenhuma. Nem sequer a necessidade de rosto. ou de cabeça, ou de braços. As partes existem na medida exata de utilidade que oferecem. Nem um milímetro a mais.

Os ganchos penduram os corpos nos cabides, no fim do expediente. E, durante o expediente, os metais ocupam o lugar dos braços, das pernas, permitindo a locomoção do ser, a sua atividade, a sua continuidade de morto-vivo que tem tarefas a desempenhar, para poder se manter um morto-vivo. Mecanicamente.

Num campo limitado pelos preconceitos, pela discriminação, pela miséria, pela mesquinhez, para exploração, pela aridez, pela ausência de amor. Não há necessidade de amor. Não há sentimentos. Há condenados ao ato de amor. Receptáculos da descarga fisiológica. Recipientes de óvulos que germinam independente de sua vontade, ou de sua participação.

Incubadoras que conservam internamente as condições necessárias para o desenvolvimento de fetos. Fetos que se desenvolvem na deformação para viverem depois a sua própria deformação. Os seus corpos mutilados, o seu cérebro destruído, a sua sensibilidade anulada, a sua individualidade perdida. Massas disformes que se arrastam na busca de coisa alguma. Ou, nem isso. Permanecem na espera sem esperança. Sem crenças, sem confiança. Sem objetivo. Uma espera vazia. Como os cérebros. Como as cabeças em gancho. E a mudez, a cegueira, os lábios ausentes.

A mesma cegueira que já não nos permite ver os corpos mutilados que passam ao lado. A cegueira que não permite perceber quando a própria mão é arrancada, quando os passos são dirigidos, a ação é comandada. A indiferença diante de tudo. A passividade, o silêncio, diante dos instrumentos que vão cortando pouco a pouco os pedaços do corpo. Arrancando os elementos supérfluos. Elementos que se fizeram dispensáveis na sua inutilidade. Como o cérebro, como os braços que já não se estendem para o abraço, como as mãos, que servem apenas ao cumprimento formal, ao toque frio, sem guardarem qualquer coisa dentro delas. Qualquer coisa capaz de justificar a sua permanência. Qualquer coisa capaz de justificar a existência do ser integral, recomposto, as partes integradas.

Qualquer coisa, mesmo que um grito de dor, mesmo que um gesto de protesto, uma palavra de afeto, uma atitude de entrega. Uma ideia, um sorriso, um posicionamento, uma convicção, uma lágrima.

Mas já não há mais nada. Nenhuma resistência, nenhum sofrimento, nenhuma expectativa, nenhum sinal de luta. Não houve luta. Houve uma concordância passiva, um deixar acontecer, uma morte interior que não permite sequer o recurso da própria morte.

Assim eu vi as figuras de Magliani expostas na Galeria Independência, e me pareceu palpável o sofrimento da autora diante de suas figuras decepadas. A sua impotência diante dos seres que vão se deixando podar, que vão se deixando anular, vão se deixar explorar, sem qualquer resistência. A impotência da autora diante do ser humano que concorda com a sua de deformação, que aceita a condição de objeto utilitário.

Mas as figuras permanecem amorfas, sem dor, sem um sinal de agressividade, sem revolta, sem contestação, sem uma réstia de afeto. Sem nada, além do filho que insensivelmente trazem no ventre. Um filho ou um monstro, tanto faz. Será ainda um ser disforme, insensível, descerebrado, tão sem sentido como a mulher que o guarda no útero.

FORÇA E COERÊNCIA

Luiz Inácio Medeiros

Correio do Povo, Porto Alegre, 29 out. 1981, p. 14⁸

O expressionismo, às vezes quase abstrato, de Iberê Camargo é uma exceção no panorama de pintura entre nós, gaúchos. Sempre fomos bastante acomodados face à onda de tentativas e “ismos” que vogaram pelo mundo nas últimas décadas. Talvez, mesmo nossa formação social ligada ao campo, à agricultura e à pecuária, e a nossa grande classe média, urbana e modesta, somente há pouco, ligada à indústria, setor mais dinâmico da economia, explique um certo gosto pelo clássico e pelo acadêmico. Assim é com grande prazer estético que se visita uma mostra como a de Maria Lídia Magliani na Galeria do Centro Comercial de Porto Alegre.

São dezenove desenhos sobre papel de grande formato em lápis de cor, nanquim e pastel, todos de excelente composição, onde o traço amadurecido da artista coloca sua visão do homem num antilirismo com sofrimento e rigor. As figuras sempre presentes em seu trabalho são distorcidas e perturbam. Perturbam, menos pelo fato de terem sido distorcidas do que pelo resultado final obtido, que implica num distanciamento da beleza acadêmica. Na caricatura, a distorção acontece com um objetivo de tornar ridículo ou acentuar traços do personagem. Magliani não foge à denúncia que no século passado celebrou Daumier, de quem se poderia dizer que é uma discípula pelos pontos de contato que tem. Ambos trabalharam na imprensa e na pintura.

A evolução notável da obra da artista tem seu ponto forte na coerência. Crítica mordaz e quase candente da situação da mulher e da sociedade de consumo, seu trabalho tem a força das verdades inteiras e seu expressionismo é filho direto do realismo. Afinal, a decadência e a hipocrisia não são belezas. O desenho, especialmente nos trabalhos com lápis de cor, tem traços tão violentos que parecem resultado de um processo de raiva, sem perder a intencionalidade que caracteriza certos poemas de Garcia Lorca.

Elemento novo nesta exposição são os “embrulhos”, onde a figura não aparece, apenas é adivinhada sob o invólucro. Evidencia, claramente numa metáfora, a denúncia que, há tempos, a artista faz da desumanização, da transformação em objeto do homem do nosso tempo. Especialmente nesses trabalhos, a utilização do branco do papel intensifica o efeito dramático do traço e a morbidez da cor. A composição é equilibrada, de uma desenhista que sabe ocupar o espaço.

Os “retratos falados” são igualmente uma busca do movimento e da voz. Alguns lembram mesmo a célebre litografia de Edward Munch, “O Grito”, onde todos os traços parecem reforçar a voz muda dos personagens. (Retratos falados – São Paulo – julho de 1981). Eles, de certo modo, revelam o impacto que a dura civilização de uma megalópole como São Paulo produziu na artista. Desde que deixou a ilustração da Folha da Manhã e Porto Alegre, Magliani não alterou sua postura, mas revela, talvez, uma feitura mais intelectualizada de seu trabalho, mas nem por isso menos terrível. “Retratos falados”, títulos de vários trabalhos, como a própria palavra escolhida diz, tem a ver com a identidade, tão difícil de se encontrar numa cidade grande.

Apesar de não conhecermos, lamentavelmente, nenhum exemplo de sua pintura recente, ficamos a impressão de que seu trabalho deve ter ganho com o despojamento. No início, ao final dos anos 1960, apesar de pesada, sua pintura ainda conservava um lirismo vagamente erótico. Alguns versos, às vezes, estavam escritos no fundo de seus quadros quase pretos. Mais adiante, a pintura foi clareando, passou por uma fase de utilização da colagem com material de imprensa e um discreto conteúdo sócio-político para, mais recentemente, chegar a uma fase de cores fortes e pintura mais limpa e despojada. A exposição de agora não chega a ser uma fase nova, apenas anunciada, que, mesmo assim, mantém aquela coerência de princípios que a pintora sempre teve. Ela certamente tem algo a nos dizer e o faz de forma fluente. Numa época em que tantos caminhos da arte são descaminhos, ela continua a não conceder a comercialismos, que poderiam tornar mais fácil sua caminhada, mas talvez mais difícil olhar-se ao espelho pela manhã. É a coerência e a força que tornam quase emocionante a visita a uma exposição de alta qualidade técnica como essa.

Renato Rosa
Folder da exposição na Universidade Federal de Santa Maria, RS, 1983⁹

Magliani é um nome forte. Mas ele é forte porque ela o tornou assim. E nada lhe foi dado de graça, nada. Tudo foi, é, e tenho certeza que sempre será sob uma luta insana e árdua. Conheço seu trabalho desde o início da década de 1960. Era lírica. Falsamente lírica, pois já havia em suas pinturas uma denúncia em meio às flores e aos corpos em abandono. Chaves surgiam, fechando, abrindo? Magliani partiu de si mesma, do pessoal-particular até atingir novamente este clima atual e urbano que já havia anteriormente em sua obra. Ela consegue, com seu gesto, um discurso muito profundo da condição humana, alto e raro, não só entre nós, mas à nível nacional, com ressonâncias universais.

Particularmente falando, agrada-me ser do tempo de Magliani: um tempo de desesperança, mas de lutas para a explosão destas alegrias contidas que todos encerramos. Agrada-me nela esta aventura louca de lutar, paixão e desespero, das trincheiras sem concessões que ela ergue e em que resiste bravamente. Solitária em nosso panorama, é certo. Até gosto que não surjam muitas maglianis por aí. Prefiro-a única, pois Magliani vive.

MAGLIANI ADOTA CORES VIBRANTES NA PINTURA

Angélica de Moraes
Zero Hora, Porto Alegre, 1984¹⁰

Maria Lídia Magliani abandonou os tons sépia e as figuras contidas e descobriu as cores vibrantes e a pincelada, gestual, que traça fisionomias em close com grande liberdade de formas. “Tudo isso”, afirma a pintora abrangendo as 33 telas da exposição individual que realiza atualmente na Galeria Tina Presser, “surgiu de uma série de desenhos com lápis-cera. Depois comecei a pintar e botar amarelo forte no fundo do quadro. E, saindo de segundo plano, a cor acabou dominando tudo, porque as figuras escuras já não combinavam com o fundo colorido. As telas pediam cada vez mais cor e acabei lamentando que só existem cinco cores primárias”. Magliani, antes de voltar a São Paulo, onde mora há quatro anos, terá um encontro com alunos do Atelier Livre, amanhã, às 19h. Quarta-feira, na Galeria Tina Presser, às 20h, será projetado o filme “Anotações para uma História”, sobre sua obra, ocasião para o público trocar ideias com a artista.

Magliani adota cores vibrantes na pintura

As figuras da pintura de Magliani também sofreram uma evolução, embora continue abordando os encontros e desencontros do ser humano, o indivíduo submetido à violência e à solidão. Mas se ultimamente a artista vinha expressando esse universo tão contemporâneo na forma de mulheres gordas, agredidas pelo cotidiano doméstico, ou antes, através do enquadramento de pernas trilhando calçadas vazias, agora ela se aproxima ainda mais do assunto de suas pinceladas: o ser humano é flagrado naquela imprudente distância da conversa olho no olho, quando nenhuma emoção pode ser escamoteada. Mesmo protegido por óculos escuros, o personagem se trai na expressão do lábio.

“Não acredito em casais”, comenta Magliani, observando a série de pinturas em pequeno formato que denominou “Crônica do Amanhecer”. Nos quadros, cenas de casais na cama, há um sutil detalhe: o homem está sempre vestido, apressado, de passagem. “Eu tenho uma velha teoria: os homens nunca se despem, nunca se entregam. Por isso eu acho que esses quadros não expressam erotismo, mas agressão”.

Magliani expõe também figuras recortadas, sem convencional enquadramento da moldura. “Isso surgiu de uma pintura que fiz e não gostei do fundo. Por mais que pintasse e repintasse ele, não tinha solução. Aí recortei o fundo fora, deixando só a figura. E funcionou. Agora pretendo continuar a fazê-las, até como solução para disciplinar a forma. Sim, porque se eu soltar mais ainda o traço, viro pintora abstrata. E a forma é muito querida pra mim. Tanto que estou pensando até em fazer escultura também”.

Ainda este ano, Magliani tem novas exposições no Estado, em Pelotas e Caxias, além de outra exposição no Centro de Estudos Brasileiros, em Asunción, no Paraguai, a convite de Lívio Abramo.

SEM TÍTULO, COM PALAVRAS

Maria Amélia Bulhões

Pra Ver, Porto Alegre, abr. 1987, p. 4 ¹¹

Este mês, Maria Lídia Magliani estará na Galeria Tina Presser, com as suas “Discussões com Deus”. Há poucas semanas, quando fez uma mostra, no MARGS, dos vinte anos de sua carreira, a pintora coloriu de nostalgia muitas pessoas que com ela viveram outras épocas.

Escrever sobre o que vivi esta noite é algo que se impõe. É a forma de me entregar com palavras, tornando recíproco um intenso encontro.

Entretanto, na sala de exposições do MARGS, comecei a andar devagar. O primeiro trabalho me trouxe à tona três figuras inesquecíveis de minha juventude, os inseparáveis Renato Rosa, Chico Aron e Magliani, que constituíam uma unidade em sua diversidade, que me intrigava e atraía. Representavam para mim um mundo mágico, um pouco misterioso e perigoso. E este mundo, que minha sensibilidade juvenil percebia, abriu suas portas enquanto caminhavam ao longo das galerias de figuras expostas. Saboreei lentamente esta viagem a um mundo de imagens que me tocou profundamente.

Dizer que Magliani trabalha a temática feminina é o óbvio. No entanto, isto me parece mera contingência de sua condição pessoal. Na verdade seu trabalho é sobre a condição de opressão e solidão do ser humano. Cada uma de suas figuras carrega o peso e a força de sua existência solitária dentro de uma realidade que a envolve. Mas se a opressão é uma presença, a emoção com que esta é vivida é uma resposta de amor.

Senti, em cada estágio desta via-sacra que percorri hipnotizada, um ato de amor, uma intensa entrega da qual somos levados a participar. Criador, obra e espectador são envolvidos numa troca recíproca, onde a emoção é o grande ganho. Se estabelece uma relação em que é preciso se entregar para receber, porque na entrega está a grande vitória.

Magliani consegue que esqueçamos, por momentos, todos os postulados teóricos e participemos de um mundo que existe em cada esquina, atrás de cada fachada. Em cada moldura exposta, por um passe de mágica, se abre uma fenda pela qual somos levados a olhar com afeto, pedaços de nós mesmos. E descobrimos, espantados, o quanto a solidão e a opressão são nossas companheiras cotidianas. Vemos, em cada trabalho, a dupla face da realidade: a dor e a alegria de estar vivo. Magliani nos diz com formas e cores aquilo que Mascarenhas escreveu: “A alma é imortal, renasce das cinzas”.

O mundo de Magliani já não nos parece misterioso ou perigoso. É um mundo como qualquer outro, com suas regras, suas alegrias e suas tristezas, que são apenas facetas de um mesmo mundo e que o olhar profundo da artista revela com a maestria de um conhecedor.

Isto é algo especial. Não estamos diante de um comentarista que analisa e critica a realidade. Nos defrontamos com alguém que vive esta realidade de forma total.

Fico lembrando daquela figurinha que conheci há vinte anos, magra como um palito, toda de preto, estranhíssima. Figurinha que assustava, porque nunca se sabia o que esperar dela, se aprovação entusiasmada ou crítica feroz. Percebia-se no seu jeito toda a negação do mundo burguês bem comportado. Hoje encontro uma Magliani mais tranquila, menos agressiva ou imprevisível, mas não menos crítica do mundo das aparências. Penso então que nestas salas estão expostas todas as horas e todos os minutos dos 20 anos que me separam daquela figurinha de minhas lembranças.

Seu olhar continua arguto, que envolve além da sensibilidade, um apurado preparo profissional, um trabalho de experimentação formal que garante a constante renovação dentro de uma coerência digna de nota. A artista passa por tendências e modismos sem se deixar levar, pelo contrário, fazendo ressaltar sua individualidade.

Isto, no entanto, não é o fundamental. O que nos faz pensar que “arte” existe é a força da humanidade que grita em cada trabalho. Por isso, não me parece que estes fragmentos de vida devam estar esparramados em paredes individuais enfeitando salas (não nego que gostaria de ter alguns). Mas considero fundamental o papel social que exige a permanência pública deste documento da humanidade. Estes trabalhos nos fazem pensar que o artista tem um compromisso social. O compromisso de dar com seu trabalho o testemunho da grandeza, da sensibilidade humana, para que aqueles que vivem oprimidos pelo cotidiano possam encontrar aqui sua grandeza perdida de “ser humano”.

Por isto, Magliani, repito o que disse na saída, quando do alto de tua simplicidade agradeceste a presença e eu te respondi, como continuo te respondendo que nós, todos nós, que tivemos a oportunidade de viver contigo esta aventura visual, é que temos que agradecer por te entregares totalmente nesta tarefa que tem “a dor e a delícia de ser o que é”.

AUTO-RETRATO DENTRO DA JAULA

Evelyn Ioschpe

Folder da exposição, Museu de Arte no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987¹²

Uma única tela cometi, e num passado remoto. Foi um “après” Magliani. Era irresistível: na exposição com que Magliani estreava na galeria do então Teatro Leopoldina, desenvolvia um léxico de densa carga mítica. A corporalidade – enquanto tema e enquanto forma nas pinceladas carregadas de matéria – já se fazia presente, se bem que velada em símbolos de múltiplas leituras. Os tons baixos e terrosos prenunciavam a pintora expressionista que hoje, com maior vibratidade, prossegue tirando máscaras.

Penso ser este o tema da pintora: a descoberta da máscara. Se num trecho de percurso ela a explicita, pode adiante dispensá-la. A máscara cai, caem os limites estritos da tela retangular, cai por terra a bidimensionalidade e, por trás da máscara, resta apenas o que é essência humana: a cruel, a irônica, a trágica essência humana. Magliani vem falando desta essencialidade ao longo de seus 20 anos de carreira, todos apontando num mesmo e coerente rumo. Mudou de cenário – radicou-se em São Paulo, o que na verdade não faz maior diferença. Seu cenário é interior: enxerga (bem) de fora para dentro, e consegue arrastar nesta visão o espectador, mesmo quando este prefere dependurar-se nas bordas do poço, negando-se à profundidade.

O olho da pintora é nervoso, a obra fricciona a emoção, os medos, os pudores. É, sim, uma obra despudorada e destemida. Não teme, ao menos que lhe digam: não gosto. Não precisa que gostem. Precisa que a fatura da tela solape a máscara e que o espectador – ele também – deixe cair a sua e se veja vendo a tela, isto é, aprecie o espetáculo de si mesmo sem máscara.

UM ANIMAL DEBAIXO DA PELE, FORA DA JAULA

Carlos Scarinci

Diário do Sul, Porto Alegre, 1987¹³

As mais antigas pinturas que se conhecem são de procissões de animais ao longo das paredes de profundas cavernas, templos vaginais na concepção de Leroi Gourhan, através das quais, talvez, se iniciassem os jovens pré-históricos nos ritos sagrados, fascinações e horrores, que celebravam, revelando-os, os mistérios supremos da geração da vida. Uma das figuras femininas mais antigas (a Vênus de Lausel, c. 20.000 a.C.), representa, esculpida em relevo, amplas formas de mulher nua, grandes seios pendentes, o ventre alargado, continente, receptáculo, por cima do triângulo invertido, rachado ao meio, da entrada estreita do sexo. Na mão levantada, ela traz um símbolo lunar, uma cornucópia, que revela seu ser reprodutivo, vacum, que vagaroso, mas mutável, promete, senão riqueza, alimento (prazer) e futuro. A mítica Pandora, com sua caixinha de promessas, é a origem (animal?) de tudo, mas também princípio de males e sofrimentos. Na pintura de Magliani, presentemente, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Pandora, dentro da caixa, dentro da jaula (moderna), pede novamente que a libertem.

Não é fácil acompanhar o desenvolvimento emaranhado desta reflexão sobre a condição (ou os tormentos?) do feminino, na disposição algo confusa (ou propositadamente interrogativa?) que deram aos quadros da artista os organizadores do MARGS. Nem por isso a obra de Magliani perdeu seu impacto de conjunto, pois a tensa/densa atmosfera pictórica, orgânica ou carnal se podia dizer, quase que desvairia por si mesma em caos assustador. Nada de nebuloso, entretanto, e nem de impenetrável, pois o vento que a sopra procede de uma vontade de ordem que, embora irregular, reinstala artista e espectador, ainda que perplexos, num horizonte histórico: o da própria pintura.

Se, no início, o puro desejo de encontro (dentro da noite) contrai tímido grito expressionista, logo uma linguagem próxima da metafísica de *de Chirico* com seus manequins inquietantes, põem em cena os emblemas ou instrumentos condicionadores do feminino. Eles parecem vir de fora, produzidos pela figura masculina que, ainda que rara, estica a brida, a corda mordança que rasga a boca, paralisa a língua, interrompe a fala. Parece vir dele o capacete secador de cabelos (ou chupador de miolos), que definem a figura da mulher, que logo, mais sutil, vai empunhar os instrumentos da feminilidade mesma, sutiãs, calças ligas que suportam o corpo que se marca de dobras, que já se desfaz em vincos, gorduras. Mas este corpo que se surrealiza, na medida em que manequim gordo, desglamourizado, é feito coisa de uso, “Ela”, “Brinquedos de armar”, “Objetos em cena”, ao mesmo tempo se fragmenta, sofre distorções cubistas que permite a Magliani acrescentar-lhe as colagens de outros emblemas instrumentais.

Além das peças íntimas sempre negras, há o sapato (novo?), o colar, e também a panela no lugar do ventre (função ou uso?), ou cabide que torna o corpo em prêt-à-porter escamoteável em qualquer guarda-roupas. Aparentemente mais realistas, isto é, com maior domínio das convenções do desenho, as figuras de Magliani, na sua evolução sucessiva, impõem-lhe, assim mesmo, uma lei que lhes é própria esparramando-se, ainda que fragmentadas, pela tela, tendendo a assumir um caráter puramente matérico (que me lembra muito de longe Dubuffet), e que se converteria em galáxia amorfa, não impusesse a artista limites sociológicos à sua reflexão pictórica sobre a condição corporal da mulher. Esta condição que a vítima vai, contudo, pouco a pouco, vir de dentro dela mesma. Com efeito, o caminho de Magliani parece proceder de uma reflexão social-surrealista, que pede (em que sentido?...Sociais apenas?...Psicológicas?) libertações da mulher, para aceitar, em seguida, uma condição existencial, originalmente constitutiva de um ser que, talvez não apenas feminino, venha a ser a humanidade toda.

Contudo, neste percurso ainda há referências a verificar. Há a dialética da cara e da máscara, tão saída do teatro em que a artista andou entretida, e talvez algo das gravuras de Goya cujos *Los Caprichos* refletem também a condição feminina, entre a sedução e a perfídia, e que destina os

personagens mulheres dele a virarem bruxas, instrumentos da superstição e do obscurantismo religioso. Há aqui algo de Los Desastres de la Guerra pois o corpo que Magliani insiste em apresentar-nos se mutila, no esforço de assumir-se, para se doar. Mas o que se enriquece neste percurso é, principalmente, o domínio do traço, da pincelada, da construção da figura, tudo mobilizado para expressar a grandeza e o drama do animal escondido debaixo da pele, cuja pulsação se faz cor, ataque impressionista expressionista à tela, que torna as tonalidades fosforescentes noturnas, neon, e quase espirram ou transbordam sobre o espectador angustiado.

Magliani ainda fez experiências de figuras recortadas, entre o bi e o tridimensional, displays de propaganda virados nos próprios personagens que anunciam, aproximando-se, assim, da Pop Art. Contudo, parece mais significativo o encontro da pintura dela com a de Francis Bacon, esse dramaturgo da contingência carnal da criatura humana, e que tão bem soube se expressar o caráter explosivo da existência, a qual se desfigura e sangra ao assumir o espaço-jaula, a intransponível grade que a encarcera temporária, mas definitivamente, no seu grito solitário.

Dele, Magliani aprendeu a temporalidade que supera o símbolo, pondo em “câmara lenta” o corpo que explorara, estático, tão repetidamente. Nos seus “relatos” de 1986, as figuras borram-se visualmente ao tentar acompanhar uma brusquidão, nervosa, incontrolada, o movimento mais lento do tempo inexorável da existência. As figuras como que perdem os seus limites anatômicos ao se temporalizarem no gesto, ou melhor, na tentativa de fazer o animal contido na carne acompanhar o tempo de seu existir. Parece que Pandora se desmitifica, historicizando os instrumentos da sedução para assumir, ainda que sozinha, por cima da eternidade, um tempo animal, felino e humano que talvez lhe permita aceitar parceria e prazer. Esta tentativa de leitura iconográfica da obra de Magliani, para ser completa, precisaria ainda deter-se na sua produção gráfica, desenho puro ou de ilustração que ocupa as outras salas do 1º andar do MARGS. Isso ultrapassa, entretanto, os limites de uma crítica de jornal. O leitor inteligente encontrará aqui elementos que o auxiliarão na visitação destas outras partes da exposição de uma artista que se envolve com a problemática do corpo... feminino.

MOSTRA AFRO-AMERICANA LEVA MAGLIANI AOS EUA

Zero Hora, Porto Alegre, 29 abr. 1989, Guia Zero Hora, p. 6¹⁴

Desde fevereiro e até setembro, está montada no Museu Afro-Americano da Califórnia, em Los Angeles, uma grande e inédita mostra de artistas plásticos de descendência africana. São quase 100 trabalhos de 18 artistas norte-americanos e 14 brasileiros, reunidos sob o título de “*Introspectives - Contemporary Art by Americans and Brazilians of African Descent*”.

Entre os brasileiros, está a gaúcha Maria Lídia Magliani, pintora, desenhista, gravadora e escultora que, há dez anos, vive em São Paulo. Dona de um dos trabalhos mais agudos e contundentes de sua geração, Magliani foi selecionada com quatro pinturas para a mostra que, depois da Califórnia, viajará durante mais dois anos pelos Estados Unidos, até chegar ao Brasil.

Além dos trabalhos selecionados pelos cocuradores da exposição, Henry J. Drewal e David C. Driskell, *Introspectives* inclui uma série de filmes afro-americanos e brasileiros, performances de capoeira, palestras e um minucioso catálogo de 100 páginas a cores. Responsável pela seleção dos artistas brasileiros, Drewal conversou com Magliani e reproduziu assim suas impressões para o catálogo, sob o título de “Não sei como pintar negramente”.

“Pilhas de telas enchem seu pequeno apartamento. Tantas, que é preciso abrir espaço para se locomover. Esta energia criativa aparece na artista. Ela é tão animada quanto suas imagens. Rápida para rir, brincalhona e entusiasmada. Ao mesmo tempo, percebe-se uma profunda solidão e uma tristeza escondida.

Coloridas figuras povoam as telas de Magliani. Cores, linhas ativas e formas enchem o espaço. A energia da ação criativa de Magliani domina o trabalho. Formas fortemente expressivas se movem diante dos olhos do espectador, o poder explosivo aumentado pela sua monumentalidade.

Magliani começou sua carreira em 1960 com fortes ilustrações, mas agora o tema central é a identidade, mais precisamente a identidade de sexos e não de cor. Ela explica: 'Eu faço muitas figuras de mulheres mascaradas, de todo o planeta. Meus amigos me perguntam por que não pinto negros e eu respondo que eu os pinto a cores, na cor de pessoa nenhuma, não cor racial, mas cor. Não uma mulher africana, nem uma mulher brasileira, mas a mulher'. E quando um crítico certa vez insistiu que suas volumosas figuras femininas fossem *Mama África*, Magliani respondeu: 'Você não sabe nada sobre meu trabalho'. Ela luta para ir além das fronteiras que os outros arranjam para ela. É por isso, provavelmente, que está trabalhando no tema da masculinidade e da feminilidade. É uma questão que concerne a ela por razões tanto ideológicas como pessoais. Transcende problemas raciais ou nacionais.

Ela luta com sua própria identidade também: 'Alguns negros me criticam dizendo que meu trabalho não é de preto, mas eu não sei como é pintar negramente. Eu tenho visto arte africana – máscaras, roupas, joias – e é diferente. Eu não sou africana. É difícil aqui no Brasil, porque alguns artistas negros acham que devem pintar de uma maneira que possam ser identificados com a arte negra, e outros fazem a mesma coisa para serem considerados negros'.

Ao mesmo tempo, ela apoia aspectos da consciência negra e explica que 'tudo é muito misturado aqui. Como alguém opta? Depende das circunstâncias e oportunidades. Eu poderia optar por ser negra, italiana, espanhola, alemã, católica ou judia – todas são partes de minha formação hereditária. É muito difícil no Brasil, diferente dos Estados Unidos, onde vocês não são mais separados. Todos os brasileiros têm mistura de raças, não houve condições para nos separar. É difícil de expor o racismo aqui, ele existe, mas é muito sutil... A soma de tudo o que sou está no meu trabalho e é isso que eu quero mostrar.'

Ao lado de Magliani estão na mostra os artistas brasileiros Maria Adair, Emanuel Araújo, Octávio Araújo, José Roberto Leonel Barreto, Siron Franco, Sidney Lizardo, Edson da Luz, Juarez Paraíso, Gervane de Paula, Edival Ramosa, Genilson Soares, Terciliano Jr. e Rubem Valentin. Neste momento, Magliani está dando um curso de desenho para artistas, a convite da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, onde permanecerá até julho.

LIVRE E LEVE COMO UM PÁSSARO

Danilo Ucha

Jornal da Noite, Porto Alegre, ago. 1999, Artes, p. 7¹⁵

Maria Lúcia dos Santos Magliani, 53 anos, uma das mais criativas e expressivas artistas plásticas e agitadoras culturais que Porto Alegre viu nos anos 1960 e 1970, está pensando em retornar ao Rio Grande do Sul, depois de cerca de 20 anos vivendo em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Em agosto, ela estará em Porto Alegre para ministrar um curso de escultura em papel machê no ateliê de Elizete Borghetti, e, quem sabe, talvez resolva voltar ao lar antigo.

Em Tiradentes (MG), onde vive atualmente, Magliani se encontra em uma nova fase de sua pintura, como se pode ver na reprodução da tela que ilustra este texto, mas, no fundo, é a mesma Maria Lúcia de sempre, companheira dos anos 1960 e 1970, em Porto Alegre, agitadora cultural, atriz inquieta e criativa, pintora de figuras pesadas, ricas de expressão, sentimento e solidão.

Olhando para esta ilustração - que me foi alcançada pelo marchand Renato Rosa - lembrei de outras telas de Magliani, de suas ilustrações para jornais - das quais possuo uma coleção - e de um texto que escrevi sobre ela, acho que lá pela metade dos anos 1970 e que não sei se chegou a

ser publicado, pois reencontrei-o nas laudas originais de O Estado de S. Paulo, onde eu trabalhava àquela época. Resolvi publicá-lo. Ei-lo:

Posso estar errado, não sou crítico de arte, mas encontro a denúncia da solidão, do tédio e da angústia na maioria dos trabalhos de Maria Lídia. O medo também. Na passividade das figuras (ou quase figuras) que fazem seu atual universo artístico, uma atitude crítica e de revolta da artista frente à desumanização do mundo atual.

Um par de pernas, um tronco. Estão ali, na nossa frente, e são reais. Mas estão parados. O esboço de movimento, quando há, é tímido, impreciso, vacilante. E difícil - e perigoso - qualquer passo. Ficar sentado resguarda a segurança. E a vida sem complicações, sem necessidade de explicações ou enfrentamentos. Não se desvenda o mistério, mas também não se sofre as consequências.

A impressão de passividade transmitida pelos trabalhos de Maria Lídia incomoda lá dentro sem que se consiga identificar bem qual o sentimento que nos mexe no íntimo. Há uma expectativa frustrada, a noção de algo esperado que não se concretizou, o pássaro que armou voo mas parou subitamente no espaço, sem motivo e sem razão, e, contra todas as leis da Física, ficou pairando imobilizado, duro, como se estivesse no interior de uma pedra de gelo que o atingia no momento mais importante de sua existência. É uma vida que não se completa.

Perante a vida e perante a arte, Maria Lídia tem uma posição muito firme e objetiva. Nada do que se faz nesta vida é gratuito. E ninguém pode provar que existe outra. É preciso ter coragem para sermos nós mesmos num mundo que tende à nivelção. É preciso dar o passo que suas figuras não dão, que a maioria não dá. E, aí, a crítica da artista. Maria Lídia é ela mesma: nos caminhos que escolheu para sua arte, na maneira de ser, no despojamento interior que a tornou livre e leve como um pássaro. O oposto do pássaro imobilizado dentro do cubo de gelo.

A mulher frágil, de roupas exóticas que se movimenta como se dançasse, tem uma fortaleza interior que só transparece na tela ou no desenho. Enfrenta a vida. “O importante – escreveu o jovem poeta José Eduardo Degrazia – é saber misturar o aço, o laço, o baço dos sentidos.” Se não me engano, foi Spinoza quem disse que está na natureza mesma do ser humano o seu direito à liberdade. Mas hoje, mais do que na época do filósofo judeu, a liberdade é uma luta de todos os minutos, cercada que está por ameaças que ele nem imaginava, frutos, principalmente, da técnica que o homem desenvolveu e que parece fugir a seu controle. Não há mais individualidade, não há intimidade. Mas as pessoas ainda precisam de individualidade, de intimidade, e se fecham na solidão, no tédio, na angústia, no medo. Estas pessoas são as figuras de Maria Lídia. A arte de Maria Lídia é um corte profundo, sem falsa piedade, nesta situação incrível que vivemos. Esconde-se, apaga-se, oblitera-se. A liberdade continua sendo um direito seu, mas ele parece vencido, perdeu a força e a vontade de lutar. Nada mais fez diferença. O vegetal, plantado na terra, também sobrevive e não precisa dar passos, arriscar-se, sondar o mistério. A vida perdeu a graça para as figuras de Maria Lídia. É apenas uma penitência que deve ser levada até o fim.

TRABALHO MANUAL

Denise Mattar

Texto de apresentação da exposição, Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Santa Teresa, Rio de Janeiro, 2004¹⁶

Magliani é uma artista que se entrega totalmente ao seu trabalho, sem mentiras nem concessões. Sua obra se insere numa linha expressionista e visceral, que, atualmente, é vista com reservas por uma parcela da crítica e do mercado de arte, mais afeita à obra “limpa” e conceitual.

Estruturada na força do gesto largo e das cores audaciosas, a obra de Magliani se desenvolveu durante anos num universo de figuras deformadas, envoltas numa atmosfera dramática. Um mundo de sombras, desejos ocultos, dor e desespero.

Na sua nova exposição *Trabalho Manual*, a artista apresenta um conjunto de obras que vem desenvolvendo desde 2001, e que, embora bastante diferente de seu trabalho anterior, guarda com ele uma profunda coerência.

“Alfabeto” vem da série “Acumulações”, na qual Magliani reunia elementos do cotidiano explorando suas múltiplas possibilidades de forma. Criando pilhas de objetos, repetidos com pequenas variações, como bules, xícaras ou bolsas, a artista acentuava o excesso que caracteriza nossa sociedade consumista. Em “Alfabeto”, Magliani isola os traços dos objetos, acumula elementos decompostos, reduz o gesto, abandona a cor – cria uma escrita enigmática em preto e branco.

Isolamento e solidão são a chave para a compreensão desta nova fase da artista. “Retratos de Ninguém” e “Todos” são, a rigor, uma mesma série. Nela, todas as figuras trágicas e sofridas de Magliani se rendem à impossibilidade de comunicação, elas se entregam, e se tornam uma multidão de rostos – sem corpo. São rostos anônimos, que não falam, não pensam e nem sequer sofrem. Rostos diferentes, mas estranhamente iguais, pequenas ilhas de medo – retratos de ninguém.

Ao recortar os rostos, quase monocromáticos, Magliani acentua sua solidão e, chega a um extremo tão dolorido, que eles se tornam paralisados – apáticos. Todos apenas assistem à vida olhando para um mesmo ponto: para nós? Para o nada? Ou para uma tela de TV?

Segundo Francis Bacon, uma boa pintura deve ir do olho do espectador diretamente para o seu estômago, sem passar pelo cérebro, como um soco.

É o que faz, mais uma vez, a artista Maria Lídia Magliani.

ENTRE EXTREMOS

Rubens Pileggi Sá

Texto de apresentação da exposição “Procura-se”, Estudio Dezenove, Rio de Janeiro, 2012 ¹⁷

Visceralidade. Fico refletindo sobre esta palavra enquanto me debruço sobre as imagens que pouco a pouco são apresentadas à minha frente. São retratos. Não, não são retratos¹, são imagens do trabalho de Magliani: parecem retratos, apenas. E o que são? São pinturas e gravuras em preto e branco. Mas podem ser vistos, também, como seres deslocados, fora de seu lugar, que se juntam a coisas perdidas no meio do caminho. Bules/rostos; pano torcido/cara; objeto/pessoa. A gente vai se enchendo de coisas e as coisas estão cheias da gente. Ou, estão cheias de gente. Não é uma questão de similitude de forma. São agrupamentos quase surrealistas entre materialidades distintas. Ou colagens absurdas que só se conformam pra nos dizer sobre a inconformidade.

Preto no branco. Branco no preto. Magliani é mestiça. Negra e branca. Magliani é italiana. Magliani é brasileira. Magliani, mulher, gaúcha. Pergunto sobre as cores. Ela diz que as experiências com cores são como um hiato na história da obra dela. Ela quer a contração e a expansão máxima possível do espaço. O contraste absoluto. O branco da tela e do papel onde a impressão irá marcar a imagem que ela, pacientemente, estrategicamente, faz aparecer. Faz aparecer como víscera, identidade, como modo de alguém ser o que é. Essa é Magliani: ela é sua gravura. Ela é sua pintura. Ela é ela. Atrás de tudo isso, a elaboração. Cada goiva enfiada na placa revela uma experiência de vida. Cada passada de pincel pela tela uma afirmação: sou o que sou. Mas qual o preço que se paga para manter essa afirmação? Podemos dizer que Magliani paga o preço de ser com sua própria vida, para continuar sendo o que é: artista! O que é o artista? O artista é o fora incrustado na linguagem. Como uma craca, como uma marca indelével, áspera, dura, incômoda. Quando todos tendem a ser apenas estar, consumir, passar, Magliani grita e berra, NÃO! E continua sua longa pesquisa, tendo por companhia os fantasmas do expressionismo e as sombras pesadas e

frias de sua formação no sul do país. Ainda que trabalhando bem no meio de Santa Teresa! Neste caminho sem fim, costuma sempre ouvir o eco da mesma frase: “Nunca mais!”²”

Nesta série, no entanto, o que aparenta ter acontecido é que, de repente, o ninguém de ontem, o retrato do anônimo bestificado que ainda conservava cor, ao se perder de seus sentidos, perdeu, também, o sentido de ser retratado. Não é mais o rosto deformado e sem expressão o que se apresenta. Há um afastamento disso, também. Aquela aparente ausência de ‘alma’ ainda lhe dava presença. E Magliani, ao trocar o rosto de ninguém por um bule amassado, por um pano enrolado, ou outra coisa qualquer, nos faz pensar sobre a condição imposta não mais ao tolo, ao imbecil, mas a todos nós. Pois há em todos nós o dilema que é o de não ter como fugir e, ao mesmo tempo, não poder deixar de correr. É uma ironia, porque não se trata mais de questionar o indiferente com as ferramentas da diferença, mas em saber que, de alguma forma, estamos sempre a um passo de nos tornarmos aquilo que nunca poderemos ser. Somos perseguidos pelo fim, mas só podemos perceber isso por uma relação de sensações de proximidade e distância e nunca pela real efetivação de tal encontro³. Talvez, por isso, o título dado por Magliani a esta série: Procura-se. Preto e branco é o trágico. A tragédia nos humaniza. E a arte de Magliani é endereçada a todos que estão cercados no meio de uma montanha de coisas, objetos, acúmulos. E essa sinalização é indicada por passagens que não podem se fixar mais nas representações e, menos ainda, na pureza das abstrações. São evocações, talvez, de mundos em trânsito que não se comprazem em revelar uma moral ou uma estética, mas o indizível.

¹ A frase é remetida para o famoso paradoxo do quadro de Magritte: “Isto não é um cachimbo”.

² Frase retirada do conto “O corvo”, de Edgar Allan Poe.

³ Nos paradoxos de Zenão de Elea, Aquiles nunca vence a tartaruga na corrida.

SILÊNCIOS ROMPIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA A PARTIR DA OBRA DE MARIA LÍDIA MAGLIANI

Izis Abreu

Edição revisada do texto veiculado em *Blogueiras Negras*, em 26 jun. 2017

[...]

A arte para Magliani era um projeto de vida. Na obstinada busca pela realização de seus propósitos, a artista acabou trilhando uma trajetória tão intensa e dramática quanto sua expressividade artística. Magliani teve um bom trânsito nas instâncias de circulação e difusão da arte que configuram o sistema da arte brasileiro, a exemplo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP e do Museu Afro Brasil. Contudo, nem mesmo a potência gestual impressa na fluidez do seu desenho, no embate com a madeira ou na dança frenética dos seus pincéis, foi capaz de seduzir por completo as estruturas dominantes do mercado da arte brasileiro. Nos espaços de disputas pelo poder simbólico SER não basta, é preciso TER.

No Rio Grande do Sul, ela figura como única mulher autodeclarada negra em importantes acervos artísticos. O fato de ser a única presença feminina negra em espaços institucionais evidencia que a raça é uma determinante hierárquica na configuração das relações de poder dessas estruturas. Isso nos ajuda a refletir sobre o quanto a intersecção entre gênero e raça define as condições de acesso, as posições de destaque e a legitimação artística. Motivo pelo qual a presença desse corpo negro – onde historicamente impera o privilégio da branquura – tende a ganhar caráter de excepcionalidade, tanto maior quanto mais retinto for o tom de sua pele.

Magliani se posicionou como uma propositora de questionamentos. Não via sentido em explicar suas imagens, pois não tinha tais respostas, apenas perguntas. Conforme a artista mesma

declarou, seu trabalho pretendia expressar sua própria condição humana, mostrando a si como um todo. Isto implica em tornar visível a subjetividade de uma mulher negra que opta por seguir a carreira artística em um país em que, historicamente, mulheres negras estão destinadas a exercer os papéis sociais da trabalhadora doméstica ou da mulata tipo para exportação; implica em tornar visível o universo pessoal de uma artista que viveu e produziu em um contexto de cerceamento dos direitos civis, mas que também vivenciou a progressiva abertura política no país. Além de tornar visível as especificidades regionais dos campos artísticos que englobam o sistema das artes brasileiro e que caracterizam o modo como se deu as transformações formais e conceituais que marcaram o fazer artístico a partir da segunda metade do século XX.

A deformação da imagem visual, a temática da solidão e da miséria humana, elementos característicos da linguagem expressionista, são em Magliani alegorias das violências físicas e simbólicas, opressões e subjugação das mentes e dos corpos considerados subalternos. Aspectos que atravessavam sua própria realidade de mulher preta e da classe trabalhadora. No período de sua formação já era possível identificar traços da poética visual que caracterizaria a vigorosa e coesa produção que a consolidou como artista: dar voz, por meio da imagem, a solidão do corpo. Um corpo que na maioria das vezes é feminino (normalmente representado ao longo da história da arte pela mediação do olhar masculino), mas que eventualmente é negro – como no caso das três mulheres representadas sem cabeça. Uma vez que o corpo retratado é um corpo preto, ele carrega especificidades que, segundo a teoria da interseccionalidade, exigem um olhar diferenciado na problematização acerca das opressões sociais.

Teorizado por Kimberlé Crenshaw (1989), o conceito de interseccionalidade consiste na não hierarquização das lutas sociais de gênero, classe ou raça, sobrepondo-as umas às outras. Segundo esta visão, no que diz respeito às questões de gênero, a noção de feminismo é diferente para a mulher negra, porque sua realidade é distinta da realidade das mulheres brancas, por isso é necessário que se identifique que outros marcadores sociais podem estar justapostos ao gênero, a exemplo da raça, sexualidade ou territorialidade. Visando contrapor a universalização do gênero feminino e a essencialização da noção de mulher segundo os padrões branco, classe média e heterossexual, o feminismo interseccional ganha força a partir da década de 1990 fomentando a formação de uma terceira onda do feminismo, também chamada de pós- feminismo. Intelectuais negras como as estadunidenses Crenshaw, bell hooks, Audre Lorde e a brasileira Lélia Gonzalez, passam a considerar em seus estudos a intersecção entre raça, classe social, gênero e sexualidade. O conceito já vinha sendo discutido nos anos de 1970, no interior dos movimentos pelos direitos civis por feministas negras marxistas, como Ângela Davis, por exemplo. Seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (1981), é considerado um clássico da noção de interseccionalidade.

Desde o período escravista, a mulher negra foi silenciada pela opressão do racismo, da pobreza e pelo machismo, sofrendo, portanto, tripla opressão. Conscientes disso estas intelectuais romperam com os silenciamentos impostos às mulheres negras pela matriz de poder dominante que, até então, operava unilateralmente os discursos sobre o feminino, perpetuando no tempo e no espaço narrativas que colocam a mulher negra num lugar de subalternidade, de exotização e de sexualidade exacerbada. A impossibilidade de pensar uma categoria universal de mulher fica evidente quando se pensa no mito da fragilidade feminina, argumento central na lógica da desigualdade entre os sexos que regulamentou a hierarquização dos papéis sociais.

A construção da feminilidade negra durante o período escravista é a de uma mulher com força física similar à do homem e, por isso, capaz de trabalhar de forma equiparada nas plantações de algodão, cana-de-açúcar ou de café. Além deste estereótipo negativo, segundo bell hooks (2014), a mulher negra é muito vista pela dimensão da emoção e da sexualidade e não pela produção de conhecimento. É neste ponto que a pintura de Maria Lídia Magliani encontra o pensamento

interseccional do feminismo negro. Os três corpos negros sobre as areias brancas podem ser vistos como uma crítica ao imaginário social forjado pelo mito da sexualidade lasciva, primitiva e desviante que hipersexualiza mulheres negras.

É preciso pontuar que a arte para Magliani não era uma plataforma para a militância, ela não fazia parte de nenhum movimento ideológico específico, mas dizia que seu trabalho era um espelho de si, de todas as ideias que a formaram ao longo de sua vida, incluindo as questões feministas, da negritude e da ecologia. Podemos então pensar seu trabalho como um espelho refletindo em plasticidade os silenciamentos e solidão impostos ao seu corpo de mulher preta. Nessa tomada de posição, a artista se coloca como um sujeito político que a partir de seus questionamentos pessoais abre diálogos sobre o imaginário social em torno da sexualidade de mulheres negras. É como se suas mulheres desprovidas de cabeça pretendessem romper com o solitário mutismo de séculos de opressão à feminilidade negra. Ao operar tais discussões a artista assume importante lugar de fala na representação simbólica da negritude, tensionando o problema dos estereótipos raciais no que podemos chamar de *regimes racializados de representação*.

Na história da arte ocidental corpos negros foram exaustivamente retratados pelo olhar do outro branco e homem, ficando condicionados as percepções e preconceitos deste olhar. Produções autorreferentes, até recentemente, encontravam inserção nas bordas do circuito oficial, sendo pejorativamente definidas como folclóricas, *naif* ou artesanato. Até o final do século XX, foram poucos os artistas negros e negras que conseguiram penetrar a sólida barreira que separa os que possuem autorização discursiva para produzir enunciados visuais sobre si e sobre os considerados outros. Entre eles estão Arthur Timótheo da Costa, João Timótheo da Costa, Antônio Rafael Pinto Bandeira, Wilson Tibério, Miguel Barros, Judith Fortes, Abdias do Nascimento, Maria Auxiliadora e Maria Lídia Magliani. Esses artistas produziram, de acordo com as possibilidades dos regimes de visibilidade vigentes no contexto em que viveram, pequenas fraturas nas práticas representacionais em que a corporalidade branca era a que melhor refletia a noção de humanidade e, portanto, a mais capacitada para figurar em certos espaços de poder e produtividade discursiva.

Atualmente, uma nova geração de artistas negros/as Brasil vem produzindo insurgências nos sistemas da “arte branco brasileira” (SIMÕES, 2021, p. 322). Seja por meio de uma produção autorreferenciada e de problematização racial que possibilita novos olhares sobre a existência, os modos de ser, de viver, os afetos, a resiliência e a resistência política da negritude; ou por meio de outras narrativas poéticas. Rosana Paulino é um nome de referência nessa tomada de posição, inclusive, abrindo caminho para outros/as como ela problematizarem os *regimes racializados de representação* vigentes na arte brasileira. Rosana Paulino e Maria Lídia Magliani ao fazerem da arte seu propósito de vida passaram a ocupar, nem sempre de forma amistosa é verdade, um espaço de poder simbólico historicamente consagrado como privilégio de homens (brancos) e, por isso, um lugar de dupla resistência para elas. Um verdadeiro milagre, segundo Linda Nochlin, “dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros de alcançar excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes” (NOCHLIN, 2016, p. 9).

Ao retratar simbolicamente corpos sensuais, desprovidos de mente, ou seja, sem subjetividade e incapaz de produzir conhecimento, Magliani nos presenteia com um potente enunciado visual que tensiona e ajuda a pensar meios de desconstruir os estereótipos que objetificam e desumanizam mulheres negras. A pintura produzida por Magliani em 1981, antecede as pesquisas poéticas na arte que problematizam as opressões de raça, gênero, classe e territorialidade por um viés interseccional. Segundo o pensamento da filósofa e feminista Djamila Ribeiro (2018), romper com o silêncio é romper com as violências naturalizadas e cotidianas. Mas isto requer que todas as vozes sejam ouvidas.

MAGLIANI

Sergio Viveiros

Rio de Janeiro, nov. 2019¹⁸

Conheci a Magliani no dia 15 de março de 2003, quando fomos apresentados durante uma festa no Humaitá, no Rio de Janeiro. Ela tinha um brilho no olhar. Dezesesseis anos depois soube que ela escolhia para seus amigos aqueles que tinham o brilho no olhar. Agora eu entendo o porquê. Tive a sorte de entrar para esse time.

Durante nove anos de convivência intensa tive o privilégio de desfrutar da sua companhia inesquecível, única. Ela morava na ocasião no apartamento do Julio Castro, artista plástico, gaúcho como ela, que conheci na mesma noite mágica em que a vi pela primeira vez, e que seria meu companheiro de vida desde então. O apartamento ficava em Santa Teresa, no bairro mais charmoso do Rio de Janeiro, ao qual eles me abriram as portas. Fiquei tão impressionado com a atmosfera artística do local que cinco meses depois me mudei para o bairro, onde vivo até hoje.

Como Magliani era muito falante e eu um bom ouvinte, fizemos uma bela dupla. Graças a isso posso discorrer sobre uma vida das mais interessantes. Ela falava muito das suas origens. Da sua avó que morava no Espírito Santo e que era exímia doceira e que, após se apaixonar, foi morar em Pelotas, no Rio Grande do Sul, usando o argumento de que ela resistia a tudo, menos a olhos azuis. Magliani herdou o gosto da avó. Também falava das tias de origem italiana que só se vestiam de preto. Outro hábito seguido. Embora ela fizesse concessões ao preto e branco e ao roxo, cor que adorava, ao ponto de me dizer que escolhia os times de futebol que torceria pela cor da camisa. Torcia pela equipe italiana da Fiorentina justamente por isso.

Quando criança, ela brincava nas praias lacustres do Laranjal, perto de Pelotas, onde sua família tinha uma casa. Tempos depois, perguntei se tinha vontade de rever o local e ela me disse que não, que preferia fixá-lo na memória, pois temia que a modernidade tivesse estragado o lugar. Ainda criança, foi eleita “duquesinha do pêssego” numa festa local. Deixava no ar certo traço de amargura, pois havia perdido o posto mais elevado de “princesinha do pêssego” para uma garota branca. De Pelotas, herdou a “finesse” característica da cidade, que elogiava por tratar as casas funerárias de “pompas fúnebres”. Me falava com orgulho de ser de Pelotas a primeira Miss Universo brasileira, Yolanda Pereira, eleita em 1930. Quanto aos doces, ela fazia para mim um sagu divino e me falava tanto da sobremesa Rei Alberto que sempre que vou a Pelotas tenho que comer um em sua homenagem.

A mãe, d. Izildinha, casada e com três filhos, mudou-se para Porto Alegre. Era uma matriarca de opiniões fortes, uma marca da família. Não admitia ser contrariada. Dizia logo: “É dogma. E dogma não se discute. Ponto final.” Certa vez rolou no chão com uma vizinha que se atreveu a falar mal da Maria da Graça, irmã da Magliani. Contudo, aconselhava a filha a “ter um marido que a amparasse”, ao que Magliani retrucava: “Como tu?”, encerrando o assunto, pois o pai havia saído de casa. Depois disso, ainda afirmava que enquanto Magliani estivesse sob o teto dela, teria que lhe obedecer. Recebia como resposta que após a saída do pai quem sustentava a casa era ela. Contudo, durante o casamento dos pais, passaram momentos felizes. Gostavam de carnaval. O pai era amigo do Carlos Scliar e, tempos depois, ela fez questão de visitar comigo o ateliê-museu do pintor em Cabo Frio. De uma relação extraconjugal paterna ela teve um irmão, mas não mantinha relações com ele.

O casal teve três filhos, dos quais apenas Maria da Graça sobrevive, morando em Porto Alegre. As duas irmãs tiveram uma relação tumultuada. Magliani falava que era algo como o filme “Quem tem medo de Baby Jane”, estrelado por Joan Crawford e Bette Davis. Ambas eram artistas e de temperamento forte. Graça cantava muito bem e tinha uma banda de sucesso chamada “Mordida na Flor”. Depois saiu da vida artística.

Caio Fernando Abreu e ela eram muito amigos e costumavam chocar os porto-alegrenses mais conservadores na época, andando teatralmente de mãos dadas pela Rua da Praia, mudos, sérios e inteiramente vestidos de preto, cor usada inclusive no batom. Trocaram muita correspondência até o falecimento dele.

Dos colegas da Escola de Belas Artes, Glaé Macalós era uma das mais próximas. Elas mantiveram a amizade e chegamos a viajar juntos para Paris. Contavam que se reuniam durante as passeatas contra o regime militar da época jogando bolinhas de gude para que os cavalos tropeçassem.

Além de pintora, como se intitulava, atuou também na diagramação de jornais e como atriz de teatro. Teve sucessos como “O negrinho do pastoreio”, onde enfaixava os seios para atuar no papel principal. Certa vez, as crianças foram, às escondidas, até o camarim e uma delas gritou: “O negrinho tem peitos!”, causando grande escândalo.

Já em São Paulo, uma de suas cidades favoritas, participava muito da vida cultural e tinha muitos amigos, como a Angélica de Moraes, o Emanoel Araujo, entre outros. Quanto à vida amorosa, era muito discreta. Certa vez, no Rio, foi a uma loja de ferramentas comprar uma peça, pois queria ela própria fazer uma lixadeira. Como não lhe deram importância por ser mulher, foi ficando irritada até que o vendedor lhe sugeriu voltar para casa e perguntar a “ele” o nome da peça. Ela bateu forte na tampa do balcão e berrou enfurecida: “NÃO EXISTE ELE”. Na mesma hora vieram três para lhe atender, contava gargalhando.

Em Tiradentes conviveu muitos anos com a Maria José Boaventura, a Marijô, que tem muitos casos para contar sobre aquela época. Algumas crianças foram perguntar: “D. Magliani, é verdade que a senhora não gosta de crianças?” E ela responde bem séria: “Cruas não”. Debandada geral, aos gritos. Outra ocasião, ela recebeu a visita de pais psicólogos bem liberais e seu filho impossível. Tempos depois eles retornam sem a criança e a pergunta da Magliani foi antológica: “Onde está a criança? Abateram-na?”.

Ela era bem teatral e, como toda grande estrela, gostava de atenção. Em Paris, estávamos no Museu Marmottan e, como eu estava dando muita atenção à Glaé Macalós, que nos acompanhava, ela soltou um gemido no alto da escadaria afirmando ter torcido o pé. Fomos para casa com ela mancando e gemendo. Disse que estava penalizado por ela não poder nos acompanhar à festa que ocorreria à noite. Na festa, horas depois, ela estava toda faceira e, para minha surpresa, me disse ter se salvado graças a uma massagem milagrosa!

No Rio íamos muito ao cinema, que ela adorava. As conversas durante o jantar também eram muito enriquecedoras, principalmente diante de um vinho tinto seco, seu preferido. Melhor ainda com um conhaque depois. Com tais hábitos, reclamava muito do calor do Rio. Preferia o clima de São Paulo. Era uma leitora voraz. Tinha predileção por Dostoiévski. Possuía grande cultura e falava francês muito bem. Sofreu discriminações, mas afirmava que a mulher e o negro deveriam se afirmar dando o melhor de si e mostrando que podiam fazer tudo tão bem quanto qualquer um, sem vitimizações.

Além das aulas de pintura, ela me deu lições de vida que levarei sempre comigo e pelas quais lhe sou eternamente grato.

Flavio Xavier

Porto Alegre, jan. 2020 ¹⁹

Em 25 de janeiro de 1946 nascia, em Pelotas, Maria Lídia dos Santos Magliani. Para muitos, a maior artista gaúcha de todos os tempos. A mesma data do aniversário de São Paulo, para onde Magliani se transferiu e sonhou concretizar sua aspiração artística: ser reconhecida e viver dignamente. Nenhum destes sonhos se moldou, embora talvez tenha experimentado seu auge

na capital paulista. Mudou-se para outras cidades, numa eterna fuga de si mesma, até morrer no Rio de Janeiro. Ano passado conheci sua última morada, uma pensão decadente na Lapa, onde mal cabiam o catre e uma mesa. Sequer um armário. Pareceu-me uma solitária. O dono da hospedaria ainda conserva uma pintura dela, cores fortes que destoam um pouco do seu traço, mas que se adaptam bem ao ambiente paupérrimo. Como se avisasse que havia vida ali. Adaptar nunca foi uma palavra fácil na vida da Magliani. Ela nunca se adaptou a nada, sempre remou contra a corrente e seu grande legado, pelo pouco que pude captar, é o preço da coerência e devoção, absolutamente integral, à arte. Magliani é da mesma escola de Bacon e Van Gogh, os que se entregam desesperadamente à arte: o único ar que respiram. Contra tudo e todos. Nem nos clichês mais óbvios ela se encaixa, mesmo sendo a primeira negra que ousou se formar em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS, uma das primeiras que desfilava com sua cabeleira afro, como Angela Davis, na Rua da Praia abraçada com Caio Fernando de Abreu, ambos de preto. Nem mesmo o fato de ter recusado sua participação numa mostra de arte em conceituado espaço artístico de Porto Alegre, pela cor da sua pele, nem mesmo isso sua trajetória se encaixa, nestas caixinhas de classificação humana e ideológica. Magliani era um ser humano à frente do seu tempo. Uma artista universal. Um ser humano: assim que se via no mundo. Talvez nenhuma outra artista ostentou a multiplicidade como ela, que também contribuiu na imprensa, como diagramadora e ilustradora, e no teatro, principalmente como atriz. E em quase todos os periódicos alternativos e de esquerda em Porto Alegre e também em SP. Uma amadora no mundo das artes. E na vida. No ano passado decidi escrever sobre sua vida e obra, não necessariamente nesta ordem. Uma aventura quase irresponsável, eu que somente sei trabalhar e cuidar de dois filhos pequenos e outros dois já velhos. Mas a vida também é assim, uma tessitura imbricada, difícil, superando obstáculos os mais mesquinhos e vis, por demais comuns no mundo das artes plásticas, num país chamado Brasil, cheio de abutres e viúvas. Por que se incomodar? “Em tempos de máquinas tentadoras e mágicas, uma sociedade que esqueça a arte corre o risco de perder a alma”, como advertiu Camille Paglia. Este mês andei com meu pé machucado pelo Museu Afro Brasil, um belíssimo espaço cultural dedicado à presença negra no Brasil em SP. Apesar de seu acervo contar com duas obras dela, não avistei nenhuma no espaço permanente, nem, muito menos, como outros artistas de menor envergadura, qualquer homenagem ou destaque. Essa figura fascinante chamada Magliani, que não se encaixa em qualquer gueto ou grupo, mas que se tornou um mito gaúcho, força de sua qualidade e sensibilidade. E principalmente pela sua devoção absoluta à arte, sem concessão de espécie alguma.

Salve Magliani!

¹ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

² Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

³ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁴ Este artigo, publicado na revista *Paralelo*, é um resumo, feito pelo autor, do seu texto “Magliani: Pintura para desafinar o coro dos contentes”, publicado no *Correio do Povo*, 22 maio 1976.

Acervo Flavio Xavier

⁵ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁶ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁷ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁸ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

⁹ Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

¹⁰ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹¹ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹² Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

¹³ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹⁴ Centro de Documentação e Informação, jornal Zero Hora

¹⁵ Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

¹⁶ Acervo Núcleo Magliani

¹⁷ Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

¹⁸ Acervo Núcleo Magliani

¹⁹ Acervo Flavio Xavier





Magliani

MARIA LÍDIA MAGLIANI

(Pelotas, RS, 1946 – Rio de Janeiro, RJ, 2012)

1946

- Maria Lídia dos Santos Magliani nasce em 25 de janeiro, em Pelotas, RS. Filha de Antonio Magliani, funcionário público da Secretaria de Agricultura do RS, e de Eugenia dos Santos Magliani. Sua irmã, Maria da Graça, nasce em 1948 e seu irmão, Manuel Antonio, em 1950.



1



2

1950

- A família muda-se para Porto Alegre, passando a residir no bairro Sarandi.
- Inicia seus estudos no Ginásio Estadual Cândido José de Godoy.

Eu comecei a pintar com 9 anos de idade. Antes disso, no entanto, eu já desenhava, como todas as crianças desenhavam. Só acontece que eu era uma dessas crianças que não parou de desenhar. Aliás, não imagino a minha vida sem o desenho.¹

Magliani, 1977

1963

- Ingressa no Curso de Artes Plásticas da Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Monta as suas primeiras telas de pintura usando sacos de aniagem, com o auxílio do pai.

1964-1965

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- Centro Acadêmico Tasso Corrêa, Escola de Artes da UFRGS, Porto Alegre.
- II Salão de Alunos da Escola de Artes da UFRGS. Menção honrosa em pintura.

1966

- Forma-se em Pintura.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

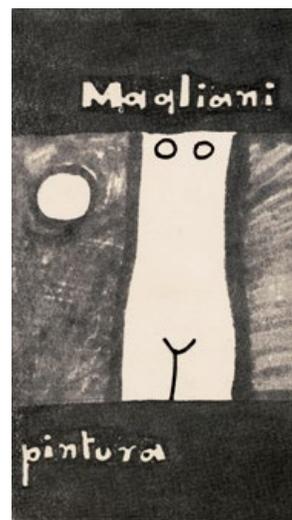
- Galeria Espaço, Porto Alegre, incentivada por seu professor Ado Malagoli.



3



4



5

1967

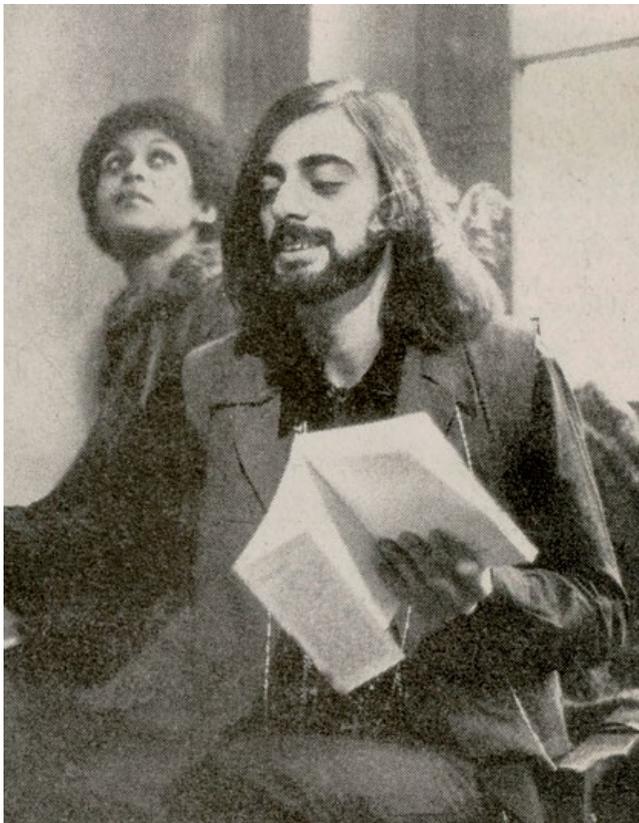
- Pós-graduação em Pintura com Ado Malagoli no Instituto de Artes, UFRGS.
- Formação Pedagógica pela Faculdade de Filosofia e estágio no Colégio de Aplicação, ambos da UFRGS.
- Nesse período, estabelece amizade com o escritor Caio Fernando Abreu.
- Produz capas de programas teatrais até o ano 1969.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Galeria Leopoldina, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- II Salão de Arte Universitária do Rio Grande do Sul, Galeria Sete Povos, Porto Alegre.
- III Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Museu de Arte Contemporânea José Pancetti, SP.



6



7

1. Magliani criança. Acervo Núcleo Magliani
2. Magliani, à esquerda da foto, sua mãe, seu pai, e seus irmãos, c.1965. Acervo Núcleo Magliani
3. Magliani ao lado de uma de suas pinturas. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 4 maio 1966. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
4. Magliani, c. 1966. Acervo Núcleo Magliani
5. Folder da exposição na Galeria Leopoldina, Porto Alegre, 1967. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
6. Magliani e Caio Fernando Abreu em 1970. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, jun. 1999, p. 8, Cultura. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
7. Ilustração para o conto de Caio Fernando Abreu, *O mar mais longe que eu vejo*, publicada no jornal *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, ano II, n. 86, 28 jun. 1969. Acervo Flavio Xavier

1968

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- Artistas gaúchos, Leme Palace Hotel, Rio de Janeiro.
- Coletiva internacional, Chelsea Art Gallery, São Paulo.

1969

- Atua na peça *As criadas*, de Jean Genet, direção de Miguel Grant, em produção para o Aldeia 2, um teatro-garagem que fez sucesso no bairro Bom Fim, Porto Alegre.
- Cria com Francisco Aron o Espaço de Arte, no corredor do Teatro Aldeia 2, e nele expõe pinturas e objetos artesanais.
- Ilustra uma série de contos de Caio Fernando Abreu, no jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre.
- Faz curso de litografia no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 4º Salão Cidade de Porto Alegre.
- “I Liquidação de Arte”, Galeria Leopoldina, Porto Alegre.
- “Momento um”, Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Porto Alegre.



8



9

1970

- Trabalha como cenógrafa e figurinista de diversas montagens teatrais até o ano de 1979.
- É professora de Artes Plásticas, lecionando para crianças de 4 a 6 anos em escola estadual de Porto Alegre.
- Cenário, com Elton Manganelli, para a peça *Não saia da faixa de segurança*, de Carlos Carvalho e Francisco Aron, no Teatro Aldeia 2, em Porto Alegre. Espetáculo proibido pela censura estadual e liberado pela censura federal, em 1972. Não foi montado.
- Protagoniza a montagem de *O negrinho do pastoreio*, adaptada do conto de Simões Lopes Neto, direção de Delmar Mancuso, Teatro São Pedro, Porto Alegre.
- Atua na peça *A Celestina*, de Fernando de Rojas, no Círculo Social Israelita de Porto Alegre, com produção e direção de Luís Artur Nunes.



10



11

1971

8. Vera Maria Centeno, Ana Maria Cauduro, Elton Manganelli, Antônio Carlos Maciel, Magliani, Carlos Asp e Beatriz Fauth, alguns dos participantes da “Liquidação de Arte Contemporânea”, na Galeria Leopoldina, em Porto Alegre, em 1969. Acervo Elton Manganelli
9. Na parte inferior, Magliani e Elton Manganelli; ao centro, Hilda Hober, Eduardo Cruz e [...], alguns dos alunos participantes da exposição “Momento um”, em 1969. Acervo Elton Manganelli
10. Magliani fotografada por Luiz Carlos Felizardo, 1970. Cortesia do artista
11. A segunda edição de *Pato Macho*, com retrato de Magliani feito por Luiz Carlos Felizardo, 1971. Acervo Luiz Carlos Felizardo
12. Estudos de figurinos para a peça *O baile dos ladrões*, Teatro de Câmara, Porto Alegre, 1971. Col. Luís Artur Nunes, São Paulo
13. Magliani prova figurino criado por ela para a peça *O baile dos ladrões*, Porto Alegre, 1971. Acervo Elton Manganelli
14. Magliani, à direita das fotos, na montagem de *Antígona*, 1972. Acervo Romanita Disconzi

- Um de seus retratos feitos pelo fotógrafo Luiz Carlos Felizardo é publicado na segunda edição de *Pato Macho*, jornal alternativo porto-alegrense, cujo editor-chefe é Luis Fernando Veríssimo.
- Cria cenário e figurinos, com Elton Manganelli, e atua na peça *O baile dos ladrões*, de Jean Anouilh, espetáculo do Grupo de Teatro Província, com direção de Carlos Carvalho, no Teatro de Câmara, em Porto Alegre. No elenco, Suzana Saldanha, Luís Artur Nunes e outros.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- Galeria de Arte do Teatro de Câmara da Prefeitura de Porto Alegre.
- Galeria Oca Morganti, Porto Alegre.



12

13

1972

- Trabalha como diagramadora e ilustradora da Revista ZH do jornal Zero Hora, em Porto Alegre, onde permanecerá até 1974, e realiza alguns trabalhos para o jornal Diário de Notícias.

[Vejo a ilustração] como uma síntese do texto, do conteúdo, mais a opinião do próprio ilustrador. Quanto a isso não abro mão. O ilustrador não é um executor da ideia alheia. ² Magliani, 1999

- Ilustra a capa da Revista ZH, que dedica sete páginas aos 277 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Jornal Zero Hora, Porto Alegre.
- Interpreta Tirésias, o adivinho cego em *Antígona*, de Sófocles. Direção de Ivo Bender, na loja Rosacruz de Porto Alegre. No elenco, Caio Fernando Abreu, Romanita Disconzi, entre outros.



A ideia era compor o adivinho como um vidente de candomblé: Magliani aceitou a incumbência e logo percebi o acerto da escolha. A peça foi encenada sobre um longo tapete vermelho, no espaço sagrado de um templo rosa cruz. Magliani, como atriz, era intuitiva e muito disciplinada. Sua figura e interpretação foram os momentos mais impactantes do espetáculo.³
Ivo Bender, 2013

- Atua na peça *O auto do pastorzinho e seu rebanho*, de Ivo Bender, direção de Irene Brietzke, no Paço Municipal de Porto Alegre. No elenco, Araci Esteves, Cecília Niesenblat, Graça Nunes e Maria Lucia Raymundo.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- Artistas gaúchos no 6º Festival de Inverno de Ouro Preto, MG.
- “I Expo-Arte Universitária”, PUCRS, Porto Alegre. Participa como artista convidada.

1973

- Atua ao lado de Sandra Dani e elenco na montagem da *Ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht, direção Luiz Paulo Vasconcellos, Clube de Cultura, Porto Alegre.
- Cenário para *Alzira Power*, de Antônio Bivar, direção Paulo Albuquerque, Teatro de Câmara, Porto Alegre.
- Cenário e figurinos para *Calígula*, de Camus, direção Miguel Grant, Teatro de Arena, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- Inauguração da Galeria Guignard, Hotel Plaza São Rafael, Porto Alegre.
- “Três pintores negros”, com J. Altair e Paulo Chimendes, Galeria de Arte do Teatro de Câmara, Porto Alegre. Exposição organizada pelo Grupo Palmares de Porto Alegre em homenagem ao aniversário da morte de Zumbi.

1974

- Passa a trabalhar como ilustradora e diagramadora do jornal *Folha da Manhã*, de Porto Alegre, permanecendo nesse cargo até 1979. Na redação dos jornais faz um grande número de amigos, entre eles Mariza Scopel, Léo Tavejnhansky, Rosvita Laux, Eduardo San Martin, Maria da Graça Guindani e Valdir Zwetsch.
- Integra a equipe supervisionada por Vaniá Brown junto à Tenda da Cultura, projeto que leva ensino da pintura a populações mais ou menos marginalizadas.
- Cenário e figurinos para *Aventuras de um diabo malandro*, Teatro de Arena, Porto Alegre.
- Cenário para *A noite dos assassinos*, de Roma Mahieu, Teatro de Câmara, Porto Alegre.

15



15. Aniversário de 27 anos. Da esquerda para a direita: seu pai Antonio, Magliani, Paulinho Walmórbida, a irmã Maria da Graça, Renato Rosa, Cacaio Praetzel e a mãe Eugenia. Acervo Núcleo Magliani

16. Ilustrações para o jornal *Folha da Manhã*, Porto Alegre, década de 1970. Acervo Omar L. de Barros Filho

- Faz curso de aperfeiçoamento em litografia com Danúbio Gonçalves, no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO CONJUNTA

- “Mostra a dois”, de Magliani e Roseane Silva, Galeria Gerdau, Porto Alegre.



16

1975

- Cenário para *Em palpos de aranha*, show do grupo musical que inclui Da Graça (Maria da Graça Magliani), Cláudio Levitan, Zé Flávio e Giba Giba, entre outros, no teatro do Círculo Social Israelita, em Porto Alegre.
- Capa, planejamento gráfico e ilustrações para o livro independente *Há margem*, planejamento editorial de Licínio de Azevedo, Sérgio Caparelli e Eduardo San Martin, Lume Editora, Porto Alegre.
- Ilustração para a capa do livro de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, *Danças e andanças da tradição gaúcha*, Editora Garatuja, Porto Alegre.
- Ilustração para o conto de Sérgio Caparelli publicado na antologia *Teia*, Lume Editora, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- Mostra de reinauguração da Galeria Sete Povos, Porto Alegre.
- Mostra de inauguração da Galeria Eucatexpo, Porto Alegre.
- “Mini-trabalhos”, Galeria do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Porto Alegre.

1976

- Participa de uma das primeiras reuniões de artistas que dariam origem, posteriormente, ao Grupo Nervo Óptico, em Porto Alegre, voltadas à discussão e à produção de arte contemporânea. Magliani não chega a integrar o grupo, que dissolve-se em 1978.
- Capa e ilustrações para *Andrômeda*, de Sérgio Caparelli, Editora Movimento – SEC-RS, Porto Alegre.
- Ilustração para a capa da primeira edição da Revista Paralelo, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

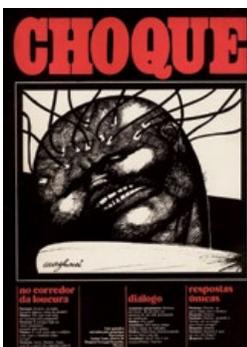
- “Anotações para uma história”, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, ainda na sua sede provisória na Av. Senador Salgado Filho, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- “A figura humana”, Galeria de Arte do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Porto Alegre.



17



18



19

1977

- Ilustração para o conto de Mariza Scopel publicado no livro *Vício da palavra*, uma antologia de novos autores, incluindo Valdir Zwetsch, Caio Fernando Abreu, Nei Duclós, Eduardo San Martin e outros. Edições Cooperativas Garnizé, São Paulo.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Galeria de Arte do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Porto Alegre.

Neste tema das mulheres faço questão do volume, quero que as figuras saiam de dentro da tela e sufoquem, em gordura, o espectador. ⁴ Magliani, 1977

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- I Salão de Desenho do Rio Grande do Sul, Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Recebe o primeiro prêmio.
- IV Salão Nacional de Artes Plásticas da Caixa. Prêmio Aquisição em Pintura, passando a integrar o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Goiás.

1978

- Ilustrações para o jornal *Versus*, de São Paulo, periódico que denuncia regimes autoritários na América Latina por meio de narrativas de ficção, quadrinhos, pinturas e poesia.

17. Capa, planejamento gráfico e ilustrações de Magliani para o livro "Há margem", 1975. Acervo Documental Fundação Iberê
18. Ilustração de Magliani para o jornal *Versus*, São Paulo, n. 10, maio 1977. Acervo Omar L. de Barros Filho
19. Capa ilustrada por Magliani para a primeira edição da Revista *Paralelo*, Porto Alegre, 1976. Acervo Juarez Fonseca
20. Sem título, 1977 | Óleo sobre tela | 65 x 53,3 cm | Col. Cacaio Praetzel, Porto Alegre
21. Magliani ao lado de uma de suas pinturas. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 4 set. 1977. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS
22. **Ela - Hum**, 1977 | Óleo sobre tela | 81 x 64 cm | Acervo do Museu de Arte Contemporânea de Goiás
23. As gordas que sufocam. *Coojornal*, Porto Alegre, out. 1977, p. 10. Acervo Flavio Xavier
24. Estudo para cenário da peça *A libertação do diretor-presidente*, texto e direção de Julio Zanotta Vieira, 1979 | Hidrocor sobre papel | 26,5 x 43 cm Col. Julio Zanotta Vieira, Porto Alegre
25. Encenação de *A libertação do diretor-presidente* com os painéis produzidos por Magliani, em 1979. Acervo Julio Zanotta Vieira



20



21



22

- Colabora com ilustrações para o primeiro número da revista *Tiçõ*, veículo da imprensa alternativa de Porto Alegre que atua, nesse período, no combate ao racismo no Rio Grande do Sul.
- Publica carta na edição número 4 do histórico *Lampião da Esquina*, jornal que aborda temas como repressão e liberdade de homens gays, travestis, lésbicas, mulheres, pessoas negras e povos originários. Nela, Magliani fala dos preconceitos no Sul do País, especialmente contra os hoje chamados LGBTQI+.

O gueto dentro do gueto? Pressinto, em algumas entrelinhas, uma certa tendência em discriminar uma parcela que talvez seja a mais necessitada de atenção e a mais alijada, inclusive social, cultural e economicamente, a que o Sr. Ferreira chama de “bichórdia” de uma forma tão cruelmente pejorativa. Não creio que o jornal assumira esse tipo de “luta de classes”, porque estaria, no meu entender, anulando boa parte do esforço de acordar o homo brasileiro.⁵
Magliani, 1978



23

EXPOSIÇÃO CONJUNTA

- Magliani e João Carlos Henz, Galeria Eucatexpo, Brasília, DF.

1979

- Painéis para o espetáculo *A libertação do diretor-presidente*, texto e direção de Julio Zanotta Vieira e produção de Catulo Parra, Teatro Renascença, Porto Alegre. As três pinturas que compunham o cenário integram o acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Magliani: Brinquedo de armar”, Galeria de Arte Independência, Porto Alegre.

Chega de dizer que Magliani é a artista do protesto, do pessimismo, do áspero. O cúmulo do comodismo e da covardia é fechar alguém, rotular para poder se relacionar com ele.⁶
Jornal Zero Hora, 1979

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Figuração referencial”, XI Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha.
- Artistas gaúchos, texto de apresentação de Jacob Klintowitz, saguão do Banco de Boston, São Paulo.
- Artistas gaúchos, Washington, EUA.
- Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Participa com três pinturas a óleo da série *Brinquedos de armar*, concebidas como um tríptico.

24



25



1980

- Transfere-se para São Paulo, em fevereiro.

Passei os últimos três anos trabalhando lá [em São Paulo] e aqui. Tenho muitos amigos, não é uma coisa suicida. [...] Quero me dedicar mais à minha pintura que precisa cada vez mais de concentração e não ficar me dispersando num emprego.⁷

Magliani, 1980

- Trabalha como ilustradora para o Folhetim, suplemento dominical de cultura do jornal Folha de São Paulo, até o final de 1982.
- Atua temporariamente na montagem carioca de *O senhor Galindez*, de Eduardo Pavlovsky, espetáculo porto-alegrense dirigido por Paulo Albuquerque.
- Ilustrações em xilogravura para *O círculo do suicida*, de Eduardo San Martin, publicado no ano seguinte pela Editora Margem, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Spazio Pirandello, São Paulo.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- Panorama da Arte Atual Brasileira – Desenho e Gravura, Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1981

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Pinacoteca Municipal Miguel Dutra, Piracicaba, SP.
- Galeria de Arte do Centro Comercial, Porto Alegre.

A evolução notável da obra da artista tem seu ponto forte na coerência. Crítica mordaz e quase candente da situação da mulher e da sociedade de consumo, seu trabalho tem a força das verdades inteiras e seu expressionismo é filho direto do realismo. Afinal, a decadência e a hipocrisia não são belezas.⁸

Luiz Inácio Medeiros, 1981

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- Desenhos, Galeria Suzanna Sassoun, São Paulo.
- 1º Salão de Arte de Santa Maria, UFSM, RS. Recebe o segundo prêmio em desenho.
- II Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais, Paço das Artes, São Paulo.

1982

- A partir desse ano, até 1984, ministra aulas particulares de pintura em São Paulo.
- Ilustração para o jornal *Mulherio*, criado por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, envolvidas com o estudo da condição feminina no Brasil.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Pinacoteca Municipal Miguel Dutra, Piracicaba, SP.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1º Salão Paulista de Arte Contemporânea, Fundação Bienal, São Paulo.



1983

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- “Magliani”, Sala de Exposições da UFSM, RS, curadoria Renato Rosa.
- “Desenhos”, Galeria de Arte do Centro de Estudos Brasileiros, Embaixada do Brasil em Assunção, Paraguai, com texto de apresentação de Lívio Abramo.

Uma arte vigorosa, espontânea, agressiva e sem concessões – uma arte que evita a beleza em seu sentido clássico e aspira a retratar as “verdades ocultas” do ser humano, sejam elas compreensíveis ou detestáveis.⁹

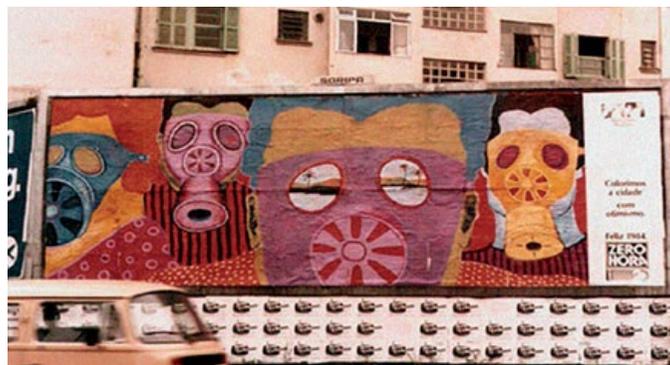
Lívio Abramo, 1983

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Do Passado ao Presente: as artes plásticas no Rio Grande do Sul”, Cambona Centro de Artes, Porto Alegre.
- XXXVI Salão de Artes Plásticas de Pernambuco.
- Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 6º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- “Arte na Rua”, projeto vinculado ao Museu de Arte Contemporânea da USP em que artistas produzem outdoors espalhados pela cidade. Magliani pinta diretamente nas folhas de papel com tinta acrílica.
- Em dezembro, a convite de Angélica de Moraes, participa de iniciativa semelhante promovida pelo Grupo RBS, em Porto Alegre.



27



28

26. Ilustração para texto de Inês Castilho, *A dança do prazer e da morte*, jornal *Mulherio*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, ano 2, n. 6, mar./abr. 1982. Acervo Biblioteca Ana Maria Poppovic/Fundação Carlos Chagas, São Paulo

27. Magliani, Angélica de Moraes e amigos junto ao outdoor de São Paulo, 1983. Acervo Galeria Tina Zappoli

28. O outdoor em Porto Alegre, 1984. Acervo Núcleo Magliani

1984

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- Pinturas recentes, Galeria Tina Presser, Porto Alegre.
- “Magliani”, Galeria Municipal de Arte, Pelotas, RS.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 7º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- “Viva Pelotas Ano II”, exposição comemorativa ao aniversário da cidade, Galeria Masson, Pelotas, RS.



29

1985

- Ministra aulas de Desenho na Faculdade de Artes Santa Marcelina, São Paulo.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Grupo Gaúcho: pintura”, Galeria Alberto Bonfiglioli, São Paulo, texto de Angélica de Moraes.
- “Pinacoteca anos 80”, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- XVIII Bienal Internacional de São Paulo – Núcleo Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades, curadoria de Stella Teixeira de Barros e Ivo Mesquita.

1986

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1ª Bienal Latino Americana de Arte sobre Papel, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires, Argentina.
- Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Participa com pinturas da série *Discussões com Deus*, retratando travestis da noite paulistana.

A forma de racismo que sofro de modo mais contundente (não agora, desde muito, muito tempo), além das domésticas e cotidianas é a que parte do princípio de que sendo negra, sou “naturalmente” incapaz de gerir minha vida, meu trabalho, minhas ideias e, portanto, “preciso ser protegida”. Dirigida.¹⁰
Magliani, 1986

1987

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- “Auto-retrato dentro da jaula”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A mostra, de caráter retrospectivo, marca os 20 anos de carreira de Maria Lídia Magliani. Curadoria de Cho Dorneles.

29. Abertura da exposição de Magliani na Galeria Tina Presser. A artista, Iberê Camargo e Vera de Nonohay Schneider Santos, 1984

30. Magliani na Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo, 1987. Acervo Galeria Tina Zappoli

31. Maria Coussirat Camargo, Magliani, Tina Zappoli e Iberê Camargo na abertura da exposição da artista, na Galeria Tina Presser, em Porto Alegre, em 1987. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

- Pinturas e desenhos, Galeria Tina Presser, Porto Alegre.
- Pinturas e desenhos, Espaço Capital, Brasília.
- Pinturas e desenhos, Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo, onde são incluídas esculturas em papel machê.
- “Magliani: Discussão com Deus”, Galeria Van Gogh, Hotel Manta, Pelotas, RS.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Connections Project/Conexus”, organizada por Josely Carvalho e Sabra Moore, com texto de apresentação de Lucy Lippard, Museum of Contemporary Hispanic Art, Nova York, EUA.
- Panorama da Arte Atual Brasileira – Arte sobre Papel, Museu de Arte Moderna de São Paulo.



30



31

1988

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “A Mão Afro-Brasileira”, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Projeto de Emanuel Araujo, que faz um levantamento nacional da produção dos artistas afrodescendentes.
- “10 Artistas Riograndenses”, Museu de Arte Contemporânea, Montevideu, Uruguai.

1989

- Magliani deixa São Paulo e passa a morar em Tiradentes, MG, buscando um lugar mais tranquilo para trabalhar.

Ontem vi uma foto de Tiradentes na revista Corpo a Corpo, uma vista geral, e fiquei pensando em qual dos morrinhos você moraria. Pois há de ser, certamente, num morrinho, acertei? E morrinhos e morrinhos a perder de vista no horizonte. Inveja. Inveja do bem, saudável, por você ter cortado os laços com o urbano. Cortou? Eu continuo atado.¹¹

Caio Fernando Abreu, 1990

- Ministra curso de desenho no Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe, Aracajú.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Magliani”, Galeria Municipal de Arte, Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Pelotas, RS.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Tina Zappoli visita Saramenha”, Galeria Saramenha, Rio de Janeiro.
- “Connections Project/Conexus”, Museu de Arte Contemporânea da USP, São Paulo.
- “Arte Sul 89”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- “Introspectives: Contemporary Art by Americans and Brazilians of African Descent”, organizada por Henry J. Drewal e David C. Driskell, California African American Museum, Los Angeles; Bronx Museum of the Arts, Nova York, EUA, e outros. Exposição itinerante.



32



33

1990

- Em Tiradentes, Magliani integra-se aos artistas da idade e ajuda a fundar o Grupo LOA – Largo do Ó Arte.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “em Gerais”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Figurativismo/Abstracionismo: o vermelho na pintura brasileira”, organização Itaú Cultural, inclui apresentação de Rubem Valentim. Exposição itinerante: São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Campinas.
- “Homenagem a Van Gogh”, Galeria Van Gogh, Pelotas, RS.
- “Artistas do Grupo LOA”, Tiradentes, MG.

34



32. Sem título, 1989 | Óleo sobre tela | 53 x 73 cm | Col. particular, Cotia, SP

33. Sem título, 1989 | Papel machê e madeira | 24 x 23 x 15 cm | Cortesia Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre

34. Fundação da LOA - Largo do Ó Arte - da esquerda para a direita: Marcelo Raizeiro, Luciano Maurício, Lyria Palombini, Marcio Botner, Fátima Moura, Maria José Boaventura, João Quaglia, Lígia Velasco, Magliani, Fernando Pitta, Valin Branco e Matheus Rocha Pitta. Acervo Núcleo Magliani

35. Capa do livro de Caio Fernando Abreu, *Inventário do ir-remediável*, com ilustração de Magliani, Porto Alegre, Editora Sulina, 1995. Acervo Documental Fundação Iberê

1991

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Mulher & Imagem”, alusiva ao Dia Internacional da Mulher, Agência de Arte, Porto Alegre. Sala especial.
- Galeria Firenze, Pelotas, RS e Espaço Oficina, Rio Grande, RS.

1992

- Emanuel Araujo assume a direção da Pinacoteca do Estado de São Paulo e incorpora obras de Magliani ao acervo da instituição, buscando torná-lo mais diverso e representativo.

EXPOSIÇÃO CONJUNTA

- “Magliani e Maria Tomaselli – Salas Especiais”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “A Arte Brasileira da Academia à Contemporaneidade”, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- “Mulheres artistas da Pinacoteca”, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

1993

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Recebe menção honrosa.

1994

- Doa uma pintura ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, de Pelotas, RS, sua cidade natal.

1995

- Por solicitação pessoal de Caio Fernando Abreu, cede ilustração produzida e não utilizada em 1982 para capa da segunda edição do seu livro *Inventário do ir-remediável*, Editora Sulina, Porto Alegre.

Adorei receber o Inventário e ver finalmente concretizada nossa parceria. Ainda sonho com a continuação dela com uma ilustração para cada conto futuro. Recebi ontem, ainda não comecei a reler. A mudança no título é ótima e, por si, um conto.¹²

Magliani, 1995

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Novas doações”, Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- “Organismos”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.
- 46º Salão de Abril, Ideal Clube, Fortaleza. Participa como artista convidada.



35

1996

- Ao final do ano, volta a residir em São Paulo, retoma o trabalho de ilustradora e passa a atuar no Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo.

Estou desmontando a casa, me livrando de excessos, encaixotando vidas passadas, levando tudo para um pequenissimo ap. no pé do morro onde ficará guardado até que eu encontre um pouso em S. Paulo. Cancelei todas as festividades e exposições comemorativas dos 30 anos de carreira e vou começar tudo de novo. 30 anos deve ser uma boa idade para renascer.¹³ Magliani, 1995

- Contribui com o texto *Não quero ser fatiada* para o livro *Nós, os afro-gaúchos*, coordenação Euzébio Assumpção e Mário Maestri, editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- “Natureza humana”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

1997

Passa a residir no Rio de Janeiro, na Rua Joaquim Silva, bairro da Lapa.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- “Permanência”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

1998

- Cria figurinos para a peça *O sapateiro do rei*, Grupo Entrevista, Centro Cultural Yves Alves, Tiradentes, MG.
- Ministra curso básico de papel machê na Escola Abaporu, Belo Horizonte.

EXPOSIÇÃO CONJUNTA

- Magliani e Maria José Boaventura, Universidade Federal de Viçosa, MG.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 5º e 6º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro. Evento pioneiro na abertura dos ateliês de artistas ao público.
- 2º Festival de Inverno de Santa Teresa – O Rio sobe de novo a ladeira, Rio de Janeiro.
- “Em torno do figurativo”, Galeria SESC Copacabana, Rio de Janeiro.
- “Arte Erótica”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- “Brazilian Artists from Rio Grande do Sul”, Embaixada do Brasil, Haia, Holanda.

1999

- Passa a residir em Porto Alegre, na Rua Duque de Caxias, Centro Histórico da cidade.
- Ministra curso básico de papel machê no ateliê da artista Lou Borghetti e oficina de pintura sobre papel no Atelier Estággio, ambos em Porto Alegre.
- Ilustração para a capa de *A torta de girassol*, de Rosângela Mello, Editora da UFRGS, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 7º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.
- “Arquétipos – a próxima ceia”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

2000

- Em junho, volta a morar no Rio de Janeiro, no bairro de Santa Teresa. Passa a utilizar o Estúdio Dezenove, juntamente com Ivana Curi, Julio Castro, Paula Erber e Robson Camilo, como espaço de trabalho, produzindo pinturas, desenhos, esculturas e objetos em papel machê.
- Ministra oficina de pintura sobre papel no Atelier Livre da Prefeitura, no Atelier Estággio e no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Apotropaico”, exposição individual, Galeria Gestual, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 10º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.
- Magliani, Ivana Curi, Julio Castro e Paula Erber, Galeria Arte Sumária, Santa Teresa, Rio de Janeiro.



36



37

36. Magliani no Estúdio Dezenove, 2001. Acervo Núcleo Magliani

37. Magliani no Estúdio Dezenove, 2001. Acervo Núcleo Magliani

38. Magliani em Paris, 2002. Acervo Núcleo Magliani

39. **Acumulações – Retratos**, 2002
Nanquim e aguada de nanquim sobre papel | 69,5 x 99,5 cm
Col. MAR - Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro / Doação Julio Castro

40. Julio Castro, Paula Erber e Magliani, 2003. Acervo Núcleo Magliani

41. Denise Mattar, Magliani e Jorge Salomão na abertura de “Trabalho Manual”, 2004. Acervo Núcleo Magliani

2001

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Auto-retrato”, Galeria Tina Zappoli, Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 11º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.
- “22 artistas do Dicionário de Artes Plásticas”, mostra para o lançamento do Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul, de Renato Rosa e Decio Presser, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

2002

- Em maio, viaja a Paris em companhia de artistas do intercâmbio estabelecido com os Ateliers d’Artistes de Belleville. É sua primeira viagem à Europa.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- 12º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.



38



39

2003

- Participa da fundação da Chave Mestra – Associação dos Artistas Visuais de Santa Teresa, entidade que passa a assumir a organização do evento Arte de Portas Abertas, no Rio de Janeiro.
- Participa do Projeto Jovens Aprendizes, orientando oficina de artes plásticas para adolescentes do bairro de Santa Teresa, realizado pelo Arte de Portas Abertas, Rio de Janeiro.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Retratos de ninguém”, Projeto Vitrine Efêmera, Estudio Dezenove, Rio de Janeiro.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Uma janela para o Brasil”, Portes Ouvertes des Ateliers d’Artistes de Belleville, Paris.
- 13º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.



40

2004

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Trabalho Manual”, homenageada na 14ª edição do evento Arte de Portas Abertas, texto de apresentação de Denise Mattar, Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- “A Chave Mestra mostra a sua cara”, mostra de autorretratos no Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Santa Teresa, Rio de Janeiro.



41

2005

- Em janeiro, passa a residir em São Paulo, na Rua Paim, região central da cidade. Um incêndio destrói seu arquivo de correspondências trocadas com Caio Fernando Abreu e amigos.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Garagem de Arte Stockinger, Porto Alegre.

Foi muito bom ver tantas pessoas no vernissage, passear pelo Bom Fim, comer nos novos japoneses, a picanha do Barranco, o pão cervejinha no Bauru do Joe's com a melhor mostarda do mundo, o perfume dos pêssegos nas bancas bem arrumadas, lojas antigas no mesmo lugar. Um Moinhos de Vento que põe a Oscar Freire no chinelo, velhos muito lúcidos, tantos olhos azuis. Mas o melhor mesmo foi a festa dos jacarandás floridos.¹⁴
Magliani, 2005

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- “Zona oculta”, CEDIM – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, Rio de Janeiro.

A série Alfabeto é fruto da necessidade de obter uma sensação de movimento na superfície da tela usando apenas uma forma repetida diversas vezes. A figura escolhida foi a que me surgiu como a mais passível de mostrar vários comportamentos sem perder a identidade. Por ser uma forma extremamente maleável sugere um conjunto de símbolos, possíveis fundadores de uma escrita; uma leitura a mais para um objeto já pleno de conotações.¹⁵
Magliani, 2005

2006

- Passa a residir na Praia do Perú, em Cabo Frio, RJ.
- Em dezembro, volta a morar no Rio de Janeiro, entre a Lapa e Santa Teresa.
- Ilustração para a capa de *Escoliose – um estudo tridimensional*, de René Pedriole, Editora Summus, São Paulo.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- 16º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

2007

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “A gaveta do artista”, Galeria Mauá da Associação dos Artistas Visuais de Santa Teresa – Chave Mestra, Rio de Janeiro.
- 17º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.
- “Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul – 10 anos”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



42

42. Magliani no Estúdio Dezenove, 2009. Acervo Núcleo Magliani

43. Magliani preparando a matriz da xilogravura “Bailado”, 2009. Acervo Núcleo Magliani

44. **Bailado**, 2009 | Xilogravura | ø 25,5 cm | Acervo Estúdio Dezenove, Rio de Janeiro

2008

- Viaja a Paris em um intercâmbio entre a Associação Chave Mestra e os Ateliers d'Artistes de Belleville.
- Doa seis pinturas da série *Um de todos* (2003) à Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre tendo, pela primeira vez, sua obra representada em acervo público municipal.
- Ministra oficina no contexto da Semana do Desenho, no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Paço Municipal de Porto Alegre.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 18º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.
- “1978 – O MARGS em sua nova sede”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



43



44

2009

- Com a aquisição de uma prensa, suas gravuras em metal e xilogravuras passam a ser impressas no Estúdio Dezenove, por Julio Castro, que torna-se seu impressor.

Axilgravura é uma influência direta no meu trabalho e Goeldi talvez seja uma influência maior do que todos os pintores que admiro.¹⁶
Magliani, 2001

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- 19º Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

2010

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- Pinturas, gravuras e recortes, Casa da Gravura, Porto Alegre.

Depois de tanto tempo de trabalho e de tantas mudanças, todas as influências estão tão misturadas que não há mais sentido em identificá-las. No momento eu digo que tanto Van Gogh quanto Google.¹⁷

Magliani, 2010

EXPOSIÇÃO COLETIVA

- 20ª Arte de Portas Abertas, Circuito de Ateliers, Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Santa Teresa, Rio de Janeiro.

2011

- Duas obras suas são adquiridas para a coleção inicial do Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, em Salvador.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “My Baby Just Cares for Me”, Museu Imaginário, Bruxelas, Bélgica. Mostra organizada por Julio Castro, que levou os artistas do Estudio Dezenove e alguns coletivos cariocas para ações de arte urbana em Bruxelas no mesmo período da Europalia Brasil.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Fábrica de fábulas”, curadoria de Osvaldo Carvalho, SESC Ramos, Rio de Janeiro.
- “O museu sensível: uma visão da obra de artistas mulheres na coleção do MARGS”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

2012

- Em novembro, é entrevistada por Viviane Gueller, em Porto Alegre. Trata-se da última entrevista conhecida da artista, finalmente publicada em 2022, no contexto da exposição “Magliani”, na Fundação Iberê.

45. Montagem da exposição “My Baby Just Cares for Me”, Museu Imaginário, Bruxelas, 2011. Acervo Núcleo Magliani

46. O Estudio Dezenove e sua “Vitrine Efêmera” com intervenção de Magliani, Rio de Janeiro, 2012. Acervo Estudio Dezenove





46

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

- “Procura-se”, reunindo sua produção mais recente, em preto e branco, com texto de apresentação de Rubens Pileggi Sá, Estudio Dezenove, Rio de Janeiro.

Magliani, ao trocar o rosto de ninguém por um bule amassado, por um pano enrolado, ou outra coisa qualquer, nos faz pensar sobre a condição imposta não mais ao tolo, ao imbecil, mas a todos nós. Pois há em todos nós o dilema que é o de não ter como fugir e, ao mesmo tempo, não poder deixar de correr. [...]¹⁸

Rubens Pileggi Sá, 2012

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- “Um de todos”, obras das Pinacotecas Aldo Locatelli e Ruben Berta, Paço Municipal de Porto Alegre.
- “O triunfo do contemporâneo: 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul”, Santander Cultural, Porto Alegre.
- “Cromomuseu: pós-pictorialismo no contexto museológico”, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EXPOSIÇÃO CONJUNTA

- “Experiência múltipla”, com Julio Castro, Casa da Gravura, Porto Alegre. Trata-se da última exposição de Magliani em vida.
- Maria Lúcia Magliani falece em 21 de dezembro, de parada cardíaca, no Rio de Janeiro, onde é sepultada.

E fico numa ansiedade de por no papel, na tela, tudo o que vai brotando na cabeça enquanto trabalho, todas as imagens, cores e relações. Como se não fosse haver (e não há) vida suficiente pra explicitar todo este mundo interno. E fico achando que perdi tempo demais com outros detalhes da vida, que era preciso ter pintado mais e mais ainda.¹⁹

Magliani, 1992



47. Gláé Macalos, Romanita Disconzi e Magliani, na exposição “Experiência múltipla”, 2012. Acervo Romanita Disconzi

¹ Susana Sondermann. Ao longo dos anos, uma impressionante fidelidade a si própria: Magliani. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 set. 1977. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

² Teniza Spinelli. Magliani: a arte da ilustração. *Usina do Porto*, Porto Alegre, nov. 1999, p. 8. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

³ Catálogo da exposição “A Solidão do Corpo”, Paço Municipal de Porto Alegre, junho de 2013.

⁴ Luiz Carlos Lisboa. Magliani inaugura individual. *Zero Hora*, Porto Alegre, 5 set. 1977. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

⁵ Carta de Magliani publicada no jornal *Lampião da Esquina*, n. 4, ago. 1978, p. 17.

⁶ Brinquedos de armar, nova série de Magliani. *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 maio 1979. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

⁷ Magliani abandona Porto Alegre “para não estagnar”. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 13 fev. 1980, p. 17. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

⁸ Luiz Inácio Medeiros. Força e Coerência. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 29 nov. 1981. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

⁹ Livio Abramo. *Ultima Hora*, Assunção, Paraguai, sem data, Suplemento Femenino. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

¹⁰ Magliani em entrevista concedida a Tina Zappoli. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 mar. 1986, p. 9. Acervo Galeria Tina Zappoli.

¹¹ Carta de Caio Fernando Abreu a Magliani, 10 jan. 1990. Em: Caio Fernando Abreu, *Cartas*, org. Italo Moriconi, editora HB, 2016, p. 141.

¹² Carta de Magliani para Caio Fernando Abreu, Tiradentes, MG, 29 nov. 1995. Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS.

¹³ Carta de Magliani para Caio Fernando Abreu, Tiradentes, MG, 29 nov. 1995. Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS.

¹⁴ Carta de Magliani para Julio Castro, Porto Alegre, 22 nov. 2005. Acervo Núcleo Magliani.

¹⁵ Depoimento da artista cedido ao CEDIM/RJ, 2005. Acervo Núcleo Magliani.

¹⁶ “Fui condenada ao núcleo histórico” (entrevista concedida a Eduardo Veras). *Zero Hora*, Porto Alegre, 26 maio 2001, Caderno de Cultura, p. 3. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS.

¹⁷ Entrevista concedida a Michele Rolim, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, nov. 2010. Acervo Núcleo Magliani.

¹⁸ Rubens Pileggi Sá, folder da exposição “Procura-se”, Estúdio Dezenove, Rio de Janeiro, 2012. Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

¹⁹ Carta de Magliani para Caio Fernando Abreu, Tiradentes, MG, 21 mar. 1992. Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS.

então terminou? Não, não tem
acima jamais. Sempre é' começar
tudo de novo, duvidar e reconceber.
Procurar eternamente o aresso.

As soluções que descobrimos aqui, são
apenas uma partícula do muito que
ainda precisamos conhecer., um
pequeno instrumento a serviço de
nossa maravilhosa pretensão de re-
criar o mundo a cada hora.

Espero que sempre reconhecamos
a reinventar este e todos os mundos
que saibam no nosso desejo.

até' de repente

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettens
Fernando Luís Schüler
Frances Reynolds
Glauca Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Jayme Sirotsky
Joseph Thomas Elbling
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Olga Velho
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Ingrid de Króes
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

Secretária Executiva

Martha Oberst

Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais

José Kalil

Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Aisha Costa, Cecília Loureiro, Esly Pereira,
Juliana da Silva, Marina Rombaldi,
Nat Meneguzzi, Raphael Costa, Stella Fachel
e Tristan Oliveira, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai

Administrativo/Financeiro

Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI

Machado TI

Produção

Thiago Araújo
Fernanda Queiroz Alves

Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Catálogo e Comunicação Visual

Pomo Estúdio

Loja Iberê

Leonardo Martins Picoli

Receptivo

Laura Palma

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Denise Mattar
Gustavo Possamai

Consultoria

Julio Castro

Assistente de curadoria

Felipe Barros Brito

Transcrição das correspondências

Izabel Ferreira

Seguro

Affinité Seguros

Transporte

Atlantis
Bela Vista

Montagem

Felipe Shulte
Paulo Mog
Sérgio Pimentel

Comunicação visual

Pomo Estúdio

Conservação

Aloisio Arnaldo Nunes de Castro
Ana Lúcia Nakandakare
Áurea Katsuren
Eliete Pereira Corrêa
Fernanda Rodrigues
Naida Vieira Corrêa

Laudos técnicos

Elisa Malcon
Fabiane Rodrigues
Fernanda do Canto
Luíza Ambrosi Rodrigues
Paula Curado
Rita Torquette

Produção e Realização

Fundação Iberê

CATÁLOGO – VOLUME II

Coordenação editorial

Gustavo Possamai

Textos

Ado Malagoli
Angélica de Moraes
Antonio Hohlfeldt
Carlos Scarinci
Celso Marques
Danilo Ucha
Denise Mattar
Eduardo Veras
Evelyn Ioschpe
Flavio Xavier
Ivette Brandalise
Ivo Stigger
Izis Abreu
João Carlos Tiburski
Luiz Inácio Medeiros
Maria Amélia Bulhões
Maria Lídia Magliani
Michele Rolim
Renato Gianuca
Renato Rosa
Rubens Pileggi Sá
Sergio Viveiros
Sergius Gonzaga
Teniza de Freitas Spinelli
Tina Zappoli
Viviane Gueller

Cronologia

Gustavo Possamai
Julio Castro

Revisão de texto

Beatriz Caillaux

Projeto gráfico

Pomo Estúdio

Fotografias

Acervo Caio Fernando Abreu/
Delfos/PUCRS, contracapas
Acervo Documental do Museu
de Arte do Rio Grande do Sul –
MARGS, nº 3, 5-6, 21, 31
Antônio Pacheco, Agência
RBS, nº 29
Biblioteca Ana Maria Poppovic/
Fundação Carlos Chagas, nº 26
Carlos Magno, nº 12, 32
Denise Andrade, nº 8-9, 13
Elton Manganelli, nº 20, 33
Fundação Iberê, p. 28, nº 7, 11,
17-19, 35
F.Zago/StudioZ, nº 24
Galeria Tina Zappoli, p. 89
Julio Castro, nº 38, 42, 47
Júlio Ferretti, nº 43
Lisette Guerra, Agência RBS, p. 40
Luiz Carlos Felizardo, p. 4, 6, nº 10
Marinho Neto, p. 63
Museu de Arte Contemporânea
de Goiás, nº 22
Núcleo Magliani, capa, p. 64
Thales Leite, nº 39, 44
Vaniá Brown, nº 15

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

Edição 2022

© Fundação Iberê

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui reproduzidas. Eventuais falhas ou omissões serão corrigidas em futuras edições.

M195 Magliani: volume II / curadoria Denise Mattar e Gustavo Possamai ; textos: Ado Malagoli, Angélica de Moraes, Antonio Hohlfeldt [et al.]. - 2.ed. - Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2022.

92 p.: il. color.

Cronologia, textos e documentos
Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de 19/03/2022 a 31/07/2022
ISBN 978-85-89680-65-3 (volume 2)
ISBN 978-85-89680-66-0 (obra completa)

1. Artes plásticas. 2. Artistas plásticos. 3. Expressionismo. 4. Magliani, Maria Lúcia. I. Título. II. Mattar, Denise. III. Possamai, Gustavo. IV. Malagoli, Ado. V. Moraes, Angélica de. VI. Hohlfeldt, Antonio. VII. Scarinci, Carlos. VIII. Marques, Celso. IX. Ucha, Danilo. X. Veras, Eduardo. XI. Ioschpe, Evelyn. XII. Xavier, Flávio. XIII. Brandalise, Ivette. XIV. Stigger, Ivo. XV. Abreu, Izis. XVI. Tiburski, João Carlos. XVII. Medeiros, Luiz Inácio. XVIII. Bulhões, Maria Amélia. XIX. Magliani, Maria Lúcia. XX. Rolim, Michele. XXI. Gianuca, Renato. XXII. Rosa, Renato. XXIII. Sá, Rubens Pileggi. XXIV. Viveiros, Sérgio. XXV. Gonzaga, Sergius. XXVI. Spinelli, Teniza de Freitas. XXVII. Zappoli, Tina. XXVIII. Gueller, Viviane. XXIX. Fundação Iberê Camargo.

CDU 73(81)

Catlogação na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. AGRADEÇEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2022

Benemérito

JORGE GERDAU JOHANNPETER

Platinum

EDUARDO BRAULE-WANDERLEY

Diamante

IRINEU BOFF

Conselheiros Mantenedores

ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMS
FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER
JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY
OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN
WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

Mantenedores Ouro

ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | CECILIA SCHIAVON | JUSTO WERLANG
PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI | RICARDO MALCON | SILVANA ZANON

razão. Logo que se che
a novidade em a be
npeza, a elegância.
se começa a invivel
ras, começa o vício.
gostada e nas
agui ramu eu
riirão. Chega a
peço que se qual
a final - vira e
nc. De lugar não impou
um beijo exaustivo

Magliani
Jaguaripe 479/68
01229 - São Paulo - SP

escult,
esperado,
buscando.
ano canto nem palavra
cobrir este vício.
ão te encontro, não me vê
itando e esperando
de espera fumamos.



o dir
e gostando
esta no começo
ura do ganfuim, em p
le, com ilustrações par
xe do tati. E tudo que
nais, pelomas emzadas, q
livos de arte, revista de
Gano. Reinando...

Magliani
Custódio Gomes 172
36325-000 - Itaipava/MG

Vou andar amanhã por
das 14:20.
Espero te ver breve
Beijão

Tanta Dip.
continha; Não
eu viradeu
as por presos
cada esta' e
seja prosire
stus,

Magliani
Custódio Gomes 172
36325 Itaipava/MG

A tua
chomada
miga de
alho frito
passada
das la
io de
e ag
ie que
esta

quando as mulheres não am
que são as mulheres teen."

(M. Bandeira)
Muitos beijos
Magli

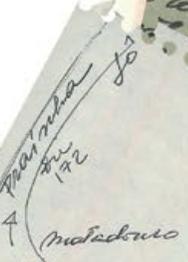
estava
ad nada - como cada prau.
de um coque arquiteto nico.
tão inquieto, abidam de um
e tão cheio de loucas melle.
e tão feia que produ
e não quero falar niro
tempo, tantas coisas pa
de dentro, e o que
o outro. O diá
Beijão

Nsa Sra de Perhaps.
para que o surte ao ho
ritendo su interesse de SP.
uma Opina de texto.
(esta pro avesso do
começo)

Magliani
Custódio Gomes 172
Itaipava/MG

Estas de 6/10
estive falando
apresentar. Ele
de entrar co
para que d
sur: um

está difícil.
alho. Estou cansada
oração está sobre
res maior evidência de
cil, cada vez mais sinto
de alguém a quem eu possa
saber onde colocar o de
de Melissa!
esta pinta de que vai vir
o Bacon, gostei muito. Aho que
proxima nossas pinceladas.
Beijão
Magliani
Beijos Magli



uma ilustração que



Fundação **Iberê**

Av. Padre Cacique, 2000
+55 (51) 3247 8000
Porto Alegre/RS

www.iberecamargo.org.br

ISBN 978-85-89680-65-3

